

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TAYNÁ GRUBER

ENTRE OS “URROS DAS FERAS E A MÚSICA SOTURNA DO VENTO”: As matas  
paranaenses nos relatos de viagem (1875-1921)

PONTA GROSSA

2018

TAYNÁ GRUBER

ENTRE OS “URROS DAS FERAS E A MÚSICA SOTURNA DO VENTO”: As matas  
paranaenses nos relatos de viagens (1875-1921)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História  
da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial  
para obtenção de título de mestre em História, na linha de pesquisa:  
discursos, representações: produção de sentidos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr. Alessandra Izabel de Carvalho.

Co-orientador: Prof. Dr. Christian Brannstrom.

PONTA GROSSA

2018

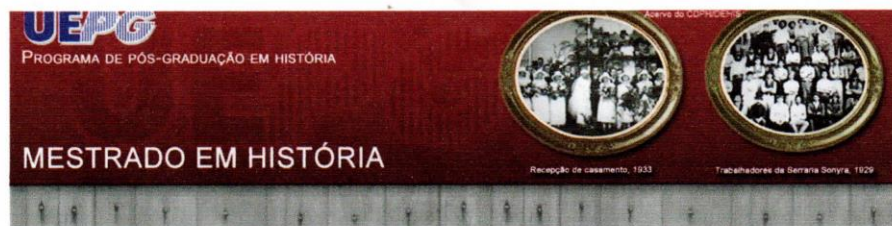
G885 Gruber, Tayná  
Entre os “urros das feras e a música soturna do vento”: as matas paranaenses nos relatos de viagens (1875-1921)/ Tayná Gruber. Ponta Grossa, 2018.  
119 f.

Dissertação (Mestrado em História – Área de concentração – Discursos, Representações: produção de sentidos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Izabel de Carvalho  
Coorientador: Prof. Dr. Christian Brannstrom

1. História - relatos. 2. Relatos de viagens. 3. Paraná. 4. Matas paranaenses. I. Carvalho, Alessandra Izabel de. III. Brannstrom, Christian. IV. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em História. V. T.

CDD : 981.62



## TERMO DE APROVAÇÃO

**Tayná Gruber**

### **Entre os “urros das feras e a musica do vento”: As matas paranaenses nos relatos de viagem (1875-1921)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História - Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 26 de outubro de 2018, pela seguinte banca examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Izabel de Carvalho (UEPG)

(Orientadora)

Prof. Dr. Diogo de Carvalho Cabral (IBGE/UFRJ)

Prof. Dr. José Augusto Pádua (UFRJ)

Ponta Grossa, 26 de outubro de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

Entre um texto e outro, ainda na construção da dissertação, escrevo esses agradecimentos. E o faço assim para me lembrar de que não estou e nunca estive só durante todo o processo. Em geral, é difícil achar as primeiras pessoas as quais agradecer, mas neste caso começo por um grupo específico e heterogêneo: as mulheres. Aquelas que lutaram por mim, que se atreveram a abrir os caminhos pelos quais eu passo, que me permitiram ser alguém que lê, que pensa, que vota, resiste, trabalha, produz, e é.

De forma mais pessoal agradeço:

À minha mãe, que me deu livros nos aniversários, que me abriu portas e as segurou com o pé firme quando os ventos fortes tentaram fechar. É imensurável o quanto eu sou grata ao incentivo aos estudos que ela me deu, mesmo sendo obrigada a abandonar os seus quando engravidou de mim.

Estendo esses agradecimentos para minha irmã, minha primeira professora, e que por diversas vezes se fez minha mãe.

À minha competente orientadora Alessandra (ou Alê). Muito do que sou hoje como profissional e como pessoa vem da minha convivência com essa generosa professora. Obrigada por dividir tanto comigo, por me acolher e me ensinar com tanta paciência, por nesses cinco anos de orientação, me abrir um novo mundo e me ajudar a explorá-lo.

Às minhas amigas Juliane, Samara e Aline. Com elas o fardo sempre ficou menor, as cervejas mais geladas e o riso mais solto. É com elas que vivencio a sororidade em plenitude. “Eu só sou porque vocês são”.

Às minhas colegas de trabalho Iara, Clara, Ivete e Fátima. Obrigada por me ensinarem o conceito de resiliência, força e coragem todos os dias na prática e por não me permitirem a alienação do mundo real.

Não é por agradecer primeiramente as mulheres que devo menos aos homens que me rodeiam:

Ao Ivan, companheiro de leitura, de reflexão, de revisão, de mapas, cafés e acolhidas quando o universo acadêmico parecia não fazer sentido. Não há palavras que expressem o meu sentimento de gratidão por todo refúgio que sempre me ofereceu.

Ao meu irmão, meu pai e meu avô, obrigada por me oferecerem sempre o melhor de vocês.

Ademais, deixo meus agradecimentos:

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG.

Aos meus colegas de mestrado.

Ao meu co-orientador.

Ao Laboratório em Memória, Cultura e Natureza da UEPG.

Aos membros da banca.

A escola de Pós-Graduação da Sociedad Latinoamericana y Caribeña de Historia Ambiental (SOLCHA).

A Igreja diz: O corpo é uma culpa.  
A ciência diz: O corpo é uma máquina.  
A publicidade diz: O corpo é um negócio.  
O corpo diz: Eu sou uma festa.

Eduardo Galeano

## **RESUMO:**

A presente dissertação busca compreender como os fatores bióticos e abióticos de parte das matas situadas no território paranaense, foram percebidas, experienciadas e descritas por viajantes no final do século XIX e início do século XX. O conjunto documental levantado para a investigação constitui-se de três relatos de viagem: do Capitão Nestor Borba (1875), do Tenente José Candido da Silva Muricy (1892), e a do jornalista Jayme Ballão (1920). O estudo desse material frisa as seguintes questões: evidenciar os papéis sociopolíticos e culturais que os viajantes desempenhavam no Paraná; analisar a forma com que as características das matas aparecem em seus relatos; examinar que sentimentos, sensações, percepções e/ou discussões a experiência suscitou. Para construir a base teórica e metodológica, este trabalho dialoga com pensadores da história ambiental, com ênfase em uma análise da corporeidade e do sensível na relação entre humanos e o ambiente.

**Palavras-Chave:** Relatos de viagem; Paraná; Matas paranaenses.

## **ABSTRACT**

The present study attempts to comprehend how biotic and abiotic factors in forests located in the territory of Paraná were perceived, experienced, and described by travelers at the end of the 19th and beginning of the 20<sup>th</sup> centuries. The set of documents used in the investigation include three travel accounts: one by Captain Nestor Borba (1875); one by lieutenant José Cândido da Silva Muricy (1892); and one by the journalist Jayme Ballão (1920). The study focuses on assessing the sociopolitical and cultural roles played by the travelers while in Paraná, analyzing how the forests' characteristics were described, and examining the feelings, sensations, perceptions, and/or discussions the experience of the forest aroused in the authors. In order to construct the theoretical and methodological approach, this paper engages with concepts of environmental history, emphasizing the analysis on corporality and the sensitive relationship between humans and the environment.

Key-words: Travel reports; Paraná; forests.

## LISTA DE MAPAS

|                                                                                          |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| MAPA 1: VEGETAÇÃO DO PARANÁ .....                                                        | 14 |
| MAPA 2: TRAJETO APROXIMADO DE NESTOR BORBA .....                                         | 31 |
| MAPA 3: VEGETAÇÃO DO PARANÁ COM A ROTA APROXIMADA DE NESTOR BORBA .....                  | 32 |
| MAPA 4: LOCALIZAÇÃO RUÍNAS DA CIUDAD REAL DEL GUAYRÁ .....                               | 43 |
| MAPA 5: TRAJETO APROXIMADO DE JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY.....                          | 53 |
| MAPA 6 : VEGETAÇÃO DO PARANÁ COM A ROTA APROXIMADA DE JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY ..... | 54 |
| MAPA 7: RIO IGUAÇU ENTRE AS CATARATAS E SUA FOZ.....                                     | 76 |
| MAPA 8: ROTA APROXIMADA DA VIAGEM DE JAYME BALLÃO.....                                   | 84 |
| MAPA 9: VEGETAÇÃO DO PARANÁ COM A ROTA APROXIMADA DE JAYME BALLÃO .....                  | 85 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                   |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 1: ESPÉCIMES DE MUTUM ENCONTRADOS NO PARANÁ.....                                                           | 44  |
| FIGURA 2: SETE QUEDAS DO RIO PARANÁ.....                                                                          | 47  |
| FIGURA 3: ARBUSTOS RELATADOS POR MURICY.....                                                                      | 61  |
| FIGURA 4: NOMES DADOS POR JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY E EDMUNDO DE BARROS ÀS QUEDAS NAS CATARATAS DO IGUAÇU..... | 77  |
| FIGURA 5: MODELOS DE AUTOMÓVEIS UTILIZADOS POR JAYME BALLÃO E COMITIVA.....                                       | 91  |
| FIGURA 6: BALLÃO E PARTE DA COMITIVA POSANDO PARA FOTO NAS QUEDAS DE FOZ DO IGUAÇU.....                           | 106 |

## SUMÁRIO

|                                                                                          |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                   | <b>13</b>  |
| <b>1. NESTOR BORBA (1842 - 1881).....</b>                                                | <b>26</b>  |
| 1.1 O RELATO DA VIAGEM.....                                                              | 33         |
| 1.2 O AMBIENTE NO RELATO: ENTRE O CIENTIFICISMO, O<br>ROMANTISMO E AS EXPERIÊNCIAS ..... | 37         |
| <b>2. JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY (1863 - 1943) .....</b>                               | <b>50</b>  |
| 2.1 AS MATAS E AS EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS .....                                          | 58         |
| <b>3. JAYME BALLÃO (1869 – 1930).....</b>                                                | <b>81</b>  |
| 3.1 A MÚSICA SOTURNA DO VENTO NAS FRINCHAS DAS ÁRVORES<br>SECULARES.....                 | 88         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                         | <b>109</b> |

## INTRODUÇÃO.

Tratar do Paraná na passagem do século XIX para o século XX é versar sobre um ideal republicano de progresso que atingia, em diferentes proporções e modos, o território nacional. Como em outros países considerados zonas periféricas no período, o Brasil sonhava em atingir os padrões da revolução científico-tecnológica de nações como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. Segundo Cruzetta,<sup>1</sup> o país não possuía um aparato tecnológico e econômico para produzir uma revolução industrial aos moldes europeu e norte-americano e, por isso, tentou criar condições e assimilar leis e hábitos para se modernizar, aos seus próprios modos. Entre as atitudes tomadas, a autora elenca “a adoção de práticas econômicas liberais, a abolição do trabalho escravo, a imposição de padrões higienistas e educacionais inspirados em modelos europeus [...]”.<sup>2</sup> Pode-se ainda incluir no conjunto de ações modernizantes a Proclamação da República, as implantações e expansões das estradas de ferro, a ampliação de redes de cabos telegráficos, a urbanização crescente, a migração, a exploração de novas fontes de energia e o desenvolvimento das indústrias de bens de capital.

Com vistas ao ideal de progresso, o Paraná contribuía primordialmente com o cultivo de erva mate, a extração de madeira e a produção de gado. No final do século XIX e início do século XX advém para a região às linhas férreas, e com elas são modificadas todo o fluxo de matérias-primas, de transporte de muares, de trânsito de pessoas, assim como a paisagem. Se o Brasil passava a ter o que Sússekind<sup>3</sup> define como “paisagem tecno-industrial em formação”, significa que uma configuração anterior, ainda marcada pela presença efetiva da natureza, estava sendo reiteradamente alterada.

É válido salientar que as relações com o mundo natural nos séculos XIX e XX no Brasil não eram homogêneas. Desde o final do século XVIII, segundo Pádua, grupos de estudantes brasileiros ligados à Universidade de Coimbra já iniciavam reflexões sistemáticas sobre o uso das florestas no Brasil. Entre os que escreviam sobre o tema, o autor salienta as discussões de José Vieira Couto, que “começou a

---

<sup>1</sup> CRUZETTA, F. C. *Rememorações da cidade de Curitiba: visões de progresso nas décadas iniciais do século XX*. Curitiba, UFPR, 2010, p. 5-6.

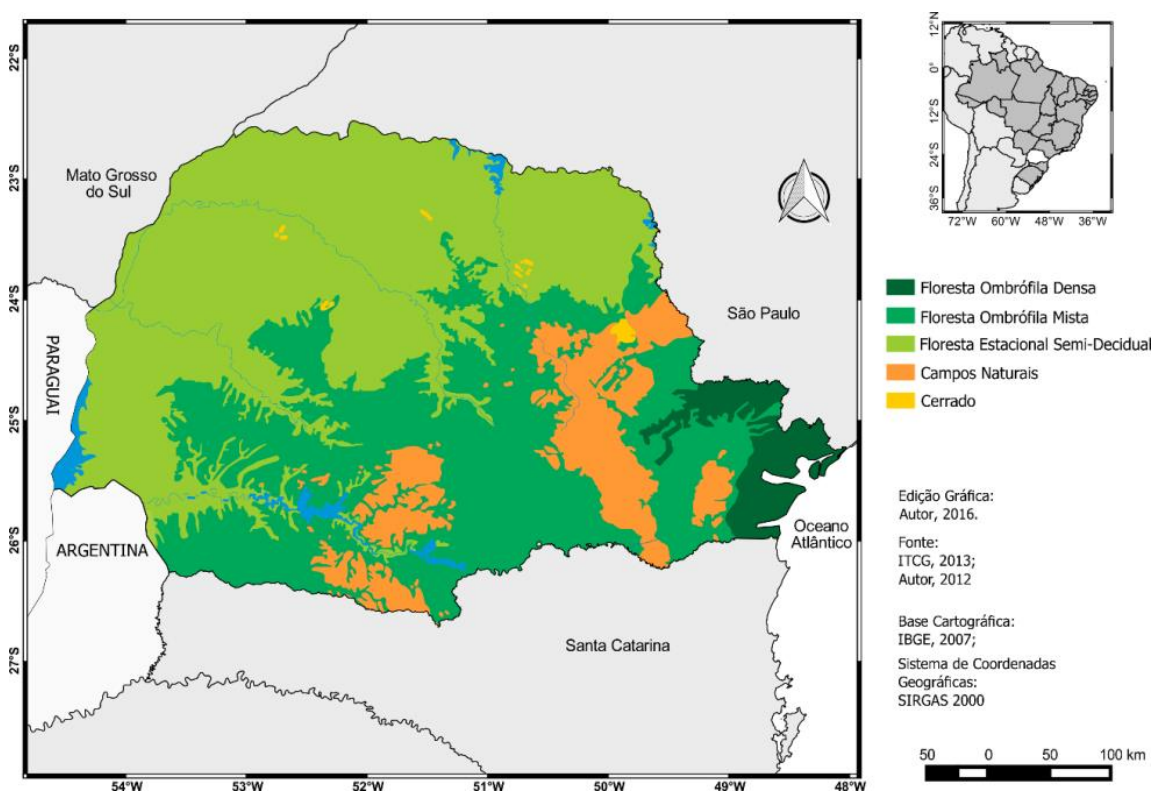
<sup>2</sup> Ibidem, p. 11-12.

<sup>3</sup> SÜSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

formular críticas ao caráter rudimentar e predatório da economia colonial”<sup>4</sup> embasadas em um Iluminismo Luso-Brasileiro, ou seja, críticas que não defendiam a natureza por seu valor estético ou espiritual, mas sim por seu valor político e econômico. Ainda segundo Pádua, as discussões se desdobraram tanto para o século XIX quanto para o XX, sendo reforçadas por novas perspectivas e questões mais contemporâneas. Apesar do debate, foi apenas em 1934 que o Brasil teve sua primeira lei florestal abrangente e tal demora se deu, entre outros fatores, devido “ao mito da natureza inesgotável” que favorecia o uso incauto da floresta.

Ao realizarmos um retorno à contemporaneidade, os dados mostram que nada há de inesgotável em nossas florestas. Segundo Gubert Filho, entre 1890 a 1990, o estado do Paraná reduziu sua cobertura florestal de 16 milhões 762 mil e 600 hectares, para cerca de 870 mil e 600 hectares. Em porcentagem, a cobertura vegetal que ocupava 83,41% do território paranaense foi reduzida a 5,20%.<sup>5</sup>

MAPA 1: VEGETAÇÃO DO PARANÁ



<sup>4</sup> PÁDUA, J. A. Defensores da Mata Atlântica no Brasil colônia. In: *Revista Nossa História*. Abril de 2004, p. 17.

<sup>5</sup> GUBERT FILHO, F. A. O Desflorestamento do Estado do Paraná em um século. *Anais da Conferência do Mercosul sobre Meio Ambiente e Aspectos Transfronteiriços*. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná, 1993, p. 24.

Fonte: Confins 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/11000?lang=pt>> Acessado em 15/06/2017.

A cobertura vegetal do Paraná caracteriza-se pela presença de formações vegetais e florestais classificadas em cinco tipologias distintas: a Floresta Ombrófila Densa (FOD), a Floresta Ombrófila Mista (FOM), Floresta Estacional Semi-decidual (FES), Campos (CAM) e Cerrado (CER). De acordo com dados do IPARDES sobre o desmatamento no Paraná, a FES, que ocupava 46% do território, hoje tem seus remanescentes restritos a 2,3% do território, e seu maior maciço está localizado e protegido no Parque Nacional do Iguaçu. As Florestas de Araucária, que constituem o FOM, encontram-se em risco ambiental, com taxa original de 40,0%, e com seus remanescentes somando hoje cerca de 4%. Dos Campos e do Cerrado, com extensão original de 11,47%, restam 0,90% de remanescentes, o que o configura como a formação com o pior indicador de conservação. Os indicativos mais positivos ocorrem na FOD, presente em grandes extensões da Serra do Mar e na Planície Litorânea, a qual possui ainda cerca de 77% de sua vegetação. Esta formação estendia-se originalmente em cerca de 4,5% do território, e atualmente conta ainda com uma parcela significativa de sua cobertura nativa, ocupando aproximadamente 3,0% do território, devido principalmente a legislação de preservação vigente.<sup>6</sup>

Levando em consideração o desaparecimento desse grande mosaico vegetal, e visando contribuir com as discussões das relações entre humanos e não-humanos em diferentes espaços através do tempo, nos propomos a analisar como Nestor Borba, José Cândido da Silva Muricy e Jayme Ballão, viajantes brasileiros e moradores do Paraná do fim do século XIX e início do século XX, relataram as percepções, sentimentos e sensações que tiveram ao entrar em contato com diferentes animais, vegetações, lugares e caminhos do estado. O conjunto documental levantado para o estudo constitui-se de três relatos de viagem. O critério para a criação do conjunto de fontes foi de que os relatos deveriam ser escritos por viajantes brasileiros, e que estivessem em jornada pelo território paranaense.

As viagens de Nestor Borba, José Cândido da Silva Muricy e Jayme Ballão ocorreram em épocas distintas: a primeira em 1875 ainda no período do Brasil Imperial, a segunda em 1892, logo após a proclamação da república, e a terceira, já

---

<sup>6</sup>Fonte: IPARDES. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/Capitulo\\_1\\_Dimensao\\_Ambiental.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/Capitulo_1_Dimensao_Ambiental.pdf)>. Data de acesso: 28/08/2018.

como um produto do movimento paranista,<sup>7</sup> em 1920. Porém, quando avaliamos as publicações de seus relatos notamos uma temporalidade um pouco mais aproximada: o relato de Nestor Borba é publicado em 1897, de José Cândido da Silva Muricy em 1896 e de Jayme Ballão em 1921.

Observando o contexto da temporalidade da escrita e publicação das obras, encontramos alguns pontos em comum: as três foram escritas por homens curitibanos letrados, participantes de uma elite intelectual paranaense. Na virada do século XIX para o XX, influenciados pelo pensamento iluminista, os autores acreditavam que “a ‘evolução’ humana e social pautava-se nos padrões fixados pela ciência européia, expressa e perceptível de diferentes maneiras pelas mais diversas camadas da população”<sup>8</sup> e buscavam, entre outros aspectos, criar uma identidade paranaense e apontar caminhos para o seu “progresso e desenvolvimento”. Segundo Denipoti, isso gerou uma efervescência intelectual:

O Paraná, nos cinqüenta anos entre 1880 e 1930, assistiu uma enorme expansão editorial, para a qual coincidiram motivações econômicas e intelectuais/culturais. Essa expansão possibilitou que, em primeiro lugar, a leitura fosse ampliada para um número maior de pessoas que se alfabetizaram e, em segundo, que essas leituras fossem diversificadas entre essas pessoas, assumindo um caráter extensivo, ou seja, o farto material de leitura disponível possibilitava que as leituras fossem feitas poucas vezes, podendo passar-se para outras leituras disponíveis.<sup>9</sup>

Como forma de dimensionar a circulação de livros no estado, Rocha Pombo aponta que a Biblioteca Pública do Paraná tinha, em 1880, aproximadamente 900 obras em cerca de 2.000 volumes. O Clube Literário de Paranaguá possuía, em 1900, cerca de 3.000 livros. A Associação Literária Lapeana contava com 1350 números, e existiam ainda no Paraná bibliotecas no Clube Democrático

---

<sup>7</sup>“O Paranismo foi um processo político-cultural que existiu no Paraná durante a Primeira República e que procurou construir as bases para uma identidade paranaense e para a coesão do grupo social que vivia no estado. Foi a partir dele que surgiu o movimento paranista, desenvolvido por artistas e intelectuais na década de 20, e que instituíram algumas características ao imaginário paranaense, tais como o pinheiro e o pinhão como símbolos, o imigrante valoroso como tipo ideal e o estado como modelo de futuro para a nação.” ROSEVICS, L. *O Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e a construção de um imaginário regional*. 2009, 149 f. Dissertação (mestrado em história). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009, p.6.

<sup>8</sup> MISKIW, A. M. Curitiba, “República das Letras” (1870/1920). *Revista Eletrônica História em Reflexão*: Vol. 2, n. 3 – UFGD - Dourados Jan/Jun 2008, p.1.

<sup>9</sup> DENIPOTI, C. *A sedução da leitura: livros, leitores e a história cultural (Paraná 1880 – 1930)*. 1998, 201 f. Tese (doutorado em história). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998, p.12.

Antoninense, no Clube Alfa, no Clube de Leitura Portocimense e no Clube Literário São-Joseano.<sup>10</sup>

Não é intenção mapear todo o contexto da circulação de livros no período, o aumento editorial, ou como se formavam os grupos intelectuais.<sup>11</sup> No entanto, torna-se relevante salientar que tanto Borba, Muricy e Ballão eram partícipes do que Rocha Pombo denominou de “plêiade seleta de moços de talento”:

Como no Paraná, em parte alguma do país se lida nas letras. Uma plêiade seleta de moços de talento ali trabalha incessantemente, e com uma atividade e uma perseverança que constituem a afirmação mais perfeita e mais solene de que ali há elementos valiosos, suficientes para se fazer a integração de um belo período da vida espiritual do país. Não se passa um ano sem que cada um daqueles moços entre com o seu contingente, escolhido e farto, para a biblioteca nacional.<sup>12</sup>

Ou seja, faziam parte de um grupo selecionado, elitizado, que pensava o Paraná “de dentro para dentro”, ainda que suas formas fazê-lo fosse buscando um progresso ou desenvolvimento pautado nos moldes europeus. Outro ponto comum entre Nestor Borba, José Cândido da Silva Muricy e Jayme Ballão é o fato que suas obras aqui analisadas serem frutos de viagens, o que nos permite analisá-los não apenas como escritores ou intelectuais de uma época, mas também como viajantes.

O termo viajante aparece nos dicionários em geral como a denominação atribuída simplesmente àquelas pessoas que viajam, porém assim como cada viagem possui suas peculiaridades, cada viajante locomove-se de um lugar a outro com objetivos, aspirações e percepções distintas. Assim, se nem todo viajante é igual, por consequência, viajar é um verbo com definições em aberto.

Para Anabella Rita,<sup>13</sup> viajar é mais do que apenas mover-se, seria um meio de adquirir uma experiência, um processo de conhecimento. Encontramos definição semelhante em Tim Ingold, quando este afirma que movimento é conhecimento, e que:

In the experience of the walker [...] the ground is apprehended in the passage from place to place, in histories of movement and changing horizons along the way. It is infinitely variegated, composite, and undergoes continuous generation.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> ROCHA POMBO, J. F. *O Paraná no centenário (1500-1900)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

<sup>11</sup> Sobre a circulação de livros no Paraná no século XIX ver: DENIPOTI. *Páginas de prazer*, op. cit. DENIPOTI, C. “Um homem no mundo do livro e da leitura”, op. cit. GRAF, M. E. C. *Imprensa periódica e escravidão no Paraná*. Curitiba: GRAFIPAR, 1981.

<sup>12</sup> ROCHA POMBO, op. cit., p. 127.

<sup>13</sup> RITA, A. *Em viagem pela “Literatura de viagem” na comemoração dos 500 anos do achamento do Brasil*. CLEPUL, 2013, p. 11.

<sup>14</sup> INGOLD, T. *The life of lines*. Routledge. Kobo: Canada, 2015, p.47.

Ou seja, viajar implica em colocar o corpo em movimento, apreender um novo espaço, um novo caminho, significa sair do lugar com o qual se tem alguma intimidade para ir atrás do que difere do cotidiano, o que pode ser tanto no plano físico como no plano imaginário.

Cada viagem é então um evento único, circunscrito no momento que a promove. O viajante, nesta perspectiva, não é só aquele que percorre um trajeto, mas aquele que a partir de circunstâncias objetivas e subjetivas cria a viagem e lhe atribui sentidos e valores.

Uma das formas de se ter acesso ao universo de valores e sentidos dos viajantes é através dos relatos de viagem, que são descrições, registros do cotidiano do itinerário. Os relatos são considerados um gênero literário, denominado literatura de viagem. Segundo Fernando Cristóvão, a literatura de viagem é

Subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar a viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só a viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã.<sup>15</sup>

De acordo com Hugo M. Tavares, foi a partir do século XVI que o gênero se tornou “um verdadeiro *bestseller* para os padrões editoriais da época”<sup>16</sup> e que

dezenas de coleções foram publicadas seja em latim, seja nas principais línguas européias, num boom editorial que atingiu principalmente os leitores europeus, mas, também, das colônias dos impérios ultramarinos. Esta trajetória de sucesso e consolidação do gênero Literatura de viagens se estende até o final do século XIX e início do XX, quando o turismo de massas alterou substancialmente a relação entre viagem, leitura e narração.<sup>17</sup>

Como aponta Tavares, a literatura de viagem se pauta nestes três eixos: a viagem, a escrita e o público leitor. As viagens podem ter motivações múltiplas. Fernando Cristóvão as agrupa em cinco tipos distintos: o primeiro diz respeito às

<sup>15</sup> CRISTÓVÃO, Fernando. “Introdução.” Para uma teoria da Literatura de Viagens. In: Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Coimbra: Almeida/CLEPUL –L3.2002.

<sup>16</sup> TAVARES, H. M. *Sobre o céu, a terra, a água e o ar*: Representações de viajantes Ilustrados sobre a Amazônia entre 1735 e 1815. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2014, p.28.

<sup>17</sup> Ibidem, p.28.

viagens de peregrinação, que são aquelas com motivações devocionais, em busca de um encontro com o divino. O segundo são as viagens de comércio, realizadas pelos mercadores. O terceiro são as viagens de expansão, que podem ser de expansão da fé, expansão política ou expansão científica. O quarto tipo de viagem são as viagens de erudição ou de serviço, onde “a aquisição de conhecimentos é a preocupação maior, quer se trate de conhecimentos científicos, ou de cultura geral, capazes de provocarem novas ideias e hipóteses”.<sup>18</sup> O quinto e último tipo de viagem são as viagens imaginárias.

O quinto elemento é bastante debatido quando se propõe trabalhar a literatura de viagem como fonte histórica. Isto porque a literatura de viagem seria o que Mary Anne Junqueira denomina de “gênero híbrido”,<sup>19</sup> e Paula C. R. R. M. Cunha, por sua vez, denomina de “gênero de fronteira”.<sup>20</sup> O que significa que, apesar de ser uma área da literatura, também versa com outros aportes do saber. Tem características ambivalentes que permitem “uma pretensa transparência de discurso que deixariam ver a realidade, por um lado, e seu estatuto literário, produto de um trabalho sobre a linguagem, por outro”.<sup>21</sup> Ainda segundo Cunha, essa hibridez, ou fronteira, que os relatos travam com a literatura se deve, entre outros fatores, ao cunho autobiográfico que o narrador viajante empresta ao relato:

A natureza permeável e fronteira do gênero viático aproxima-o de uma literatura pessoal, intimista, de natureza essencialmente autobiográfica. É evidente que os fatos em estado bruto não são transpostos para o relato, mas é legítimo que a lógica de composição destes textos procure traduzir certa espontaneidade, mesmo tratando-se de exercícios fortemente marcados pela subjetividade do narrador-viajante, que recorre ao *travelogue* como auxiliar da memória, o que, por si só problematizaria a pretensão de conformidade estrita com o real.<sup>22</sup>

Sobre como a historiografia tem abordado as especificidades deste tipo de fonte, Stella M. S. Franco nos relewa uma importante trajetória. A autora, em seu artigo denominado *Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental*,<sup>23</sup> faz um apanhado de como a historiografia usou os relatos de viagem em diferentes épocas. Dando ênfase às preocupações metodológicas e aos

<sup>18</sup> CRISTÓVÃO, op. cit., p. 49.

<sup>19</sup> JUNQUEIRA, M. A. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: FRANCO, S. M. S., JUNQUEIRA, M. A. (Org.), *Cadernos de Seminários de Pesquisa Volume II*, São Paulo : Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2011, p. 54.

<sup>20</sup> CUNHA, L. A. *A universidade temporã*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1986, p. 153.

<sup>21</sup> Ibidem, p.159.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 170.

<sup>23</sup> FRANCO, op. cit., p. 62-86.

objetivos que alguns dos autores tinham ao utilizar esse tipo específico de fonte, Franco buscou compreender “como pensaram as relações entre o real e o imaginário, bem como entre o cotidiano e o discurso no trabalho do relato”.<sup>24</sup> A fim de mapear essas relações e apontar influências, selecionou os autores João Capistrano de Abreu e sua obra *Capítulos de História Colonial*<sup>25</sup> e Sérgio Buarque de Holanda, com suas obras *Raízes do Brasil*<sup>26</sup> e *História geral da civilização brasileira*. De forma geral, a autora aponta que nas três obras os relatos de viagem são considerados fontes fidedignas de informação. Ou seja, nelas “não é possível identificar, como é prática recorrente hoje, o cuidado de analisar os filtros existentes entre os fatos narrados nos relatos e o seu narrador”.<sup>27</sup> Franco ainda aponta que uma das consequências da ausência da crítica documental é a reprodução e a perpetuação de diversas visões eurocêntricas, racistas ou de cunho pejorativos existentes em alguns relatos.

O modo de usar os relatos de viagem como fonte de informação e não como objeto de análise se deu até 1970, quando se inicia um esforço para criar ferramentas e metodologias que permitissem uma leitura mais crítica. Franco cita como exemplos de trabalhos que buscaram inovar em termos de análise a obra *Livro de viagem*, de Miriam Moreira Leite,<sup>28</sup> e *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*, de Flora Süssekind.

É a partir da busca por novas metodologias para uma leitura crítica dos relatos que a historiografia foi se modificando, incorporando o pressuposto que “nenhuma narração por mais objetiva que se pretenda, está livre da subjetividade do autor”<sup>29</sup> e concebendo que

Cabe ao historiador matizar visões hegemônicas, desconstruindo os relatos, na medida em que a realidade não se resume àquilo que mostram. Para tanto, é preciso compreender por que o autor ou os autores dos relatos procederam de tal ou qual maneira e a que interesses particulares respondiam. No lugar de separar práticas, dados, informações, cotidiano, materialidade, de discurso, convenção, representação, entende que esta última instância também é parte da realidade, e que esta é ao mesmo tempo plural e diversa.<sup>30</sup>

<sup>24</sup>Ibidem, p. 62.

<sup>25</sup> ABREU, C. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*. 5.ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Brigue, 1969.

<sup>26</sup> HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p.55-56.

<sup>27</sup> FRANCO, op. cit., p. 67.

<sup>28</sup> LEITE, M. L. M. *Livros de viagem*. São Paulo: Edusp, 1997.

<sup>29</sup> FRANCO, op.cit; p.75.

<sup>30</sup>Ibidem, p. 84.

Neste sentido, os relatos de viagem não são apenas um gênero literário, mas sim “um documento ideológico, social, imaginário e estético”<sup>31</sup> oriundo de experiências históricas coletivas e individuais. Por tanto, para compreender as diversas experiências com a natureza expostas nos três relatos selecionados, buscaremos examinar o lugar social de Nestor Borba, José Cândido da Silva Muricy e Jayme Ballão, explorando as suas subjetividades, as peculiaridades de suas escritas e de seu contexto sócio-econômico, pois “para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos”.<sup>32</sup>

Em uma pesquisa na historiografia atual podemos notar que esse não é um recorte usual de fontes. Mesmo os trabalhos que se aproximam da temática, como o de Luciano D. B. Lima<sup>33</sup> sobre as relações dos viajantes com a biótica da urbe amazônica no século XIX, privilegiam os relatos de europeus. O mesmo acontece em diversas outras pesquisas, com os mais variados enfoques, que analisam o mesmo período. Seja para tratar da exploração dos rios Amazonas e Madeiras durante o Brasil Império,<sup>34</sup> a relação entre ciência e natureza<sup>35</sup> ou os sertões e os mestiços,<sup>36</sup> o conjunto de fontes utilizado, via de regra, dá ênfase ao olhar do estrangeiro sobre os aspectos biofísicos nacionais.

Na historiografia paranaense os resultados não são diferentes. Os trabalhos que têm como recorte temporal o final do século XIX ou início do XX tendem a usar relatos dos naturalistas europeus para tratar das paisagens e dos sujeitos, sendo os viajantes mais comumente explorados August de Saint-Hilaire e Thomás P. Bigg-Whitter. Alguns autores optam por um conjunto documental misto, usando tanto os relatos de estrangeiros quanto alguns relatos nacionais. Como exemplo, podemos

---

<sup>31</sup> WOLFZETTEL, F. Relato de viaje y estructura mítica. In: TOBAR, Leonardo Romero & ELDUAYEN, Patricia Almarcegui (orgs). *Los Libros de viaje: realidade vivda y género literário*. Universidad Internacional de Andalucía, 2005.

<sup>32</sup> TUAN, Y. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980, p. 68.

<sup>33</sup> LIMA, L. D. B. Belém e o mundo natural: olhares de viajantes sobre plantas e animais na urbe amazônica (1840-1860). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 11, n. 2, p. 505-519, 2016.

<sup>34</sup> VERGARA, M. R. A Exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império Brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação. *Almanack*. Guarulhos, n.06, p.81-94, 2013.

<sup>35</sup> BARBOZA, C. H. M. Ciência e natureza nas expedições astronômicas para o Brasil (1850-1920). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, Belém, v. 5, n. 2, p. 273-294, 2010.

<sup>36</sup> MIRANDA, L. F. A. O Deserto dos Mestiços: O Sertão e seus Habitantes nos relatos de viagem do início do Século XIX. *Revista História*, v. 22, n. 2, p. 621 – 643, 2009.

citar o trabalho de João A. Reque<sup>37</sup> sobre a dicotomia entre civilização e barbárie no território paranaense no século XIX, que usa tanto os relatos dos dois naturalistas anteriormente citados quanto documentos oficiais da Província do Paraná em seu conjunto de fontes, e a dissertação de mestrado de Dárcio Rundvalt<sup>38</sup> que trata das paisagens dos Campos Gerais, no Paraná, e utiliza tanto dos relatos de Saint-Hilaire e Bigg-Whitter quanto do brasileiro Visconde de Taunay.

Um trabalho no campo da história que, em termos de fontes analisadas, nos permite travar alguns diálogos é o de Cezar Karpinski.<sup>39</sup> Sua tese tem como objeto de análise os discursos produzidos sobre o Rio Iguaçu entre os anos de 1853 a 1969 e contribui para a análise por compartilhar uma das fontes com a qual nos propomos trabalhar: o relato de viagem de José Cândido da Silva Muricy, e por ter como recorte geográfico o estado do Paraná.

Consideramos que essas abordagens são, obviamente, pesquisas importantes e pertinentes. Sabemos também que, em números, os relatos de naturalistas europeus no século XIX são vastos e talvez mais famosos que os escritos por brasileiros no mesmo período. Por outro lado, acreditamos que usar um conjunto de fontes que priorizem o olhar das pessoas que viviam no Paraná, pensando-os a partir de sua cultura e de seu contexto sócio-político, ou seja, do seu lugar social, pode trazer novas contribuições para a historiografia.

Além do recorte das fontes que não são tão usuais, consideramos que esta pesquisa vem a ser significativa para a historiografia por investigar como, por meio desses exemplos, as pessoas possam ter experienciado fisicamente e emocionalmente as matas paranaenses no passado, utilizando para tanto além dos relatos, mapas georreferenciados do período, que contribuirão metodologicamente na análise das fontes. Nossa discussão encontra ecos em trabalhos como os de Diogo de Carvalho Cabral,<sup>40</sup> geógrafo que em sua tese de doutorado aborda como se dava a relação entre pessoas e a Mata Atlântica no Brasil Colonial; Leonardo

<sup>37</sup> REQUE, J. A. *Civilização e barbárie no território paranaense: (1820- 1875)*. 2000. 52 p. Monografia (História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

<sup>38</sup> RUNDVALT, D. *Para além do cenário, do palco ou do pitoresco: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX — Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg Withier e Visconde de Taunay*. UEPG, 2016.

<sup>39</sup> KARPINSKI, C. *Navegação, cataratas e hidrelétricas: discursos e representações sobre o Rioguaçu (Paraná, 1853-1969)*. Florianópolis, SC. 2011. 375p. Tese (História – UFSC).

<sup>40</sup> CABRAL, D.C. *‘O bosque de madeiras’ e outras histórias: a Mata Atlântica no Brasil Colonial (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro – RJ. 2012. 245p. Tese (Geografia), UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

Castro,<sup>41</sup> antropólogo que escreve sobre a criação do conceito Mata Atlântica, com ênfase nos tramites políticos; e Christian Brannstrom,<sup>42</sup> geógrafo que em diversos trabalhos realiza a crítica ao mesmo conceito e também aos usos deste no oeste paulista.

É partir destes autores que este trabalho pensa as matas como sendo “tanto uma realidade biofísica quanto uma construção cultural e política, ambas em movimento e em interação”.<sup>43</sup> Buscamos assim sair do senso comum de avaliar o tema na dicotomia humanos *versus* natureza, ou ainda, da visão inocente e restrita que considera o ser humano apenas como sujeito de destruição *versus* natureza, objeto pré-existente e imaculado.

Outra obra relevante para a presente pesquisa, e provavelmente o mais clássico e debatido, é “A ferro e fogo”, de Warrean Dean.<sup>44</sup> Partindo do período pré-humano até os anos 1990, o autor faz uma análise da trajetória dos usos das florestas que constituem o bioma Mata Atlântica. Apesar da sua imensa contribuição à historiografia, as críticas à obra giram em torno dos números da devastação por ele levantados, a visão pessimista oriunda da tradição declensionista, até a delimitação geográfica que o autor relega ao bioma.<sup>45</sup> Ainda dentro da temática, José Augusto Pádua<sup>46</sup> aborda os biomas em geral – não só a Mata Atlântica, apesar de enfatizá-la – e a construção do território nacional. No que diz respeito especificamente ao território paranaense, encontramos o trabalho de Gilmar Arruda,<sup>47</sup> que trata das grandes transformações da biota no Paraná através das populações em movimento.

Para contribuir com tal debate, este trabalho se propõe a realizar uma reflexão menos dicotômica entre ambientes biofísicos e humanos, buscando através dos relatos compreender como foi para os três sujeitos experienciaram corporalmente algumas características desse mundo complexo, o qual eles

---

<sup>41</sup> CASTRO, L. A construção da Mata Atlântica. In: *Anais*: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. 2008

<sup>42</sup> BRANNSTROM, C. Repensando a Mata Atlântica Brasileira: cobertura vegetal e valor da terra no oeste paulista, 1900 a 1930. *Revista Varia História*, v. 18, n. 26. 2002, p. 58 – 76.

<sup>43</sup> CABRAL, op.cit., p.11.

<sup>44</sup> DEAN, W. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

<sup>45</sup> BRANNSTROM, C. A ferro e fogo. op. cit., p. 109-125.

<sup>46</sup> PÁDUA, J. A. Natureza e sociedade no Brasil monárquico. In: Grinberg, K.; Salles, R. (orgs.). *O Brasil Império*, Vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

<sup>47</sup> ARRUDA, G. A grande transformação e a biota cultural das populações em movimento. *Revista Diálogos*, UEM, v. 14, n.2, p. 287 – 303. 2010.

fisicamente também constituíram. Dialogar com o sensível é tentar compreender o mundo como algo além de um amontoado de objetos sobre o qual as pessoas, em seu antropocentrismo, racionalizariam o tempo todo. É inverter o olhar e buscar ver o mundo como sugere Ingold, como uma malha de coisas que estão “sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas”.<sup>48</sup> Conforme aponta Maffesoli, esse tipo de abordagem “não se trata de uma fanfarronada, mas sim, do desejo de participar de um debate intelectual que ultrapasse as habituais categorias de um cartesianismo”.<sup>49</sup>

Uma rota para alcançar o mundo sensível nas fontes é por meio da perspectiva da experiência, sugerida por Tuan. Para ele, a “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”<sup>50</sup> e tal constructo se daria na interface entre sentimentos e pensamentos. Pois, ainda segundo o mesmo autor, “as emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos de pensamento”.<sup>51</sup> A percepção da experiência como algo constituinte da vida dos seres humanos vai ao encontro do que Maturana e Varela defendem quando pontuam que:

A experiência de qualquer coisa “lá fora” é validada de modo especial pela estrutura humana, que torna possível “a coisa” que surge na descrição. Tal circularidade, tal encadeamento entre ação e experiência, tal inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como mundo nos parece ser, indica que todo ato de conhecer produz um mundo.<sup>52</sup>

Por fim, para o melhor entendimento do mosaico biótico e abiótico que constitui as matas paranaenses, o diálogo com outros campos do conhecimento se fez necessário, pois, como afirma Duarte, “uma das barreiras à expansão dos estudos na atualidade, tem sido a excessiva especialização dos profissionais das várias áreas e a hiperfragmentação do saber”.<sup>53</sup> Portanto, para a presente pesquisa o suporte bibliográfico de campos como a biologia, a geologia, a zoologia, por exemplo, serão fundamentais, assim como a utilização e a confecção de mapas. A cartografia, para além de mera ilustração, tem papel significativo na presente análise por se configurar com uma fonte, fornecendo dados para um entendimento do

<sup>48</sup> INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizonte antropológico*. Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012, p. 29.

<sup>49</sup> MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 15.

<sup>50</sup> TUAN, op. cit., p.9.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>52</sup> MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano*. Campinas: Psy, 1995, p. 68.

<sup>53</sup> DUARTE, R. H. História e biologia: diálogos possíveis, distâncias necessárias. *História, Ciência e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 927-940, 2009, p. 936.

espaço como parte das variáveis que ajudam a explicar o percurso histórico, físico e social dos viajantes.

A presente dissertação está dividida em três capítulos, cada qual destinado a análise de uma das fontes. No primeiro, apresentamos a viagem realizada por Nestor Borba em 1875 com destino às Quedas em Guairá, analisando suas descrições sob a ótica da experiência e da corporeidade. No segundo, adentramos a narrativa de José Cândido da Silva Muricy de 1892, com destino às Quedas em Foz do Iguaçu, voltando à investigação para as características das matas que o viajante e sua comitiva perpassam, considerando suas diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar o espaço, construindo imagens e sentimentos complexos. No terceiro capítulo, exploramos a narrativa de Jayme Ballão de 1920, com o qual podemos vislumbrar as mudanças e as continuidades discursivas, imagéticas, políticas, físicas e técnicas, nos mesmos espaços visitados pelos dois viajantes anteriores.

## 1. NESTOR BORBA (1842 - 1881)

Nestor Augusto de Moricenes Borba era filho de Vicente Antonio Rodrigues, um militar e ex-combatente da guerra da Cisplatina, e da uruguaia Joana Hilária Morosini. Nestor nasceu em Curitiba, mas passou a infância no litoral paranaense.<sup>54</sup> A mudança de cidade teria se dado porque, no final da década de 1850, havia uma ameaça de epidemia de cólera na região e, em busca de maior salubridade, o seu pai decidiu enviar sua família para o litoral.

Aos 18 anos Nestor Borba foi nomeado como alferes de polícia em Curitiba e atuava como policial nos Campos de Guarapuava, sua principal função neste cargo era “garantir a segurança daquela região e estabelecer alguma relação com a população indígena”.<sup>55</sup>

Em 1864 com o início da Guerra do Paraguai, começou a atuar no estabelecimento da unidade militar na vila da Guarapuava. No ano seguinte seguiu como voluntário para a guerra, mas pouco tempo após sua chegada, fica ferido e precisa voltar.

Em 1867 casa-se com Adelaide, filha de Cândido Martins Lopes proprietário do jornal *Dezenove de Dezembro*, o primeiro jornal da Província do Paraná. O periódico tinha como função principal informar seus leitores sobre os atos administrativos da província, e lançava suas edições todas às quartas-feiras e sábados, circulando entre os anos de 1854 a 1890.

Apesar do parentesco, não foi identificado neste jornal nenhum escrito direto de Nestor Borba, mas na edição de 8 de março de 1876 aparece a seguinte nota: “deixamos de publicar hoje um artigo que foi-nos remetido de S. José, sobre o conflito do Fula, e um outro sobre a viagem que nosso amigo Nestor Borba fez às Sete Quedas, ambos por falta de espaço”.<sup>56</sup> Nas edições posteriores, no entanto, não foi encontrado tal artigo.

Nestor Borba tinha como irmãos Telemâco e Jocelim Borba. O trabalho dos seus dois irmãos não diferia tanto do seu, enquanto ele atuava nos campos de

---

<sup>54</sup> VANALI, A. C. O pajé do Tibagi: Telêmaco Borba e sua contribuição à etnografia paranaense. *Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses)*, Curitiba, v.1, n.1, p. 275-302, 2015.

<sup>55</sup> Ibidem, p.32.

<sup>56</sup> *Dezenove de Dezembro*, nº 1689, 08 de março de 1876, p. 4.

Guarapuava, Telêmaco fazia fama no cargo de administrador do aldeamento indígena de São Pedro de Alcântara e Jocelim no Aldeamento de Paranapanema.

Dos três, Telêmaco foi o que alcançou maior notoriedade, isso porque o aldeamento onde administrava as questões entre brancos e indígenas às margens do rio Tibagi ficava próximo a Colônia Militar de Jataí que, por sua vez, desempenhava um papel essencial para a província do Paraná: a de proteger a região de possíveis invasões estrangeiras. Sendo assim, Telêmaco precisava garantir o menor número de conflitos internos para que a Colônia Militar de Jataí pudesse se ocupar dos conflitos externos, como as disputas de fronteiras.

De acordo com Vanali, a forma que Telêmaco usava para “controlar” os conflitos era através do processo de catequização e domesticação dos indígenas Kayovás e Kaingangs presentes no aldeamento. E domesticar no contexto “consistia em adquirir costumes “mais civilizados”, acabar com o nomadismo, cultivar a terra, seguir as regras da vida civilizada, andar vestido e imitar os costumes dos não índios”.<sup>57</sup> Além disso, estava ligada a uma política de expropriação:

É possível afirmar que a política de aldeamento indígena estava ligada à política de apropriação das terras indígenas, sendo que cada pessoa que atuava nos aldeamentos indígenas a mando do governo, recebia como recompensa um quinhão de terra em outro aldeamento.<sup>58</sup>

Sendo assim, além de prestar um serviço de cerceamento e domesticação dos povoados indígenas, tanto Telêmaco quanto Nestor e Jocelim enriqueciam e ganhavam prestígio na elite da província com esse trabalho. Telêmaco desenvolveu ainda, a partir de 1880, uma carreira política, elegendo-se deputado provincial por nove legislaturas, foi vice-presidente da Província do Paraná e prefeito de Tibagi por nove gestões, além de inúmeros outros cargos do Executivo, ligados à educação e segurança pública; e durante a Revolução Federalista lutou contra as tropas legalistas de Floriano Peixoto. Mas nos anos anteriores, enquanto ainda atuava no cargo de administrador, acompanhou o irmão Nestor na viagem que analisaremos pelos rios do norte e oeste do Paraná. A viagem em questão foi feita na sua maior parte em canoas, e se iniciou no dia 04 de dezembro de 1875 em Curitiba. Existem

---

<sup>57</sup> VANALI, op. cit., p. 26.

<sup>58</sup> SECARIOLO, F. M. *O espaço paranaense em relatos de viajantes: fronteira, território e ocupação. 1870-1900*. 2010. 105 f. Dissertação (mestrado em história). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2010, p.34.

duas narrativas publicadas sobre esta viagem, uma de autoria de Nestor e outra de Telêmaco.<sup>59</sup>

Voltando a tratar da viagem, ela tinha como ponto de chegada e análise as porções norte e oeste do Paraná, e apesar de ser a mais antiga que abordamos, ela não foi pioneira. Essa região já era explorada anteriormente não só por seus habitantes nativos como por espanhóis, jesuítas, portugueses etc. No século XV surgem alguns relatos sobre esses locais, tais como a do espanhol Aleixo Garcia, que foi um dos primeiros europeus a realizar uma viagem pelo interior do atual sul do Brasil. O objetivo desta viagem foi o de descobrir terras onde fosse possível explorar ouro e demais metais preciosos. Depois dele, viajantes como Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, Domingos Martínez de Irala, Diego de Sanabria e Hernando Salazar realizaram expedições pelo território.

Durante os séculos XVII e XVIII, o espaço foi marcado pela chegada de bandeirantes paulistas, principalmente na região do Guairá, local próximo as Sete Quedas, e pela presença de europeus, que buscavam desbravar os “sertões” e construir fama. Antonio Cardoso e Cecília Maria Westphalen<sup>60</sup> apontam as diversas expedições realizadas por Afonso Botelho no período, também motivadas pela vontade de explorar os lugares considerados até então desconhecidos.

Retornando à viagem realizada pelos irmãos Borba, o próprio Nestor ao iniciar seu relato menciona que tinha conhecimento e leitura de outros viajantes de períodos anteriores:

Ha muito tempo que nutriamos desejos de visitar a catarata das Sete Quedas, ou Salto de Guayra, que conhecíamos unicamente pelas descrições feitas, no século passado, por Azara e pelos comissários portugueses, demarcadores dos limites entre o Brazil e as possessões espanhola; mas que, por incompletas, não satisfaziam nossa curiosidade.<sup>61</sup>

Félix de Azara, mencionado por Borba, foi um militar, engenheiro, cartógrafo e naturalista espanhol. Viajou pela América meridional em 1781 encarregado de delimitar com precisão as fronteiras entre Espanha e Portugal. Tal missão era para durar apenas alguns meses, mas se prolongou por 20 anos. Durante esse período Azara coletou “diversos tipos de informações, sobre a geografia, a fauna, a flora e as

<sup>59</sup> BORBA, T. (1908). *Actualidade indígena no Paraná*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1954. Esta segunda narrativa foi mapeada na reta final da presente dissertação e por isso, dado o momento da pesquisa, a analisaremos em trabalhos seguintes.

<sup>60</sup> CARDOSO, J. A. WESTPHALEN, C. M. *Atlas histórico do Paraná*. Curitiba: Chain Editora, 1986.

<sup>61</sup> BORBA, N. Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas. In: BERBERI, E., DENIPOTI, C. Monumenta – Relatos de Viagem a Guairá e Foz do Iguaçu (1870 – 1920). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p. 21.

práticas cotidianas”.<sup>62</sup> Reconhecido por desmistificar teses como as do Conde de Buffon,<sup>63</sup> teve diversos de seus escritos publicados, sendo um dos principais financiadores dessas publicações o seu irmão Nicolás de Azara que era no período embaixador da Espanha. Suas obras tiveram impacto tanto na Europa quanto na América. Em vida teve diversas biografias suas escritas, além de ter um retrato seu pintado por Francisco de Goya. Ainda sobre as influências de Azara:

A obra de Azara teve influência direta em Mariano Moreno (1778-1811), que era jornalista em Buenos Aires e possivelmente o conheceu. Moreno utilizou os textos do naturalista e publicou parte deles na *Gazeta*, além de ter se inspirado na política de defesa das fronteiras, que pregava o militar, para compor o seu texto denominado como *Plan de operaciones*. Ainda sobre a influência direta que os escritos de Azara tiveram na região que percorreu, podemos lembrar que o ditador paraguaio José Gaspar Rodríguez de Francia (1766- 1840) fez uso da obra de Félix sobre o Paraguai, uma cópia do *Descripción e historia del paraguay y del rio de la Plata*, e do mapa que o aragonês realizou, já que era o mais completo mapa da província até então.<sup>64</sup>

Nas Sete Quedas, Azara faz descrições de distância entre as cascatas, da vegetação ao redor, do barulho das águas, da fauna, da flora e de outras características comuns tanto aos seus escritos, quanto aos demais escritos de naturalistas no período. Porém, para Nestor Borba as informações não eram insuficientes apenas pela distância temporal de mais de um século entre ele e Azara, mas devido a um segundo objetivo da sua própria viagem.

Os irmãos Borba viajaram com o auxílio financeiro e estratégico do Governo Provincial do Paraná. Isso porque a viagem fazia parte de um projeto comandado por Adolpho Lamenha Lins – então presidente da província – com o setor de estradas do Mato Grosso para analisar a possibilidade da implantação de uma estrada de ferro que ligasse Curitiba a Miranda. Nas palavras de Nestor Borba:

Communicando esse projecto ao Exm. Sr. Dr. Adolpho Lamenha Lins, presidente da provincia e Dr. Tourinho, director da estrada de Matto-Grosso, ambos, que seja-nos licito confessar com prazer, tomam mais interesse pelo desenvolvimento e prosperidade desta provincia, do que a mór parte de seus filhos, animaram-nos a levar por diante esta tentativa, dando-lhe importancia, que nós não lhe ligavamos, pois que, diziam, tratava-se de verificar a possibilidade de construir uma ponte sobre aquelle Salto, uma

<sup>62</sup> MILECH NETO, D. *Um ilustrado na fronteira da alteridade: Félix de Azara e a questão do “outro”*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, 2015, p. 13.

<sup>63</sup> Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707 – 1788) foi um naturalista francês que se debruçava no estudo sobre a criação da Terra, assim como da fauna e flora. Precursor de Lamarck e de Darwin, defendia que o ambiente influenciava na degeneração das espécies e que a Terra possuía cerca de 70.000 anos, o que destoava do que se propagava no período, que era cerca de 7.000 anos.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p.105.

das idéas capitaes da memoria do Dr. Tourinho sobre a via-ferrea para Matto-Grosso, prolongando-se através do Paraguay e Bolivia.<sup>65</sup>

Além da possibilidade da criação da ponte entre as duas províncias, como o próprio Borba cita, ainda avaliariam a viabilidade de construir uma ponte sobre as quedas na região da atual cidade de Guairá. De acordo com Miskiw, “a euforia da cidade vivida pelos curitibanos com os trabalhos de edificação da estrada de ferro ligando Paranaguá a Curitiba, fazia Lamenha Lins crer que ao chegar a Guarapuava, os trilhos trariam ares de cidade moderna”.<sup>66</sup>

Nestor Borba iniciou sua viagem sozinho, partindo de Curitiba, levando consigo um pantômetro<sup>67</sup> para levantamento de dados sobre a flora e uma câmera escura para tirar fotos, ou como o mesmo descreve “para tirar vistas”.<sup>68</sup> Onze dias depois chega a Colônia de Jataí, onde se encontrou com Telêmaco, que de acordo com Nestor, “abraçou-o com verdadeiro entusiasmo, pondo á nossa disposição suas canoas e tudo quanto pudesse mais prestar-nos”.<sup>69</sup> Mas o roteiro não foi feito apenas pelos dois:

Organisada a mesma expedição, que ficou composta de uma canôa grande, carregada de mantimentos, e de uma menor para caça, tripulada por dez camaradas, sendo dous brasileiros e oito indivíduos Cayguás e Guaranys e mais dous coroados para nos servirem de interpretes com os do Paqueré.<sup>70</sup>

No dia primeiro de janeiro de 1876, às oito horas da manhã, a comitiva parte, dando início a jornada. O primeiro rio que percorrerem é o Tibagi, seguindo pelo rio Paranapanema, e depois pelo rio Paraná, até chegar as Sete Quedas. O trajeto durou ao todo 45 dias.

Abaixo, no mapa 2, foi projetado de forma aproximada o trajeto feito por Nestor Borba. O mapa é de 1896 e não faz parte do relato original. Foi confeccionado pela Secretária de Obras Públicas e Colonização do Estado por ordem do então governador José Pereira Santos Andrade. O mapa foi modificado pela autora, sendo georreferenciado com o uso do software ArcMap 10.2.2, para a obtenção de localizações mais precisas. A escolha deste mapa se deu porque este traz uma base cartográfica mais correlata àquela disponível no momento que Borba viajava,

---

<sup>65</sup> BORBA, op. cit., p.21.

<sup>66</sup> MISKIW. *A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907)* Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 85.

<sup>67</sup> Instrumento que serve para medir ângulos em terrenos e traçar perpendiculares.

<sup>68</sup> BORBA, op. cit., p. 22.

<sup>69</sup> Ibidem.

<sup>70</sup> Ibidem, p.22.

contribuindo com as nomenclaturas e traçados de cidades, vilas e rios, mais aproximado ao que era conhecido no período.

MAPA 2: TRAJETO APROXIMADO DE NESTOR BORBA.



Fonte do mapa base: ITCG, Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná. Disponível em: <http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>. Data de acesso: 10/10/2017. Geoprocessamento e adaptações feitas pela autora.

A viagem se deu durante a estação do verão, que no Paraná é marcada por chuvas intensas localizadas e de curta duração, muitas vezes acompanhadas de vendavais e granizo.<sup>71</sup> Segundo dados do IAPAR,<sup>72</sup> a média histórica de chuvas no mês de janeiro – que é quando a viagem se inicia via rios – são de 140 a 230 mm, com a temperatura variando entre 19,5°C a 29°C. No relato de Nestor Borba essas

<sup>71</sup> SIMEPAR, Instituto Tecnológico. Previsão Climática para o verão 2012. Disponível em: [http://www.simepar.br/site/interinas/conteudo/meteorologia/clima\\_estacoes/arquivos/verao2012.pdf](http://www.simepar.br/site/interinas/conteudo/meteorologia/clima_estacoes/arquivos/verao2012.pdf). Data de acesso: 10/11/2017.

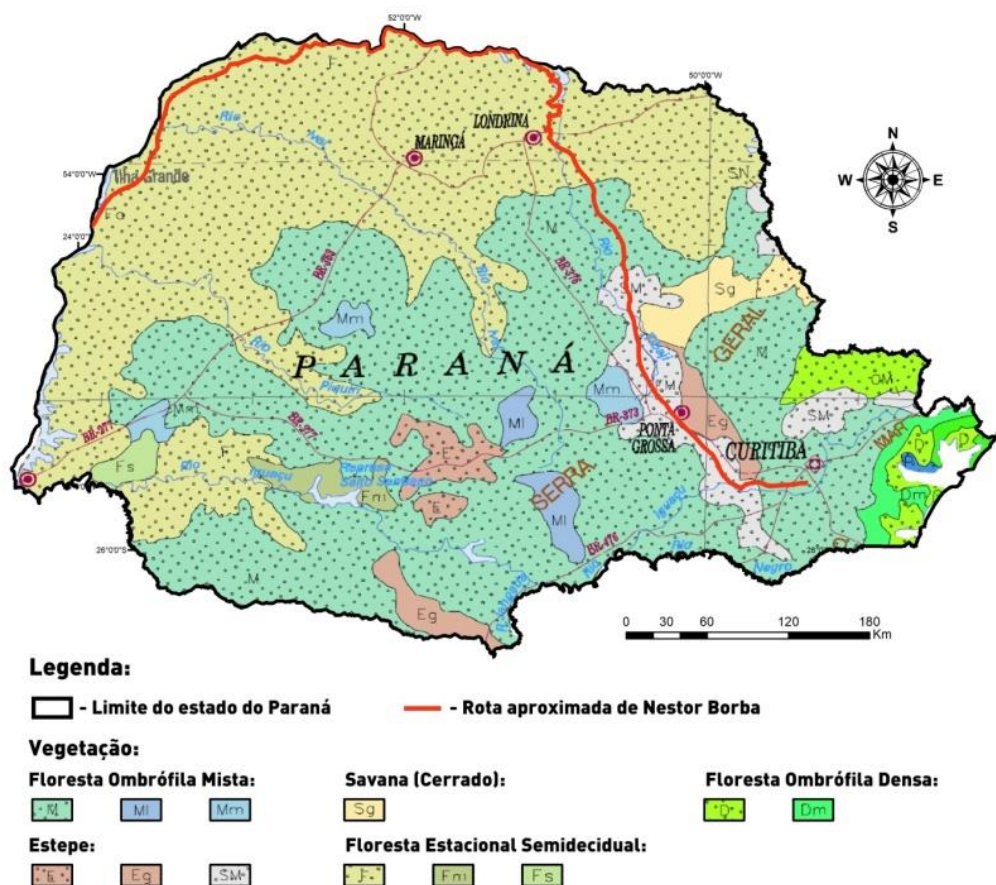
<sup>72</sup> Fonte: Dados da Rede Agroclimatológica do IAPAR. Disponível em: [http://www.simepar.br/site/interinas/conteudo/meteorologia/clima\\_estacoes/arquivos/verao2012.pdf](http://www.simepar.br/site/interinas/conteudo/meteorologia/clima_estacoes/arquivos/verao2012.pdf).

características da estação aparecem como um dos motivadores para uma pequena alteração da rota:

No dia 11, em consequência de grande tormenta de vento e chuva, que não nos deixava navegar, fomos obrigados a subir o curupanã, uma das bocas do Invinheima, que, neste lugar, passa a 300 metros do Paraná, e que tem 40 metros de largo e 5 de fundo, resolvemos descer pelo Ivinheima, que nos offerecia mais commoda viagem.<sup>73</sup>

Além do clima, outro fator relevante que constituiu a viagem são as regiões fito ecológicas pelas quais os irmãos Borba perpassaram. No mapa 3, é possível observar algumas destas regiões, tais como a Floresta Ombrófila Mista e Floresta Estacional Semidecidual:

MAPA 3: VEGETAÇÃO DO PARANÁ COM A ROTA APROXIMADA DE NESTOR BORBA.



Fonte do mapa base: IBGE. Disponível em: <https://mapas.ibge.gov.br/tematicos/vegetacao>. Data de acesso 18/01/2018. Adaptações feita pela autora.

<sup>73</sup> BORBA, op. cit., p. 23

A Floresta Ombrófila Mista é exclusiva do Planalto Meridional Brasileiro e tem a *Araucaria angustifolia* (pinheiro-do-paraná) como espécie caracterizadora, sendo possível destacar a *Podocarpus lamberti* (pinheirinho); *Drimys brasiliensis* (casca – d’anta); *Ilex* spp. (erva-mate, caúnas e congonghas) e a *Lauracea enectandrae* *Ocotea porosa* (Imbuia); *Aspidosperma polyneuron* (Peróba). A Floresta Estacional Semidecidual, por sua vez, é caracterizada por gêneros neotropicais como a *Tabebuia* (ipê, pau-d’arco, peúva, ipé e ipeúna); *Switenia*; *Cariniana* (árvore lenhosa, nomeadas popularmente como jequitibás); entre outros.

É necessário salientar que as matas que Borba e os demais viajantes analisados perpassaram estavam distantes de serem “intocáveis” ou ainda “virgens”. Segundo Maack,<sup>74</sup> no ano de 1895, o Paraná apresentava uma superfície florestal de 16.782.400 ha (correspondente a 83,43 % da superfície do Estado) e a área desmatada corresponderia aproximadamente a 1,68%. O principal item de exploração no período era a erva-mate, e o próprio Nestor Borba em seu relato aponta que este era o “principal produto do nosso Estado”, lamentando logo em seguida que a erva só não era mais explorada “pela grande distância, dos centros consumidores e dificuldade de transporte, por falta de uma via regular de comunicações”.<sup>75</sup> Apesar da ênfase na erva-mate, segundo Gubert Filho, o ciclo da madeira começou a se intensificar já em 1888, após a inauguração da ferrovia do Paraná, ligando Curitiba ao Porto de Paranaguá, sendo seu ápice de exploração no início do século XX.<sup>76</sup>

### 1.1 O RELATO DA VIAGEM

A escrita é uma ação intencional, mediada por um tempo e espaço, aqui considerado com todos os seus aspectos sociais e culturais. Nos escritos analisados para a presente dissertação, os eventos em si, neste caso as viagens, são retomados em um espaço/tempo diferente do qual eles ocorreram. No espaço/tempo dos relatos, estão inclusos a memória do escritor, as exigências editoriais, as expectativas dos leitores, as formas literárias vigentes, o crivo do escritor etc.

<sup>74</sup> MAACK, R. *Geografia física do Estado do Paraná*. 2ª ed. Editora J. Olympio, Rio de Janeiro, 1981.

<sup>75</sup> BORBA, op. cit., p. 51.

<sup>76</sup> GUBERT-FILHO, op. cit., p. 16.

A obra feita por Nestor Borba como resultado da viagem foi intitulada *Descrição ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba*. O relato foi publicado no formato de folheto pela Casa Mont'Alverne no Rio de Janeiro em 1897. Ou seja, 22 anos depois da viagem.

Foi acrescentado na edição um prefácio anônimo, assinado apenas como sendo um “amigo do Paraná”, e no fim do relato foram acrescentadas notas e considerações gerais pelo engenheiro André Rebouças.

André Rebouças foi um intelectual abolicionista, primeiro negro formado em engenharia no Brasil, que ficou famoso por defender projetos de modernização, “entre os quais se incluíam com destaque a abolição da escravidão e a democratização da propriedade fundiária”.<sup>77</sup> Apesar de monarquista, em seus escritos políticos defendia o liberalismo aos moldes estadunidense. Diversos jornais replicavam seus escritos e suas cartas sobre as possibilidades de progresso para as Províncias.

O tom geral tanto do prefácio quanto das notas finais é de exaltação do território paranaense, da natureza, das suas potencialidades, mas também demonstrando uma preocupação em ocupar e “civilizar” a região oeste e norte do Estado. Para solucionar essas questões André Rebouças propõe a imigração:

a porção de indígenas, comquanto possa aumentar a população existente, de certo não é suficiente para cultivar e habitar tão extenso territorio; 2<sup>a</sup>, porque a imigração é muito conveniente sob varios pontos de vista, já para aumentar e cruzar a raça e melhora-la no sentido de lhe desenvolver o vigor physico e a capacidade moral e intellectual, já porque os imigrantes trazem o ensino das industrias e cultura de paizes antigamente civilizados.<sup>78</sup>

Os escritos inseridos antes e depois do relato objetivavam acrescentar um caráter de veracidade e, ao mesmo tempo, fortalecer um discurso de busca pelo “progresso e civilização”. Neste sentido, o “progresso estava diretamente relacionado com a exploração econômica das regiões descritas”.<sup>79</sup> Essa valorização do texto literário como forma de propagar debates sobre a ocupação e uso do território está diretamente relacionado com a história da ciência no Brasil.

A ciência em terras brasileiras era, assim como a economia e a política, dependente de Portugal. Os luso-brasileiros letrados eram aqueles que haviam

<sup>77</sup> MATTOS, H. André Rebouças e o pós-abolição: entre a África e o Brasil. In: ANPUH. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, Rio Grande do Norte, 2013, p. 2.

<sup>78</sup> Prefácio escrito pelo “Amigo do Paraná”. In: Monumento – Relatos de Viagem a Guairá e Foz do Iguaçu (1870 – 1920). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p. 16.

<sup>79</sup> DENIPOTI, op. cit., p. 8.

estudado na Europa. Segundo Antonio Cândido, até o início do século XIX no Brasil não existiam “universidades, nem tipografias, nem periódicos. Além da primária, a instrução se limitava à formação de clérigos e ao nível que hoje chamamos secundário”.<sup>80</sup> Eram poucas as bibliotecas, os teatros, além de uma significativa dificuldade para a circulação de livros.

As limitações educacionais, entretanto, não significaram uma ausência de vida literária e científica no Brasil. A partir da metade do século XVIII, estudos feitos por franceses, alemães e ingleses analisaram o ambiente brasileiro através de um “pragmatismo utilitário”. Além deles, os luso-brasileiros escreveram obras inspiradas pelo iluminismo, propagados por figuras como Marquês de Pombal, objetivando modernizar o cenário intelectual brasileiro, que era marcado anteriormente pela tradição clerical.

Não proveio sem razão dos brasileiros o ciclo mais característico do pombalismo literário, cujos pontos culminantes são *Uruguaya* (1769) de Basílio da Gama, no campo antijesuítico; *O desertor* (1771) de Silva Avarega, no setor da reforma intelectual; *O reino da Estupidez* (1785) de Francisco Melo Franco. Essas obras documentam uma atitude que, dentro das limitações apontadas, constituem o eco brasileiro, ou luso-brasileiro, das ideias modernas.<sup>81</sup>

O cenário intelectual luso-brasileiro foi alterado, mais significativamente, com a chegada da família real ao Brasil e com a abertura dos portos. Tais eventos ampliaram o horizonte cultural da colônia brasileira, incentivando a formação de um pensamento científico apurado. De acordo com Edivaldo Boaventura,<sup>82</sup> é com a chegada do Príncipe Regente que a educação no Brasil foi reestruturada. Foram criados cursos superiores em áreas como medicina, matemática, cirurgia, agricultura, além de “cursos e academias destinados a formar burocratas para o Estado e especialista nas produções de bens simbólicos”.<sup>83</sup>

Outro aspecto importante na reestruturação educacional no Brasil foi sua estreita ligação com a literatura. De acordo com Fetz, a esfera literária brasileira encontrava-se em condição social mais sólida do que a ciência, e isso teria permitido

---

<sup>80</sup> CANDIDO, A. *O romantismo no Brasil*. Humanitas, São Paulo, 2002, p. 7.

<sup>81</sup> CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Editora Itatiaia Ltda, Belo Horizonte, 2000, p. 64.

<sup>82</sup> BOAVENTURA, E. *A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência*. EDUFBA, Salvador, 2009, p. 129.

<sup>83</sup> CUNHA, op. cit., p. 67.

a literatura ser um meio para a “difusão e o fortalecimento do pensamento e do modo de vida científicos no Brasil”.<sup>84</sup>

Essa atuação era diferente, portanto, daquela exercida pela mesma literatura no contexto europeu, muito mais próxima da crítica ao pensamento científico do que de sua consolidação e promoção social. O resultado desse cenário singular seria a criação de uma “estética científica” da natureza e de um pensamento científico movido pela fruição, capaz de ser comunicado por círculos literários e pela linguagem literária.<sup>85</sup>

As valorizações do texto literário conjuntamente com a criação, no Rio de Janeiro, do Jardim Botânico e do Museu Real incentivaram um crescimento no número de expedições científicas de viajantes naturalistas europeus pela colônia. Entre os que fizeram tais viagens às terras brasileiras nesse período estavam Wilhelm Ludwig Von Eschwege; Carl Friedrich Philipp Von Martius; Johann Baptist von Spix; Georg Heinrich; Hermann Burmeister; Peter Wilhelm Lund; Auguste de Saint-Hilaire; Johann Moritz Rugendas; Jean Baptiste Debret; Aimé-Adrien Taunay; Hercule Florence,<sup>86</sup> entre outros.

O resultado da junção do movimento de valorização do texto literário com a maior presença de viajantes no Brasil foi uma estética científica sobre a natureza que valorizava o “pensamento movido pela fruição”.<sup>87</sup> Tal estética foi influenciada tanto pelas ideias iluministas, que cercavam os estudos dos naturalistas tradicionais, quanto pelas ideias românticas.

Com a independência do Brasil, em 1822, a elite nacional teve um acesso mais facilitado à educação formal e às ideias de ciência, criando uma estética literária denominada de romances regionalistas.<sup>88</sup> Os romances tinham como objetivo central a afirmação de uma identidade nacional e, unindo-se a estética do movimento romântico, autores como José de Alencar, Afonso Taunay, Franklin Távora e Bernardo Guimarães exaltavam a natureza tropical como objeto e as ideias européias como instrumento. Segundo Ana Santos, o grande mote dessa produção brasileira era dar uma “cor local” a “natureza pitoresca” do Brasil.<sup>89</sup>

<sup>84</sup> FETZ, M. Entre razão e fruição: formação e presença da Segunda Revolução Científica no Brasil (XVIII e XIX). 601 f. 2012. Tese (doutorado em sociologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012, p. 18.

<sup>85</sup> Ibidem.

<sup>86</sup> Ibidem.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>88</sup> SANTOS, A. C. V. R. A natureza dos românticos brasileiros: Uma leitura da sociologia ambiental. *Perspectivas*, São Paulo, v. 38, p. 75-92, jul./dez. 2010, p. 85.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 87.

A perspectiva utilitarista da natureza da segunda metade do século XIX serviu de alicerce para as filosofias exploratórias da embrionária modernização que se instaurava no país. Como abordaremos no próximo tópico, no relato de Nestor Borba essas formas literárias serviram tanto para gerar legitimidade ao discurso da viagem, com ênfase na necessidade do “progresso e da civilização”, quanto para dar forma aos sentimentos complexos que surgem na interação do viajante com as matas paranaenses.

## 1.2 O AMBIENTE NO RELATO: ENTRE O CIENTIFICISMO, O ROMANTISMO E AS EXPERIÊNCIAS.

O termo ambiente é uma construção histórica e social, e esteve sujeito em diferentes períodos a interpretações variadas, nas quais os humanos poderiam ou não estar incluídos. Para o presente estudo, abordaremos uma concepção do termo tal qual aponta Tim Ingold, onde ambiente seria uma malha de coisas emaranhadas que costuram a textura do mundo.<sup>90</sup> Quando se refere a “coisas”, Ingold abarca tudo que existe, seja uma mesa ou uma samambaia, um humano ou um pássaro, uma pedra ou uma nuvem se formando no céu. Para ele todas as coisas que constituem o mundo se relacionam, se entrelaçam, formando um ambiente.

Tal concepção pode também ser encontrada em Erick Swyngedowns, que argumenta, através do exemplo de um copo d’água, que tudo que constitui o mundo é uma espécie de *híbrido*, que contém dentro de si a história de uma cidade, dos meios de produção, da cultura, da política pública, dos rios, dos discursos sobre os recursos naturais, etc. Segundo o autor:

Refiro-me ao mundo como um processo histórico-geográfico de perpétuo metabolismo no qual processos “sociais” e “naturais” se combinam num “processo de produção de socrionatureza” histórico-geográfico, cujo resultado (natureza histórica) incorpora processos químicos, físicos, sociais, econômicos, políticos, e culturais de maneiras altamente contraditórias porém inseparáveis. Todo corpo e coisa são um *cyborg*, um mediador, parte social e parte natural mas sem fronteiras delineadas, e internalizam as múltiplas relações contraditórias que re-definem, re-trabalham todo corpo e toda coisa.<sup>91</sup>

De forma geral, o que ambos os autores apontam é que todas as coisas existentes – da cultura a um pedaço de madeira – estão não apenas interligadas,

<sup>90</sup> INGOLD, op. cit., p. 27.

<sup>91</sup> SWYNGEDOUW, E. A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização-cyborg”. In: ACSELRAD, H. *A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: D, P & A, 2001, p. 89.

mas são partes inseparáveis de um todo, e a esse todo é que podemos nomear de ambiente (ou siconatureza).

Frijot Capra denomina essa forma de conceitualização de pensamento sistêmico. Para o mesmo, o ambiente pode ser considerado um sistema, ou seja, “um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre suas partes”.<sup>92</sup> E para compreender o sistema seria necessário pensá-lo em seu contexto e nas redes que conectam seus componentes.

A ideia da vida como sistema pode ser encontrada também na obra “*A árvore do conhecimento – as bases biológicas do conhecimento humano*”,<sup>93</sup> de Maturana e Varela. Neste livro os autores defendem que os seres vivos têm em suas bases biológicas uma organização autopoietica, o que significa, de forma simplificada, que os seres vivos são sistemas que reproduzem continuamente a si mesmos. Porém neste sistema, o que é externo é considerado um agente que está em direta e continua relação com os seres, formando um ambiente onde os seres vivos são compreendidos nessa complexa vinculação:

Todos os organismos funcionam devido a seu acoplamento estrutural, ou seja, devido à sua interação com o meio, que se caracteriza por uma mudança estrutural contínua (que não cessa enquanto houver vida) e, ao mesmo tempo, pela conservação dessa recíproca relação de transformação entre o organismo (unidade) e o meio, pois a forma como ocorre esse processo depende do meio e do contexto em que se vive. Isso significa que, embora sejamos determinados por uma estrutura biológica, essa determinação estrutural não implica num reducionismo biológico, pois o meio interfere na forma com que iremos interagir com nossas próprias estruturas.<sup>94</sup>

É partindo do princípio de ambiente como algo amplo, que engloba todos os aspectos da vida humana e não-humana, e que só podem ser compreendidos de forma relacional, que buscamos analisar como Nestor Borba relata sua experiência com os aspectos bióticos e abióticos das matas paranaenses.

Borba, como vimos nos tópicos anteriores, não foi o primeiro a visitar as porções oeste do Paraná, mas era movido, além das questões políticas já mencionadas, por uma vontade de ver por si mesmo o que até então ele só conhecia pelos relatos de outros viajantes. Em suas palavras:

Não descrevemos uma viagem poética; porque o fim desta excursão não era admirar a natureza, como simples turista, mas sim colher exactos

<sup>92</sup> CAPRA, F. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 8ª ed. Cultrix, São Paulo, 2003, p. 39.

<sup>93</sup> MATURANA, VARELA, op. cit., p.13.

<sup>94</sup> ANDRADE, C. C. A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. *Revista de Filosofia*, v. 6, n.2, UFRB, Amargosa, Bahia, 2012, p. 99.

conhecimentos das regiões, que pretendíamos reconhecer, e rasgar, por assim dizer, esse véomysteroso, que, ha quasi um seculo, escondia, com versões espantosas, uma das mais bellas maravilhas da natureza.<sup>95</sup>

A vontade de “colher exatos conhecimentos” pode ser compreendida a luz das literaturas científicas e utilitaristas, nas quais era considerado imprescindível organizar e catalogar todos os espaços não-humanos, assim como da necessidade que a elite política paranaense tinha de pensar os usos dos chamados “sertões”. Mas além desses pontos, o trecho demonstra um desejo de Borba de vivenciar pessoalmente lugares dos quais ouvira histórias.

A vontade de “ver com os próprios olhos” pode ser compreendida através da tese levantada por Tuan, segundo o qual, há na sociedade uma valorização da experiência humana. De acordo com o autor, existe um pressuposto cultural de que acumular vivências é acumular conhecimento e, portanto, para alguém ser considerado experiente em algo é necessário que tenha experimentado uma variedade de situações. Segundo o autor:

Experienciar é vencer perigos. A palavra experiência provém da mesma raiz latina (per) de “experimento”, “esperto” e “perigoso”. Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto.<sup>96</sup>

A busca pelo novo, pelo perigoso e pela experimentação é ponto comum em diversos relatos de viagens desde o século XV. Segundo Rundvalt, era papel deste gênero comunicar um saber na mesma medida que contava uma aventura, mantendo assim uma função didática e de entretenimento.<sup>97</sup> De forma geral, a vontade de “estar lá” de Nestor Borba demonstra que, apesar dos estudos anteriores, ele concebia que explorando as matas, medindo por si os relevos, tirando suas próprias anotações sobre os rios, vendo, tocando, conseguiria reconhecer e apreender aqueles espaços de uma forma diferenciada.

Um exemplo dessa concepção da experiência física como algo que gera um apreender diferente pode ser encontrado no trecho abaixo do relato, onde após ter iniciado o trajeto via rios, Nestor Borba disserta:

No dia 10, ás 4 ½ da manhã,não era bem claro ainda, indo nós na tolda da canoa, ouvimos o proeiro dizer, com muito respeito - *Bom dia Paraná*. Entramos nas aguas do magestoso rio. O medo, que os camaradas tinham de navegá-lo, manifestou-se claramente no cumprimento respeitoso que lhe dirigiu o proeiro, naturalmente em nome de toda a tripolação. Atravessamos o Paraná para a margem direita por ser nossa intenção descer por ella,

<sup>95</sup> BORBA, op. cit., p. 21.

<sup>96</sup> TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983, p. 16.

<sup>97</sup> RUNDVALT, op. cit., p. 46.

reconhecendo sua costa e subir pela outra, não obstante ter sido ella explorada e estudada, até a bocca do Ivinheima por commissões scientificas, as quaes não fazem casos de pequenas cousas, porque veem tudo por um oculo<sup>98</sup>

Apesar das comissões anteriores, o autor considera que “pequenas coisas” deveriam ter passado despercebidas e, portanto, fazia-se necessário que ele mesmo verificasse. Justificando assim para o leitor tanto a necessidade de sua viagem, quanto dos motivos de suas curiosidades.

Antes da viagem feita por Borba em 1876, no período da Guerra do Paraguai (1864-1867) o governo imperial havia recrutado diversas expedições para o estudo e reconhecimento dos rios paranaenses. Em 1847 os sertanistas Lopes e Elliot fizeram um pequeno roteiro em busca de caminhos para o Mato Grosso através dos rios Tibagi e Ivaí. Em 1866 os engenheiros alemães José e Francisco Keller foram recrutados para fazer um levantamento técnico da navegabilidade dos rios, perpassando pelos rios Ivaí, Paraná, Paranapanema e Tibagi. Um exemplo do interesse nesses estudos é a nota abaixo, publicada por André Rebouças em 1876:

Possui a Província do Paraná um admirável sistema hidrográfico. Considerado sob o ponto de vista geral das comunicações internacionais, este sistema hidrográfico dá a essa Província dois litorais: - Um sobre o Oceano Atlântico, outro sobre o Rio Paraná. O litoral atlântico é a estação inicial da grande estrada livre – Maré Liberum – que conduz à Europa, aos Estados Unidos e às cinco partes do mundo. O litoral do Rio Paraná é a estação central de vias de comunicações internas de uma bacia fluvial, que, na América do Sul, rivaliza em grandeza e importância, com a do prodigioso Amazonas. [...] Ao sul da primorosa maravilha da América do Sul, é o próprio Rio Paraná que leva às mais ricas regiões das Republicas do Paraguai, Argentina e do Uruguai, até lançar-se no Oceano com o nome de Rio da Prata. Nesta região da América do Sul, o Paraná reina sem competidor.<sup>99</sup>

Como aponta Rebouças, na última metade do século XIX acreditava-se que o Rio Paraná poderia servir como meio de ligação dos portos e da capital com os campos do oeste e com os países vizinhos. De acordo com Arruda, “os rios apareciam nas primeiras décadas da província como uma grande possibilidade para facilitar a penetração ao interior do território e estabelecer rotas de comunicação com a vizinha província do Mato Grosso”.<sup>100</sup> Ainda segundo o autor, a necessidade de estabelecer os vaus possíveis e construir pontes era uma constante nas

<sup>98</sup> BORBA, op. cit., p. 23.

<sup>99</sup> REBOUÇAS, A. Sem título. Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, ano XXIII, n. 1714, junho de 1876, p. 3.

<sup>100</sup> ARRUDA, G. Rios e governos no Estado do Paraná: pontes, “força hidráulica” e a era das barragens (1853-1940). Varia história, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, 2008, p. 159.

mensagens e relatórios do governo, pois o principal objetivo era transformá-los em "caminhos que andam".

A própria viagem de Borba visava verificar a possibilidade de ligação entre Paraná e Mato Grosso através de uma ponte sob as Sete Quedas. As pontes são “objetos técnicos que permitem aos homens superarem ou transformarem os limites impostos pelo meio natural, ‘tecnologias’ criadas para a apropriação do natural”<sup>101</sup> e, nesse sentido, o rio Paraná representava tanto um obstáculo às relações externas da Província, devendo portanto ser ultrapassado, quanto uma possibilidade de conexão interna mais rápida e barata. Em ambos os casos o que prevalece é o uso do rio como recurso.

No trecho acima citado do relato, Nestor Borba menciona também o respeito e o medo dirigido ao ato de navegar pelo Rio Paraná. Segundo Tuan, o medo é um sentimento complexo, subjetivo, e comum a vários “animais superiores”, sendo possível distinguir neste sentimento dois componentes principais: o sinal de alarme e a ansiedade. O sinal de alarme é motivado por um evento inesperado e impeditivo no ambiente, diante do qual há uma resposta instintiva do corpo em enfrentar ou fugir. A ansiedade, por sua vez, é uma forma mais difusa do medo, que surge diante da habilidade de antecipação, e “comumente acontece quando um animal está em um ambiente estranho e desorientador, longe do seu território”.<sup>102</sup>

O medo, no que lhe concerne como um aspecto da vida humana é o resultado de construções socioculturais e experiências físicas em um espaço potencialmente nocivo. Esses lugares são chamados por Tuan de “paisagens do medo” e, segundo o autor, são espaços quase infinitos, onde existem representações do caos, seja ele humano ou não. “Os contos de fadas infantis, as lendas dos adultos, os mitos cosmológicos, os sistemas filosóficos, as casas, as cidades, a cerca no jardim”,<sup>103</sup> são todas fronteiras criadas pelos humanos para manter as ameaças afastadas, sejam elas os cachorros dos vizinhos, as crianças de sapatos sujos, o vento, a chuva, o mato, os lobos, os estranhos ou as doenças.<sup>104</sup>

Para compreender o medo e o respeito relatado por Borba é necessário explanar tanto os aspectos hidrológicos do rio Paraná, quanto o meio de transporte

<sup>101</sup> Ibidem.

<sup>102</sup> TUAN, Y. *Paisagens do medo*. Ed. Unesp, São Paulo, 2005, p.3.

<sup>103</sup> SOARES, M. L. A. Paisagens do Medo. *Revista de Estudos Universitários*. Universidade de Sorocaba, v. 33, n.1, 2007, p. 111.

<sup>104</sup> TUAN, op. cit., p.30.

utilizado e também os discursos pré-existent sobre este rio, pois, como aponta Swyngedouw, “a circulação de água produz uma geografia física e uma paisagem material, mas também uma paisagem simbólica e cultural de poder”.<sup>105</sup>

O Rio Paraná é o segundo maior rio em extensão da América do Sul, com um total 3.998 km, e o décimo do mundo em vazão, contando com um fluxo de águas de 17.290 m<sup>3</sup>/s. É na confluência com o Rio Paranapanema que o Rio Paraná começa a banhar o território homônimo. A largura média do rio em território paranaense é de 7 km, e a profundidade média é de 22,5 m.<sup>106</sup>

De acordo Túlio Vargas, no levantamento que realizou sobre a vida e as viagens de Telemâco Borba, no trajeto feito com Nestor, eles navegaram em duas canoas. A primeira, feita de tronco de peroba, media dezesseis metros de comprimento e um metro de largura, e a segunda, feita de cedro, tinha dez metros de comprimento e setenta centímetros de largura. Teriam sido levados nas embarcações, além de alimentos, arpão, linhas, anzóis, baús, cartuchos, pólvoras, chumbo, espoletas, facas e espingardas.<sup>107</sup>

Diante dos dados acima, pode-se inferir o respeito e o medo dos navegantes como uma forma de compreensão da dimensão física do rio Paraná, principalmente se utilizarmos como base comparativa o tamanho das embarcações. Somado ao fluxo intenso das águas, torna-se tangível o surgir do medo, como o citado por Tuan, pautado em uma ansiedade, por antever possíveis problemas ou instabilidades neste rio reconhecidamente turbulento. Ademais, pode-se concluir que o respeito ao “majestoso” rio advinha também dos variados discursos políticos e econômicos que, como mencionado acima, o colocava como meio para a expansão e o progresso da novata Província. Um meio que se por um lado inspirava respeito e medo, por outro deveria ser estudado, medido, traçado e dominado pelos homens, através da técnica e da ciência.

Continuada a viagem, o próprio Nestor Borba divaga sobre quais seriam os limites da dominação e da civilização humana sobre o ambiente não-humano:

Transcreveremos para aqui o que a respeito escrevemos na nossa carteira de apontamentos... “Logo que cheguei ao Itaquarahy, onde pretendia almoçar, entrei no mato levando espingarda para caçar mutuns, que havia em abundancia; a poucos passos encontrei as ruínas de uma povoação, conhecem-se estas pelos montes de terra, regularmente alinhados; que

<sup>105</sup> SWYNGEDOUW, op. cit., p. 98.

<sup>106</sup> FONTE: <http://riosvivos.org.br/a/Canal/Rio+Parana/541>. Data de acesso: 02/10/2018.

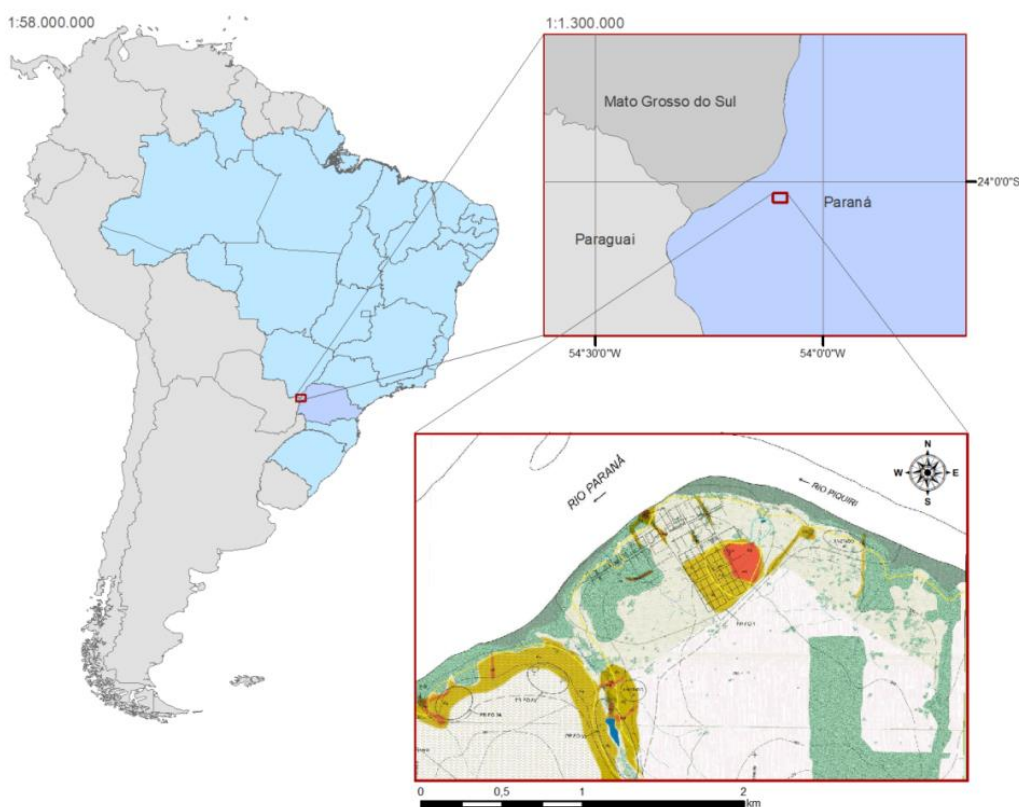
<sup>107</sup> VARGAS, T. *O Maragato: A vida lendária de Telêmaco Borba*. Editora Juruá, Curitiba, 2001, p. 85 - 86.

com dificuldade se veem, porque nos lugares onde foram povoações, a floresta é tão espessa, como em outra qualquer parte; em nenhuma das ruínas encontradas nas costas do Paraná e de seus afluentes, que faziam parte da província de Guayra, se viu ainda vestígio algum de construção de pedra e cal; seus edifícios (sic.), ou eram de páo a pique barreado, ou de taipa.

“Tomei vereda pelo alinhamento de uma rua, passei para outra a ver se encontrava alguma coisa, e depois (sic.) de muito fatigado, sentei-me em um grande monte de terra, onde certamente foi um edifício importante, e fiz comigo mesmo a seguinte reflexão: - Será possível que lugares onde houve povoações importantes; e que floresceram o commercio, a lavoura e a civilização, que possuíam vias de comunicação terrestres e fluviais, seja habitadas por selvagens (sic.) e feras, e inteiramente desconhecidas?”<sup>108</sup>

O local encontrado por Borba eram as ruínas da Ciudad Real Del Guayrá, instalações dos jesuítas espanhóis no século XVII, espaço que atualmente faz parte do complexo do Parque Nacional de Ilha Grande (PNIG).

#### MAPA 4: LOCALIZAÇÃO RUÍNAS DA CIUDAD REAL DEL GUAYRÁ



Fonte: Mapa de localização feito pela autora, utilizando como base de dados: IBGE, USGS e Chmyz et al., 1999.

A região é marcada, como menciona Borba, por uma densa cobertura vegetal, sendo caracterizada como uma zona de Floresta Estacional

<sup>108</sup> BORBA, op. cit., p. 17.

Semidecidual.<sup>109</sup> Neste tipo de floresta há uma predominância de árvores caducifólias<sup>110</sup> e com copas grandes, como palmeira, cedro, ingá, ipê, embaúva etc. Quanto à fauna a região mantém grandes populações de animais que têm como habitat principal áreas de várzeas, ressalta-se entre eles cervo-do-pantanal, capivara, anta, jacaré-de-papo-amarelo suçuaranas, onça-pintada e outros mamíferos, entre eles cateto, cachorro-do-mato, etc.<sup>111</sup>

O mutum caçado por Borba é uma ave pertencente à família *Cracidae*, e inclui os gêneros *Crax* e *Mitu*. O grupo habita, sobretudo, as zonas tropicais e subtropicais da América do Sul, América Central e América do Norte até o México. Assemelham-se morfologicamente aos os faisões e perdizes diferindo deles, no entanto, pelo fato de preferirem habitats florestais aos campestres, nidificarem em árvores e não no chão, e terem uma alimentação mais frugívora.<sup>112</sup>

FIGURA 1: ESPÉCIMES DE MUTUM ENCONTRADOS NO PARANÁ.



Fonte: Portal São Francisco. Disponível em: <https://bit.ly/2s4UnFw>. Data de acesso: 24 de maio de 2018.

A reflexão proposta por Nestor Borba sobre a possibilidade de um espaço antes dominado pelos “civilizados”, aos moldes modernos, retornar a ser ocupado

<sup>109</sup> SVOLENSKI, A. C. (org). *Plano de Manejo para o Parque Nacional de Ilha Grande*. Ministério do Meio Ambiente, Curitiba, 2008, p. 45.

<sup>110</sup> Espécies que em determinadas épocas do ano – em geral no outono e inverno – perdem suas folhas.

<sup>111</sup> SVOLENSKI, op. cit., p. 45.

<sup>112</sup> Fonte: FOTOAVES. Disponível em: <http://www.photoaves.com/cracidae>. Data de acesso: 01 de junho de 2018.

pelos ditos “selvagens”, pelas feras e desconhecidos, reflete um dilema cultural que abrangia diversos setores intelectuais e políticos brasileiros no final do século XIX e início do XX.

O dilema era pautado em duas formas de abordagens e de entendimento do próprio ambiente. De acordo com Murari, a primeira voltou-se para o futuro, buscando na técnica e na ciência os instrumentos para a atualização da sociedade.<sup>113</sup> Francisco Hardman, denomina essa abordagem de eufórico-diurno-iluminista,<sup>114</sup> caracterizada como uma “utopia futurista da regeneração da sociedade por intermédio da ciência”.<sup>115</sup> A segunda, chamada de melancólica-noturna-romântica,<sup>116</sup> indagava o passado colonizador, buscando nele tanto a identidade nacional quanto os problemas fundamentais da formação brasileira. Ou seja, havia uma tendência literária e política, de olhar para o passado buscando memórias e símbolos para a construção de uma identidade, e de ver na ciência um futuro, para a dominação e progresso.

Além disso, como aponta Keith Thomas, “a civilização humana era uma expressão virtualmente sinônima de conquista da natureza”,<sup>117</sup> e neste sentido, compreende-se a surpresa de Borba ao se deparar com um espaço onde tal lógica é subvertida. Enquanto ele, assim como tantos outros viajantes e intelectuais, buscava levar através da ciência a expansão das “cidades civilizadas” para os “sertões selvagens”, havia um local onde as matas e animais não-humanos, apesar dos “símbolos de progresso”, voltaram a dominar.

As criaturas citadas como “selvagens e feras” eram aquelas julgadas como despossuídas de razão e do raciocínio lógico, sem civilidade e incapazes de domar a si mesmas e seus instintos. Nessa classificação, estavam inclusos todos os tipos de vida não-humana, mas também determinados grupos de pessoas. Segundo Gibbon, “o ser humano bruto, sem artes e sem lei, mal pode ser distinguido do restante da criação animal”.<sup>118</sup>

<sup>113</sup> MURARI, L. *Tudo o mais é paisagem: Representações da natureza na cultura brasileira*. 2002, 591 f. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, 2002, p. 24.

<sup>114</sup> HARDMAN, F. F. Antigos modernistas. In: NOVAES, A. *Tempo e história*. Companhia das Letras, São Paulo, 2002.

<sup>115</sup> MURARI, op. cit., p. 25.

<sup>116</sup> Ibidem.

<sup>117</sup> THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 - 1800)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 31.

<sup>118</sup> GIBBON, E. apud THOMAS, op. cit., p. 17.

Ou seja, a falta de “modos”, do acesso ao mundo da cultura, da educação, etc., foram utilizados como justificativa para o processo de dominação e de divisão do mundo entre os sujeitos racionais e “selvagens”, quase animais, que deveriam ser domados e domesticados. Exemplos da subjugação e dominação são os indígenas, os negros, as mulheres, os pobres, os não-letrados, ou qualquer “outro” que não seguisse os padrões esperados. Fugindo do mínimo do que os europeus consideravam civilidade, o sujeito era considerado mais próximo ao mundo animal do que do mundo compreendido como racional e, “uma vez percebidas como bestas, as pessoas eram passíveis de serem tratadas como tais”.<sup>119</sup>

Na passagem abaixo, Borba trata da visão do “homem rude e naturalmente insensível” ao chegar aos Saltos de Guairá. Contrapondo em seguida com suas próprias experiências, enquanto “homem civilizado”:

A primeira impressão, que sente-se ao contemplá-lo, é de espanto! Um camarada que nos acompanhava, homem rude e naturalmente insensível no admirar a natureza, depois de haver por alguns instantes, de bocca aberta, contemplado o quadro que tinha diante de si, disse com um gesto, que lhe é familiar, e que exprime a maior admiração:

- “Eh! Pucha... diabo!...”

O resto desse dia e dos dias 17, 18 e 19 passamos levantando a planta do Salto, e tirando suas vistas, não podendo tomar todas, que desejávamos, pela dificuldade de colocar a machina em posição favorável devido a formação do terreno. Agora vamos ver se podemos descrever o que encerra de beleza aquelle salto.

O rio precipita suas aguas com fúria indomável pelo canal grande; pelos outros menores despenham-se as torrentes com furia igual, aos (sic.) choques se formam redemoinho enorme produzindo um estrondo medonho; nessa luta horrivel elevam-se columnas d’agua á uma altura extraordinaria, desfazendo-se em aguaceiro de uma belleza fascinante; não só pelas côres do arco-iris, que tem geralmente, como pelo effeito do sol, que reflectindo sobre as aguas, que se espalham no ar, faz de suas gottas uma chuva de brilhantes.

O homem encara, com respeito assombroso, aquelle prodigio da natureza.

<sup>120</sup>

No início da narrativa, Nestor Borba afirmava que não pretendia descrever uma viagem poética, visto que sua intenção era a de estudar os locais e não admirá-los. Porém, mesmo continuando as medições e descrições, ao chegar às quedas, os usos de adjetivos no texto se multiplicam. Para compreender a admiração suscitada pelos Saltos de Guairá (também chamados de Salto de Sete Quedas e Sete Quedas do Rio Paraná), é necessário salientar primeiro que elas eram<sup>121</sup>as maiores

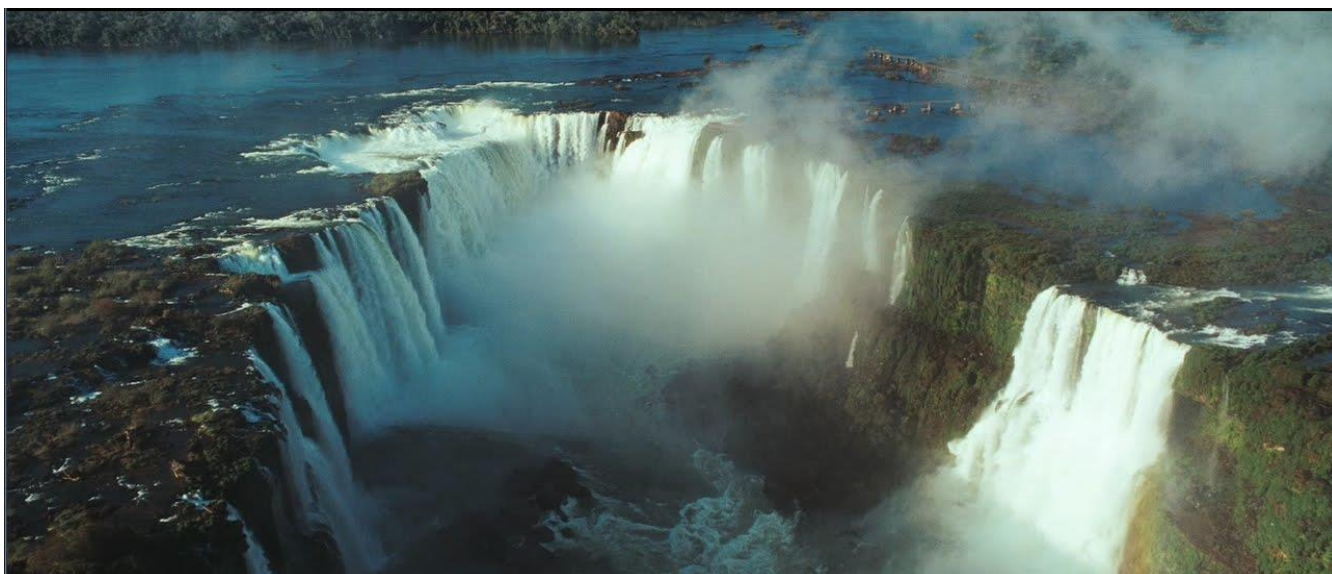
<sup>119</sup> THOMAS, op. cit., p.60.

<sup>120</sup> BORBA, op. cit., p.19 – 20.

<sup>121</sup> Usa-se o verbo no passado devido ao fato desses saltos terem sido inundados em 1982 para a construção da hidrelétrica de Itaipu. Com a criação da represa as quedas ficaram submersas. cf.

cachoeiras do mundo em volume de água, com cerca de 13.300 m<sup>3</sup>/s. Eram formadas por sete quedas principais e por dezenove secundárias, e tinham a altura média de 114m.

FIGURA 2: SETE QUEDAS DO RIO PARANÁ.



Fonte: Portal Mdig. Disponível em: <https://bit.ly/2GYsILI>. Data de acesso: 24 de maio de 2018.

De acordo com Tilley, “o mundo que existe, é o mundo que existe para o sujeito, sendo aquele continuamente definido e redefinido em relação a este”.<sup>122</sup> Neste sentido, ao descrever o que seria o auge de sua viagem, Borba explicita não apenas possibilidades de desenvolvimento para a Província, mas também sua singular percepção do tamanho das quedas, da velocidade das águas, das cores, dos sons. Uma percepção que é mediada pela experiência, pelos sentidos humanos, pelas possibilidades e limitações que o corpo e a mente oferecem. Tal dinâmica entre corpos e lugares pode até parecer, como sugere Casey, “demasiado evidente”, porém, “este fato não é inocente e nem trivial”.<sup>123</sup>

---

BELO, C. N. *ITAIPU: Marcos da construção da usina nas páginas do Jornal Clarín (1973 – 1979)*. 2011. 145 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2011.

<sup>122</sup> TILLEY, C. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Revista Vestígios*. UFMG, v. 8, n. 1, Belo Horizonte, junho de 2014, p. 25.

<sup>123</sup> CASEY, E. *Getting back into place*. Universidade de Indiana, Bloomington, 1993, p. 239.

O corpo próprio é um modo de ver e sentir o mundo, é a forma pela qual um sujeito vem a conhecer e a expressar essas imagens e impressões [...]. Ele nos permite saber o que espaços, lugares e paisagens são porque é o agente autoral desses. A partir do corpo, nós aprendemos o que é perto, o que é longe, aquilo está em cima, aquilo está embaixo, a linha do horizonte e os limites da nossa visão.<sup>124</sup>

Evidenciar corpos em lugares não implica desconsiderar a cultura em detrimento da corporeidade, ou ainda, de elevar a experiência por si como única forma possível de análise, mas uma tentativa de ressaltar que as viagens foram feitas e escritas por pessoas. Seres humanos que têm limites de altura, de campo de visão, de alcance da audição, que sentem medo, que contemplam, que produzem cultura, que vivem e se organizam em sociedade, que têm ambições, categorias de poder, de status, etc. Em suma, é uma tentativa de evidenciar algo que se encontra nas premissas da história ambiental, que eventos do passado ocorreram em um espaço complexo, em que os humanos eram animais constituintes, e não exclusivos, de um ambiente vasto. Como pontua Pádua:

Somos mamíferos, somos primatas. Fazemos parte da história da vida no planeta. Mas, ao mesmo tempo, também somos inseparáveis do mundo da cultura, do mundo da linguagem, da consciência auto-reflexiva, do mundo do pensamento, da ação significativa. A nossa ação sempre é cultural, sempre é significativa, mais também é sempre biológica. É o fio da navalha teórico onde podemos construir uma nova perspectiva dentro da tradicional reflexão história e natureza.<sup>125</sup>

No caso de Nestor Borba, é decorrente de uma experiência física que ele cria um relato, uma literatura pública. Na descrição estão inclusos os projetos políticos, a busca pelo progresso e o desenvolver das ciências. Permeia também a estética literária romântica, a fim de entreter o público leitor, tal qual era comum em escritos do mesmo período. Teme os rios, as águas turbulentas, os obstáculos, que em certa medida, serviam para atribuir discursivamente coragem aos que lhe enfrentaram, e uma justificava a dominação do mundo biofísico. Ademais, também exaltava a beleza das matas, e outras qualidades que poderiam ser utilizadas para a almejada expansão da Província do Paraná pela região oeste.

Como abordaremos no tópico seguinte, 16 anos após a viagem de Nestor Borba, o Capitão José Cândido Muricy relata um ambiente modificado, onde parte do “progresso” almejado era encenado não mais pelos rios e pontes mas pelas

<sup>124</sup> TILLEY, op. cit., 25.

<sup>125</sup> CARVALHO, A. I., LAVERDI, R., PÁDUA, J. A. A dimensão ambiental do conhecimento histórico: Entrevista com José Augusto Pádua. *Revista de História Regional*. UEPG, v. 19, Ponta Grossa, 2014, p. 466.

estradas, e em que a preocupação em demarcar as fronteiras afluavam. Nesses aspectos, a descrição da experiência é alterada, e os sentidos se aguçam em novos elementos.

## 2. JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY (1863 - 1943)

Herdeiro do nome de seu pai, José Cândido da Silva Muricy foi um curitibano nascido em 30 de julho de 1863. Filho do médico José Cândido e de Iria Narcisa Ferreira Muricy, esteve integrado à elite paranaense devido tanto a carreira militar e erudita que trilhou, mas também pelo fato de seu pai ter exercido cargos de médico, oficial do Exército, vacinador provincial, deputado provincial por três mandatos, e sendo um dos fundadores da Santa Casa de Curitiba e co-fundador do Museu Paranaense.

O filho Muricy, segundo dados do Museu Maçônico Paranaense,<sup>126</sup> iniciou em 5 de março de 1883 sua formação como militar do 1º Batalhão de Engenheiros, matriculando-se na mesma data na Escola Militar da Praia Vermelha, onde atuou na Cavalaria e na Infantaria. Transferido para a Escola Superior de Guerra, ali completou o curso das três armas.

Em 1889 Muricy participou dos movimentos da Proclamação da República, o que lhe rendeu o posto de 2º tenente de Artilharia. Com o início da Primeira República, houve um movimento nacional por uma maior presença militar nos postos de liderança<sup>127</sup> e, de acordo com Sebastião Paraná,<sup>128</sup> em 1890 Muricy entrou para a Comissão de Estradas Estratégicas, sendo promovido a 1º Tenente dessa comissão.

Segundo Mello, a Comissão de Estradas Estratégicas do Paraná foi criada para “suprir a existência da colônia militar no que tange às necessidades mais elementares para que uma localidade fosse garantida para a nação”<sup>129</sup> e entre as funções da comissão estavam: “manter e alargar as picadas que conduziam a colônia, fornecer-lhe gêneros alimentícios, roupas, ferramentas, armas, munições, medicamentos e dinheiro”.<sup>130</sup>

É importante contextualizar o simbolismo de “ser militar” nesse momento no Paraná, e como esses estavam inseridos no centro da disputa pelo poder. Isto

<sup>126</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2KRU1Ne>. Data de acesso: 21/11/2017.

<sup>127</sup> ROSEVICS.op. cit., p. 60.

<sup>128</sup> PARANÁ, S. apud, MYSKIW.op. cit., p. 44.

<sup>129</sup> MELLO, op. cit., p. 1093.

<sup>130</sup> Ibidem, p. 1093.

porque no século XIX o Paraná contava com duas elites econômicas que detinham o poder político: as elites rurais dos Campos Gerais e a burguesia ervateira de Curitiba e do litoral.<sup>131</sup> Tais grupos disputavam o governo através do Partido Liberal, que representava as elites agrárias, e do Partido Conservador, que representava as elites ervateiras.<sup>132</sup> Com a queda da Monarquia, algumas modificações ocorrem nas organizações partidárias e o que era o então Partido Liberal passou a ser a União Republicana do Paraná e o Partido Conservador se tornou o Partido Republicano Federal. Estes partidos constituíram novos espaços, porém ainda dominados pelos mesmos grupos, que agora buscavam a manutenção do poder em direta disputa com os militares.

Como se sabe, a Proclamação da República foi, na prática, resultado de uma articulação entre militares e republicanos. Essa configuração repetiu-se no campo político local, em que a reverência e o respeito aos militares tornaram-se objeto de disputa entre os grupos d'*A República* e do *Diário do Paraná*. O exército participou ativamente dos movimentos cívicos do final do século XIX na província e influenciou a disseminação de doutrinas positivistas, inspiradas em Augusto Comte. Assim como no seu periódico de referência, *A Federação*, o jornal do Clube Republicano de Curitiba publicou diversos artigos sobre a questão militar e freqüentemente os convocava a ficar ao lado do povo e lutar contra o despotismo monárquico. Após a Proclamação da República, a exaltação aos militares tomou proporções ainda maiores, sendo considerados "símbolo do republicanismo americano".<sup>133</sup>

Entre 1889 e 1900 todos os governantes do Paraná foram militares nomeados pelos governos do Marechal Deodoro e Marechal Floriano. Segundo Corrêa, tais militares "constituíam uma classe letrada dotada de condições de crítica política e social".<sup>134</sup>

Nesse sentido, o tenente José Cândido da Silva Muricy contava com privilégios, exemplo disso é a viagem que realizou em 1892: assistido por uma

<sup>131</sup> CORRÊA, A. S. Imprensa política e pensamento republicano no Paraná, no final do século XIX. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 17, n. 32, p. 139-158, fev. 2009.

<sup>132</sup> "O Partido Conservador era comandado por dois dos mais poderosos exportadores de erva-mate da província: o Visconde de Nacar, representante das oligarquias do litoral paranaense, e Ildefonso Correia, futuro Barão do Serro Azul, também oriundo de família ilustre do litoral, cujo irmão era senador e membro da elite política imperial em seu primeiro escalão. Ocupavam a posição dominante no campo econômico regional, mas sofriam sérios entraves na Assembléia, dominada pelos liberais durante o período monárquico. O Partido Liberal, representante das elites agrárias, tinha sua produção mais voltada para o mercado interno. Porém, com a crise de sua posição no campo econômico, cada vez mais dominado pelos ervateiros, unido à configuração do jogo político nacional, com a hegemonia saquarema, a posição dos grandes proprietários ligados ao tropeirismo e à pecuária foi ficando cada vez mais dominada, embora desafiasse com freqüência a hegemonia dos conservadores, obstruindo a aprovação de suas demandas na Assembléia. Após a Proclamação da República, aceitaram os fatos e aderiram ao governo provisório." Ibidem, p.140-141.

<sup>133</sup> Ibidem, p.147.

<sup>134</sup> CORRÊA, op. cit., p. 15.

ampla comitiva, Muricy foi o primeiro a realizar uma viagem por terra para a Colônia Militar do Iguaçu. Depois da viagem foi convidado a publicar seus relatos sobre a “região desconhecida”, originando a obra: *À Foz do Iguassú: Ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuáva à Colônia de Foz do Iguassú, em novembro de 1892*,<sup>135</sup> que foi publicada pela Imprensa Paranaense em 1896. Segundo Myskiw:

O texto que compõem o livro eram as anotações feitas em um diário de viagem, publicadas “unicamente a pedido de um amigo”, Jesuino Lopes, então proprietário da “Imprensa Paranaense”, com sede em Curitiba/PR (rua Riachuelo, n.º 19). Ao ser publicado, o livro legou aos leitores muito mais do que uma “descrição” de viagem. A partir de seus relatos, José Muricy construiu memórias, identidades e representações de um espaço.<sup>136</sup>

Cezar Karpinski aponta que nessa obra de Muricy consta também “uma das primeiras descrições dos grandes Saltos de Santa Maria do Iguassú”,<sup>137</sup> e “representa um dos primeiros documentos detalhados sobre as paisagens da região oeste do Paraná”.<sup>138</sup>

Mas o que leva um primeiro tenente a viajar por picadas recém abertas, e a ficar, como o próprio Muricy narra, “sem dinheiro, sem gêneros alimentícios, quase sem crédito, exausta portanto de recursos?”<sup>139</sup> A resposta parece envolver diversas questões políticas e pessoais. Muricy era “um homem que representava a força do Estado em paragens onde a presença dessa instituição ainda era cambaleante”.<sup>140</sup> E sendo assim, a presença dele em um território distante da capital, como Foz do Iguaçu, “representava a presença da civilização em uma localidade que “precisaria” ser apropriada para o ritmo do progresso e para os contornos da nação”.<sup>141</sup>

Além disso, Karpinski salienta que, como Muricy fazia parte da Comissão Estratégica do Paraná, ele estava inserido em uma “seleta classe do Exército Brasileiro” que tinha como objetivo fundar a Colônia Militar do Iguaçu, assim como “construir estradas e fazer com que a colônia se comunicasse, de algum modo, com o restante da Província/Estado do Paraná”.<sup>142</sup>

Ou seja, Muricy viajou não apenas para verificar as estradas abertas, mas também para cumprir partes de seu papel para com a Província, e portava consigo o

<sup>135</sup>MURICY, J. C. S. *À Foz do Iguassú: Ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuáva à Colônia de Foz do Iguassú, em novembro de 1892*. Imprensa Paranaense, Curitiba, 1896.

<sup>136</sup> MYSKIW, A. M. *Memórias e paisagens do Oeste do Paraná (1892)*. Cantareira (UFF), Rio de Janeiro, p. 1-12, 2003, p. 6.

<sup>137</sup>KARPINSKI, op. cit., p.137.

<sup>138</sup>Ibidem; p. 138.

<sup>139</sup>MURICY, op. cit., p.20.

<sup>140</sup>MELLO, op. cit.; p. 1092.

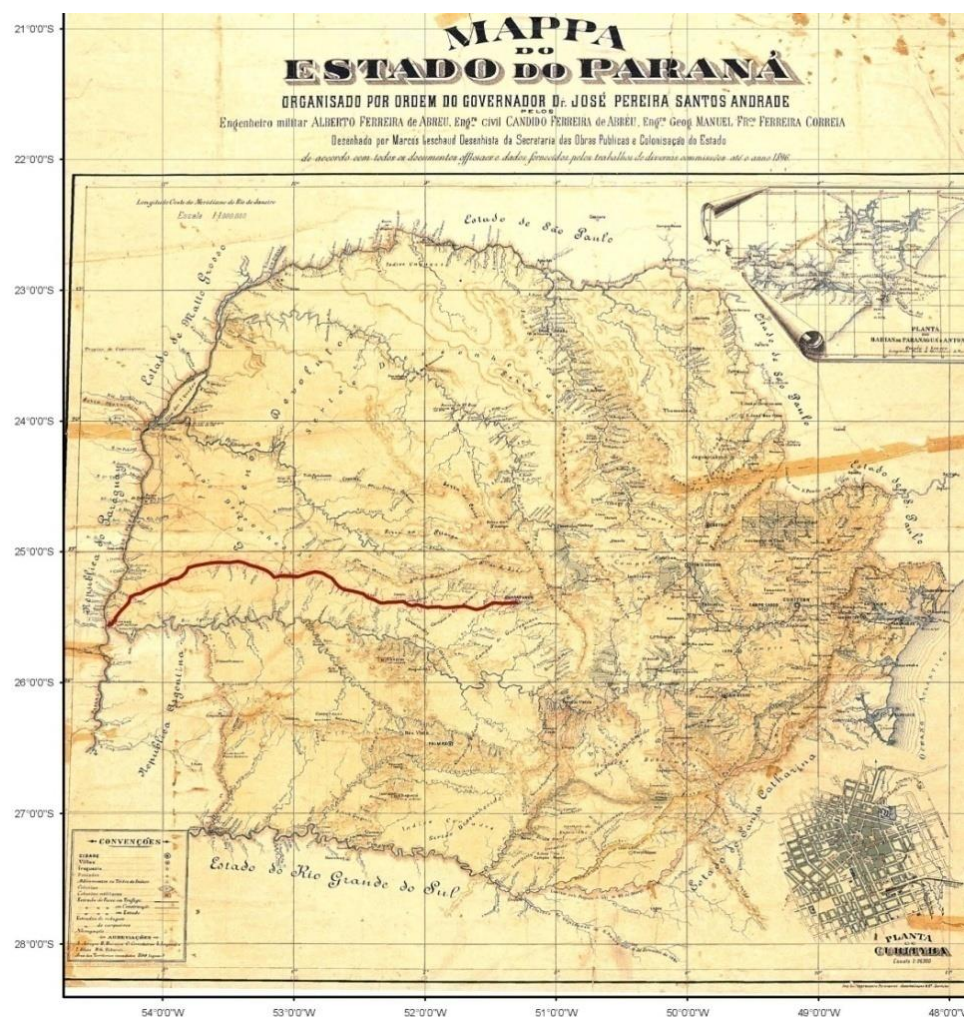
<sup>141</sup>Ibidem, p. 1092.

<sup>142</sup>KARPINSKI, op.cit., p. 148.

distintivo simbólico de defender as fronteiras e levar o povoamento para a região. Muricy percorreu 75 léguas (aproximadamente 360 Km), partindo de Guarapuava até a Colônia Militar de Foz do Iguaçu. A viagem levou ao todo 34 dias, entre os meses de novembro e dezembro de 1892.

Abaixo, no mapa 4, tentamos projetar de forma aproximada o trajeto feito por Muricy. Dizemos que o mesmo é apenas aproximado, pois ao contrário de Borba, este autor não relata todas as localidades pelas quais perpassou.

MAPA 5: TRAJETO APROXIMADO DE JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY.



Fonte do mapa base: ITCG, Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná. Disponível em: <http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>. Data de acesso: 10/08/2017. Geoprocessamento e adaptações feitos pela autora.

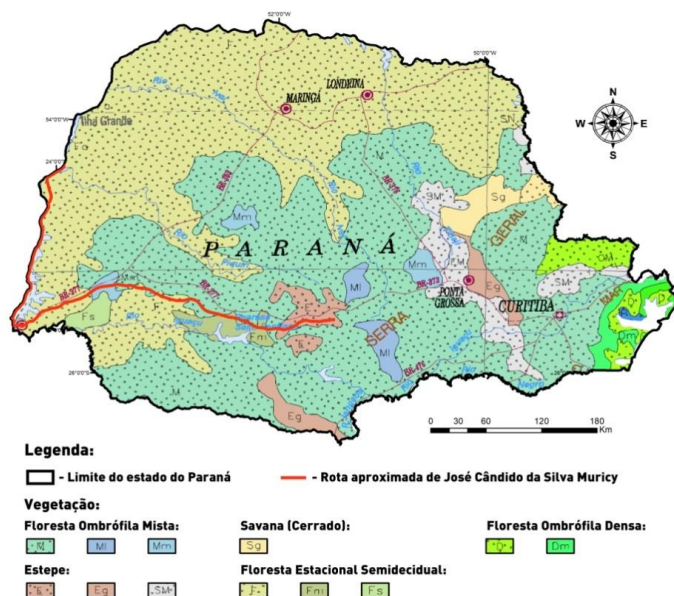
A viagem de Muricy ocorreu durante a estação da primavera, que no Paraná é marcada por um aumento natural no volume das chuvas além de ocorrências de eventos severos como rajadas de ventos moderadas a fortes, granizos e grande

quantidade de raios. Segundo dados do IAPAR,<sup>143</sup> a média histórica de chuvas desta estação são de 100 a 200 mm, com a temperatura variando entre 12°C a 29°C, ou seja, uma considerável amplitude térmica.

A variação das temperaturas aparece no relato de Muricy, quando aponta que no trajeto feito durante o dia “o calor insuportável do sol a refletir-se nas enormes pedras soltas, por cima das quaes tínhamos de passar, tornava a viagem um verdadeiro sacrifício”.<sup>144</sup> E sobre algumas noites, reclama do frio e da cerração, detalhando: “demos graças quando a aurora começou a colorir os pardacentos nevoeiros que enchiam a atmosphaera”.<sup>145</sup>

Quanto à vegetação presente no trajeto, no mapa 5, é possível identificar algumas das regiões fitoecológicas pelas quais Muricy perpassou durante a viagem, referentes à vegetação tipo Estepe, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Ombrófila Mista:

MAPA 6 : VEGETAÇÃO DO PARANÁ COM A ROTA APROXIMADA DE JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY



Fonte do mapa base: IBGE. Disponível em: <https://mapas.ibge.gov.br/tematicos/vegetacao>. Data de acesso 18/01/2018. Adaptações feita pela autora.

<sup>143</sup> Fonte: Dados da Rede Agroclimatológica do IAPAR. Disponível em:

[http://www.simepar.br/site/internas/conteudo/meteorologia/clima\\_estacoes/arquivos/verao2012.pdf](http://www.simepar.br/site/internas/conteudo/meteorologia/clima_estacoes/arquivos/verao2012.pdf).

<sup>144</sup> MURICY, op. cit., p.71.

<sup>145</sup> Ibidem, p. 32

A Floresta Estacional Semidecidual é caracterizada por árvores lenhosas, além de ipês, pau-d'arco, etc. Já o fitotipo Estepe é caracterizado por pouca presença de árvores, sendo composta principalmente por gramíneas. No relato de Muricy, algumas espécies características dessas florestas são elencadas:

O pinho, que abunda nas restingas e matto proximos aos campo (sic.), quase desaparece no sertão, encontrando-se um ou outro, perdido no meio dessas florestas seculares onde a peróba-rosa, o cedro, o monjolo, a canafistula e muitas outras, erguem seus robustos troncos, fazendo-lhe vantajosa concorrência, na grossura e na altura. A herba-matte, que se vae sempre encontrando, bordando as margens do caminho, apresenta-se também em grandes manchas, em diferentes pontos, como nas margens do rio da Tormenta, a 2 leguas de Catanduvas, constituindo hervaes para muitos milhares de arrôbas de herba.<sup>146</sup>

Na empreitada Muricy levou uma tropa de trinta cargueiros com alimentos e uma boiada de 20 animais, o que, segundo ele, era “cousa que ninguém até então conseguira levar; porque os que tentaram, ou por outra, o unico que tentou, perdeu quasi toda a boiada”.<sup>147</sup> Em partes de sua viagem foi acompanhado de Edmundo de Barros, vice-diretor da Colônia Militar, que trabalhava no período para “a realização da ligação entre as colônias de Foz do Iguaçu e Chopim e a exploração, pelo lado brasileiro, dos “Saltos de Santa Maria do Iguassú”.<sup>148</sup> Era uma tentativa não apenas de salvaguardar para o Brasil melhores paisagens das quedas, mas também maior espaço geográfico na fronteira.

Conforme afirmou o próprio Edmundo de Barros em 1904, sua principal intenção nas viagens exploratórias às cataratas no início da década de 1890 era a de definir o talvegue, que é a calha mais profunda do rio e que serve como base de definição de limite entre dois países. Com a definição do talvegue, se definiria também a pertença dos saltos. Com a visita de Muricy, Barros teve a oportunidade de divulgar as medições e “batizar” cada uma das quedas com o intuito de publicar e conscientizar a todos que o Brasil já tomara posse daquilo que entendia ser seu. Desta forma, Barros registra a viagem de Muricy como sendo a primeira em que foram vistos “e devidamente baptizados os Saltos, em Novembro de 1892, por dous officiaes” do exército brasileiro. Sendo assim, a visita de Muricy às cataratas e a publicação de seu diário de viagem se transformaram, no entender de Barros, subsídios capazes de legitimar suas medições e documentar a posse “mansa e pacífica” do que seria mais tarde requerido pela Argentina.<sup>149</sup>

Nesse sentido, a presença de Edmundo de Barros se justifica ainda mais, visto que ele tinha como principal missão o alcance de um lugar propício para a confecção de uma planta ou mapa do rio e dos saltos a fim de estabelecer por onde passava a linha divisória dos dois países, ou seja, a linha divisória entre Brasil e

<sup>146</sup> MURICY, op. cit., p. 50.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>148</sup> KARPINSKI, op. cit., p. 147.

<sup>149</sup> Ibidem, p. 148.

Argentina. A viagem também se justifica quando compreendemos, com Karpinski, a movimentação do lado argentino para as quedas do Iguaçu:

Enquanto no Brasil se faziam apenas viagens exploratórias e curiosas às cataratas, na Argentina ocorriam expedições científicas, com a intenção de estudar não apenas os saltos, mas a fauna, a flora, a geologia, mineralogia. Pintores e fotógrafos acompanhavam os cientistas e são deles os primeiros retratos e pinturas destas paisagens do noroeste argentino.<sup>150</sup>

Em suma, os objetivos da viagem de Muricy podem ser divididos em dois. O primeiro, de caráter interno, buscava relatar os problemas da Colônia de Foz do Iguaçu, verificar as estradas, narrar suas precariedades, levar suprimentos e animais. O segundo, diz respeito às questões externas, mais específicas das fronteiras, onde buscava afirmar os limites entre a parte das quedas pertencentes ao Brasil em contraposição as demarcações argentinas.

Não são muitos os registros sobre qual foi o impacto da obra de Muricy após sua publicação, porém, segundo Miskiw, “entre os leitores das narrativas de viagem de José Cândido da Silva Muricy figuravam jornalistas e militares, dentre eles José Francisco da Rocha Pombo”.<sup>151</sup>

Rocha Pombo foi um importante professor, jornalista, escritor e político paranaense, ligado ao movimento paranista, e escreveu diversos livros sobre a história do Brasil e do Paraná. Sua trajetória e a de Muricy cruzaram-se no Instituto Histórico e Geographico Paranaense (IHGPR), no qual ambos eram sócios efetivos.

O IHGPR estava “inserido no contexto de um regionalismo que se desenvolveu no Paraná na Primeira República, que buscou criar particularidades ao estado, inseridas a um projeto maior da nação brasileira”.<sup>152</sup> E, para tanto, agrupavam-se no espaço do Instituto uma série de intelectuais da elite paranaense, que travavam ali diversas redes de sociabilidades. Era um grupo heterogêneo, onde figuravam desde professores, militares, advogados, políticos das mais variadas vertentes, médicos, etc. Segundo Rosevics,

Ainda que alguns deles não fossem diretamente partes dos grupos detentores dos meios de produção, estavam todos ligados aos grupos dominantes de brasileiros estabelecidos. Eles foram intelectuais que, como definiu Gramsci (1982), possibilitaram que suas idéias e as dos grupos dominantes que pertenciam ou freqüentavam, pudessem ser perpetuadas em um espaço mais sólido e menos palpável que qualquer outro, o imaginário. As idéias aqui referidas tratam-se daquelas que possibilitaram a realização do projeto de Paraná desses grupos como sendo de toda a

<sup>150</sup> Ibidem, p. 150.

<sup>151</sup> MYSKIW, op. cit., p.52

<sup>152</sup> ROSEVICS, op. cit., p. 105.

coletividade de habitantes da região, dando cores e formas a um homem paranaense, identificado a partir das fronteiras que o cercavam.<sup>153</sup>

Ou seja, eram uma pequena parcela de indivíduos que buscaram desde preservar, guardar e divulgar documentos que julgavam interessantes sobre a história do Paraná, até criar um discurso coletivo sobre o que era “ser paranaense” e como deveria se dar o progresso do estado. O relato de Muricy, neste sentido, corrobora trazendo críticas e sugestões sobre como até aquele momento, era gerido a ciência no estado, principalmente, através do Museu Paranaense:

Quantos productos, quão variada quantidade de insectos e plantas, poderiam figurar em nossos muzeus, si o governo os quizesse auxiliar convenientemente, e se elles adoptassem o systema do de La Plata, que apezar dos poucos annos que tem de existencia, pois foi creado em 1884, possui rendas proprias, de officinas impressoras e photographicas etc., que lhe permitem enviar commissões, para toda a parte, a procura de specimens, que lhes enriquecem as preciosas colleccões.

Sentimos profundamente que o nosso Estado, podendo ter um importante e rico muzeu, possua um, mas um verdadeiro engeitado, tão pobre, tão desprezado, sem direcção, principalmente tão mal organizado, ou por outra, completamente desorganizado. Alem d’isso, está collocado em um edificioimproprio para contel-o, sem as necessárias accomodações, onde, por secções, se possa admirar os productos expostos, em seus generos, ordens, especies, familias, etc. etc. Precisavamos pensar que um muzeu, não deve ser uma simples colleccão, ou um amontoamento de objectos exquisitos collocados em uma casa, para a satisfação da curiosidade popular, ou pela tòla vaidade de dizermos: possuimos um muzeu! Não; o muzeu deve ser para todos, um livro de sciencia bem difficil, onde o presente lê e o futuro lerá, a historia do passado. Vê-se n’elle a transformação da natureza, as evoluções da vida humana, pelos progressos da civilisação; vê-se o desenvolvimento das sciencias physicas e naturaes, que precisam estudar todos os phenomenos geologicos, metereologicos e Phisyologicos, das epochas pré historicas e das actuaes.

Mas para isso é preciso que além de um director zeloso e criterioso, elle seja organizado, ao menos por um profissional e que nós, em vez de querermos enriquecer egoisticamente as nossas colleccões particulares, com os objectos do muzeu, enriqueçamos o muzeu com as nossas colleccões particulares.<sup>154</sup>

É por esse ideário nacionalista e, principalmente, por essa devoção a ciência, que a divulgação, conhecimento e debate da obra de José Cândido da Silva Muricy por membros do IHGP é congruente. O viajante em seu texto apresentou questões sobre a paisagem, o uso dos recursos naturais, a ocupação dos sertões e a preservação da memória paranaense, o que para os membros do Instituto poderia ser válido para reforçar os seus discursos.

<sup>153</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>154</sup> MURICY, op. cit., 53.

## 2.1 AS MATAS E AS EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS

Como citado na introdução deste trabalho, partimos do princípio que viajar é conhecer e, para um ser humano conhecer algo, ou mesmo se relacionar com outras partes do ambiente, mais do que apenas do seu intelecto, há uma dependência do seu corpo físico. Como analisado no primeiro capítulo, ao escrever seu relato de viagem, Nestor Borba responde as questões socioculturais em voga, e narra sensações e sentimentos próprios suscitados por sua experiência nas matas paranaenses.

Adentrando ao relato de Muricy, apesar dos 16 anos que separam as duas narrativas, encontramos alguns aspectos similares. Assim como Borba, Muricy também fez parte de uma elite paranaense, e também buscava em seus escritos pensar o “desenvolvimento e o progresso”. Uma ressalva é o fato do Paraná não se tratar mais de uma Província, como vivenciada por Borba, mas sim de um Estado da recém proclamada República do Brasil. De toda forma, outras similaridades são encontradas nos relatos de Borba e Muricy como a sensação do medo, o deslumbre e a admiração por determinados aspectos naturais, etc. Isso se daria, segundo Tuan porque, apesar de duas pessoas não enxergarem a mesma realidade, e nem dois grupos sociais fazerem exatamente a mesma avaliação sobre o ambiente, todos compartilham um mundo comum e possuem órgãos similares.<sup>155</sup>

Devido à similaridade biológica, com exceções às deficiências e anomalias genéticas, pode-se afirmar que, independentemente de classe social, escolaridade, ou mesmo temporalidade, enquanto animais os humanos são capazes de enxergar, ouvir, tocar, cheirar e degustar o mundo biofísico. Evolutivamente tais capacidades sensoriais servem tanto para nos orientar no espaço, quanto para garantir a sobrevivência da espécie.

Fora dos ambientes inóspitos, quais tipos de conjunto sensorial serão mais ou menos utilizados e/ou refinados, variam conforme a cultura, locais habitados, profissões, entre outros. Porém, é na confluência dos sentidos que se criam as experiências sensoriais, pois, como aponta Tilley, “os sentidos são todos modalidades da existência do corpo no mundo e, uma vez que o corpo se implica no mundo, uma superposição é essencial para essa relação participativa”.<sup>156</sup> Em outras

---

<sup>155</sup> TUAN, op. cit., p. 10.

<sup>156</sup> TILLEY, op. cit. p. 39.

palavras, não é possível isolar ou distinguir apenas um sentido humano na análise das experiências, é necessário considerá-los em sua totalidade: o que vê, com o que se sente, com o cheiro que exala, com a textura que têm, etc. Retomando à viagem de Muricy, logo em seu início, um exemplo da junção de experiências sensoriais pode ser encontrada:

Partindo-se de Guarapuava, sempre á rumo geral de L-O, atravessa-se os campos muitíssimo dobrados, que circundam aquela cidade, na extensão de 9 a 10 léguas, e uma serie de restingas e campinas até o marco das 22 léguas, no lugar denominado Xagú, entrando-se ai no sertão bruto. No sertão e nas restingas, a largura da picada é de 20 metros, mas pela extrema uberidade do solo, o mato limita o caminho a um pequeno trilho, zombando em seu rápido e precoce desenvolvimento, das foices e machados, das turmas de conservação, que a Comissão continuamente organizava, não tendo conseguido ainda vê-lá limpa durante um mês sequer. Tivemos ocasião de pessoalmente verificar esse facto, n'essa viagem; porque fomos incumbidos de fiscalisar o serviço de uma turma de 15 homens, que, havia um mês, partira de Guarapuava, limpando a picada até o posto das Catanduvras. Parece incrível; tivemos de abrir caminho por entre o matto roçado, havia poucos dias!

Pensando ter sido por falta de trabalho da turma, quizemos comunicar o ocorrido ao Chefe da Comissão, mas infelizmente poucos dias depois, quando voltamos da Colonia, tendo de abrir o caminho, por nós na ida aberto, fomos forçados a concordar que é impossível ter-se a picada limpa por mais de um mês.

De Catanduvras em diante o caminho é horroroso; o solo muito accidentado e o matto apresenta-se em toda sua pujança, mostrando na desmedida grossura de troncos colossaes, que conta por dias os seculos de existencia. Alem disso, tem-se de atravessar manchas de leguas de extensão, só de taquarussús, por um verdadeiro túnel cortado nas enormes touceiras.

Caminha-se horas inteiras, sem se ver uma nesga sequer de céu; tal é a densidade das folhagens desses taquarussús, que as chuvas e mesmo o orvalho arcam por sobre o caminho. Há alguns, dizem, cujos gomos de 3 a 4 palmos de comprimento, por um palmo de diâmetro, são utilizados pelos caboclos e bugres, para conduzirem a água e guardar o mel.

Os ramos são armados de espinhos agudos e tão resistentes, que quasi tiram o viajante de cima do cavalo, constituindo, de sociedade com os *nhapindâse gurupiás* que bordam por toda a parte o caminho, a trindade mais inimiga que conhecemos das roupas, dos chapéos e das carnes do viajante, que rasgam sem piedade.<sup>157</sup>

Como mencionado anteriormente, um dos objetivos da viagem de Muricy era verificar por si as condições das estradas que ligavam Guarapuava à Foz do Iguaçu. E foi dessa experiência que ele pode “ver e crer” que as gramíneas e árvores da região “zombavam” em seu rápido crescimento dos esforços para manter as estradas abertas. Não se tratando, portanto, de um serviço mal realizado, mas sim de uma natureza que, apesar da técnica empregada, conseguia rapidamente se regenerar.

<sup>157</sup> MURICY, op. cit. p. 50.

Ver é um ato complexo, seletivo e criativo. Segundo Stolfi a “percepção visual é um processo de reconstrução da realidade exterior, realizado pelo córtex cerebral, a partir de informações fragmentadas captadas pelos olhos”.<sup>158</sup> Apesar da pretensa fidedignidade dada pelos ditados populares ao fato de ver algo, a visão é subjetiva, dependente tanto de fatores externos como a luminosidade, distância e tamanho do que pretende ser visualizado, quanto de fatores internos como um desenvolvimento correto da retina, córnea, e fatores psicossociais. Como exemplifica Tuan, apenas a visão não dá conta dos variados aspectos do mundo: “Podemos ver, através da janela de um ônibus com ar condicionado, que a favela é indesejável, mas o quão ela é indesejável atinge-nos com pungente força quando abrimos a janela e recebemos uma lufada dos esgotos”.<sup>159</sup>

De fato, se voltarmos ao relato, para além do que foi enxergado, estava narrado também o que foi sentido com outras partes do corpo. Por exemplo, o ato de ter que com as próprias mãos abrir novamente o caminho entre as matas, de sentir a pele sendo rasgada por espinhos de plantas como a taquarussu (*Guaduatrinii*), gurupiás, (*Celtisiguanaea*) a nhapindá (*Acacia recurva Benth*). O orvalho das folhas, a ausência do céu, os grandes troncos no caminho, não eram apenas vistos, mas sentidos. O tato, na relação mútua entre viajante e ambiente, ampliava a experiência, atuando na forma de um sistema de resistências e de pressões, que informava através da pele “sobre sua própria condição e ao mesmo tempo sobre a condição do objeto que a está pressionando”.<sup>160</sup>

### FIGURA 3: ARBUSTOS RELATADOS POR MURICY.

<sup>158</sup> STOLFI, G. Percepção visual humana. *Laboratório de Comunicações de Sinais*, USP, 2008.

<sup>159</sup> TUAN, op.cit. p. 14.

<sup>160</sup> Ibidem, p. 12.



**FIGURA 1** - *Celtisguanaea*. Fonte: BAGATINI, J. A. Disponível em: <https://bit.ly/2K1Ve4j>. Data de acesso: 20/06/2018.

**FIGURA 2** - *Acacia recurva* Benth. Fonte: CARNEIRO, R. M. Disponível em: <https://bit.ly/2tdGrK6>. Data de acesso: 20/06/2018.

**FIGURA 3** - *Guaduatrinii*. Fonte: GIEHL, E. L. H. Disponível em: <https://bit.ly/2l8p5CO>. Data de acesso: 20/06/2018.

Os arbustos mencionados por Muricy são típicos da região da Floresta Estacional Semidecidual, do qual Catanduvas faz parte. O próprio nome do município seria uma menção em tupi ao “ajuntamento de matas duras”.<sup>161</sup> A *Acacia recurva*, que Muricy reconhece pelo nome popular de nhapindá é, segundo Marchiori, frequente em submatas devastadas de pinhais, clareiras de matas e beiras de estrada, sendo nativa do planalto meridional do sul do Brasil e Argentina.<sup>162</sup> A *Guaduatrinii*, citada como taquarussu, pertence à família dos bambus (*Bambusoideae*) e pode medir de 4 a 6 metros de altura, e a *Celtisguanaea*, citada

<sup>161</sup> Fonte: Prefeitura de Catanduvas. Disponível em: <http://catanduvas.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368pvb0&id=266>. Data de acesso: 07/07/2018.

<sup>162</sup> MARCHIORI, J. N. C. *Anatomia das madeiras do gênero Acacia, nativas e cultivadas no estado do Rio Grande Sul*. 243 f. Tese de doutorado (Engenharia Florestal), Universidade Federal do Paraná, 1990, p.37.

como gurupia, é uma planta semicaducifolia<sup>163</sup> que possui espinhos que podem chegar até 8cm.

Para além dos aspectos biológicos, neste ver, nomear e sentir os diferentes tipos de vegetação ressalva-se a questão da profissão. Tanto Borba, analisado anteriormente, quanto Muricy tiveram uma formação militar e, portanto, tinham uma “visão militarizada” sobre o território. As escolas militares que ambos frequentaram formavam oficiais de artilharia, engenheiros, geógrafos e topógrafos habilitados “aos estudos militares e práticos que formam a ciência militar, capazes de dirigir trabalhos de minas, de caminhos, portos, canais, pontes, fontes e calçadas”.<sup>164</sup> E entre os conteúdos da grade curricular eram contemplados temas como geografia, biologia, geologia, astronomia, princípios de óptica e reconhecimento de terrenos.<sup>165</sup>

O ensino era inspirado em modelos como a Universidade de Coimbra e a Escola Politécnica de Paris, e objetivava não apenas ensinar a “arte da guerra”, mas também princípios científicos práticos. Assim, pode-se compreender que tanto Borba quanto Muricy, tinham alguns “sentidos treinados” ou, mais aguçados, para identificar em meios as matas não só colorações distintas, mas espécies específicas de árvores, de minérios, de solo, de formação rochosa e de espécies animais. Um conhecimento forjado no ensino formal e também no frequente trabalho que ambos realizavam com as populações indígenas. Na passagem abaixo, Muricy enumera alguns elementos que avistou:

As terras, como dissemos, cobertas por uma vegetação abundante, são de uma uberidade assombrosa, e desde que se entra no sertão até que se chega ao magestoso Paraná, se é forçado a admirar a riquíssima flora, e a invejável fauna dessas regiões, que são a continuação, para o sul, dos sertões dos valles do Paranapanema, Ivahy, Piquiry, Cinzas e outros e que constituem a zona mais rica, mais fértil e de mais futuro de todo o Paraná e, sem receio de errar, do sul da Republica Brasileira. A enorme e variada quantidade de plantas medicinaes que existe em todo o Brazil e que por suas propriedades deviam merecer um serio exame, um detido estudo, deixa-nos admirado pelo grande desenvolvimento que adquirem n'essas férteis regiões. A mineralogia é tão bem representada como a botanica e a zoologia. Por entre o Diolaze ou Diorito que constitue a parte rochosa de quasi todo o Estado do Paraná, encontra-se pelo caminho e suas proximidades o cobre e o ferro, sob a fórma de oxydos, ou no estado nativo, encravado nas pedras, nos rolados dos terrenos de alluvião e nos leitos dos rios.

<sup>163</sup> Plantas que perdem parcialmente suas folhas em estações do ano específicas.

<sup>164</sup> CABRAL, D. Academia Real Militar. In: Mapa da memória da administração pública brasileira. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/126-academia-real-militar>. Data de acesso: 07/07/2018

<sup>165</sup> Ibidem.

O cilicio em suas combinações, abunda, amorfo e crystalizado, nas agathas de diferentes cores e desenhos e nos crystaes de quartzo brancos, incolores, amarelllos, vermelhos e roxos, pela acção dos oxydos de cobre ferro e manganez. Sob a fôrma de cilicatos, feldspatho, mica, nas areias, principalmente na colonia, o aluminio existe em grande quantidade<sup>166</sup>

Além do conhecimento adquirido durante seus estudos, Muricy, ao descrever os tipos de minérios encontrados durante seu trajeto, respondia a um esforço crescente tanto por parte da República quanto do Estado em mapear e extrair esses materiais. De acordo com Liccardo, desde o século XVI e com maior intensidade no século XVII e XVIII, foram instaurados diversos pontos de mineração de ouro, prata e diamante no Paraná, com maior incidência nas regiões entre Paranaguá e Tibagi.<sup>167</sup>

No século XIX, além da continuidade da extração de minérios preciosos, iniciava-se também uma busca por recursos energéticos como carvão e materiais como ferro, visado para a construção de ferrovias. Para tanto, é instaurado em 1875 uma Comissão Geológica do Império, chefiada pelo americano Charles Hartt, que objetivou construir um acervo geológico e paleontológico do Brasil. No Paraná, no mesmo ano, pesquisas sistemáticas sobre a geologia foram designadas por essa comissão à Luther Wagner. Nas duas primeiras décadas do século XIX, Orville A. Derby delineou toda a base estratigráfica do Estado, lançando posteriormente (1895) a obra intitulada “As investigações geológicas do Brasil”, onde resume seus anos de estudos sobre as potencialidades minerais encontradas. Em 1888, Luiz Felipe Gonzaga de Campos contribuiu para o conhecimento de novas áreas e localidades fossilíferas. E no final do século, em 1898, o J. V. Sieniradzki traçou o primeiro perfil geológico do Paraná.<sup>168</sup> Como pontua Figueroa, tais expedições fizeram parte de uma série de iniciativas no âmbito científico-cultural brasileiro, que envolveram tanto a criação de novos espaços institucionais, como museus, institutos e centros culturais, quanto à reformulação dos preexistentes, visando à profissionalização e especialização das técnicas e da ciência em território nacional.<sup>169</sup>

Apesar de Muricy não citar estudos anteriores em seu relato, na sua forma de escrita há influências do método científico em voga que, assim como no relato de

<sup>166</sup> MURICY, op. cit., p. 52.

<sup>167</sup> LICCARDO, A., SOBANSKI, A., CHODUR, N. L. O Paraná na história da mineração no Brasil do século XVII. *Boletim Paranaense de Geociências*, n. 54. Editora UFPR, 2004, p. 48.

<sup>168</sup> SILVA, D. C. *Atlas comentado da geologia e dos recursos minerais do estado do Paraná*. MINEROPAR, Curitiba, 2001, p. 11.

<sup>169</sup> FIGUERÔA, S. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional*. Editora Hucitec. São Paulo, 1997, p. 103 e 104.

Borba, buscava catalogar e sistematizar o mundo biofísico. Ademais, devido a sua formação militar e o trabalho que desenvolvia dentro do estado, pode-se considerar que o viajante obtivesse conhecimento prévio sobre os estudos regionais quanto ao território.

De acordo com Murari,<sup>170</sup> passada a instabilidade dos primeiros anos do regime republicano, e com a crescente procura pelo “progresso” dos centros urbanos – influenciadas pelo movimento internacional de avanços tecnológicos, racionalização da vida social e aumento da riqueza material – o Brasil buscava afirmar-se como moderno. Na busca pelo “progresso”, o moderno “construía-se sobre o seu avesso pré-moderno, antiquado no tempo contemporâneo, porém ainda presente, persistente, assustadoramente violento, indomável e misterioso”.<sup>171</sup> Nesse cenário conhecer o vazio dos desertos, dos sertões e do meio rural representava a possibilidade de “verdadeira superação da herança colonial, pretérito obscuro, estático e tradicional, cuja continuidade naquele momento progressista parecia simplesmente fantasmagórica”.<sup>172</sup>

Ou seja, para se diferenciar do período colonial, a ainda novata república buscava dominar a natureza pitoresca. E, para tanto, era necessário ocupar e levar a “civilidade” ao meio rural, transformando-a em força produtiva na economia capitalista crescente. Porém, a preocupação em domar as florestas não era apenas econômica, mas também simbólica, “a natureza como universo sensorial, manancial de vida e de identidade” seria usada como forma de definir o território brasileiro, pautando-se principalmente na imaginação romântica de nacionalismo. Nas observações sobre a natureza, agora nesse novo cenário, fundiam-se subjetividade e objetividade, intelecto e emoção, irracionalidade e razão, quer seja, as marcas da imaginação romântica. Ao continuar a viagem, Muricy demonstra traços da escrita romanceada, que não rompe com o cientificismo, ao narrar alguns animais que encontra no trajeto:

Nas margens dos rios é grande a quantidade de pacas e capivaras que n’ellas habitam., Por diversas vezes, surpreendemos no caminho bandos de macacos, bugios e quatis dos grandes, a que chamam *mundeo*, grande numero de cutias que desapareciam aos saltos, e coelhos, alguns bem grandes, que chegavam, nos pousos, a entrar nas barracas em que havia mantimentos.

---

<sup>170</sup> MURARI, op. cit.

<sup>171</sup> Ibidem.

<sup>172</sup> MURARI, op. cit., p.11.

Todos esses animaes, apesar da feroz perseguição que lhes movem os tigres e os indios, ainda são em grande parte bizonhos, principalmente os porcos queixadas e tattêtos, que passam em grandes varas, por diante e a poucos passos dos viajantes sem mostrar o minimo receio.

Apezar d'isso, são muitíssimos perigosos, quando zangados, para os cães, que matam ás dentadas, produzindo com seus cortantes e enormes dentes, talhos que mais parecem feitos por navalha; imagina-se perfeitamente que com o caçador imprudente ou o viajante que tiver a infelicidade de cahir no meio d'elles, aconteça a mesma cousa. Esses brutos fazem, roncando e com estalos produzidos pelos dentes, que batem com força, um rumos ensurdecador, ao mesmo tempo que de aspecto feroz, com o pello eriçado, deixam sahir por uma fistula que têm no lombo, perto dos quadris, um liquido oleoginoso de odor penetrante e nauseabundo que entontece.

Tem-se dado o facto de viajantes encontrarem nos pousos dos estafetas, ou estes nos d'aquelles, rastos frescos de tigres e até excrementos sobre as cinzas do fogo, há pouco apagado. Tivemos occasião de, mandando voltar um camarada até os pousos, de poucos dias antes, afim de procurar algum animal que ficara para traz, elle encontrar o lugar onde fôra o fogo, todo remechido e rastos novos; e mesmo tivemos cães feridos gravemente por tigres escondidos a 10 passos ou menos do caminho.

Comtudo, esses animaes ferocissimos, quando atacados, cujo ronco parece fazer estremecer a terra e cujos *bufos* fazem arrepiar os cabellos e correr um frio agudo pela espinha dorsal, de quem está sob a impressão de seu amarelllos olhares, são enfrentados e a maior parte das vezes mortos facilmente, por homens que por arma so têm um facão de matto, ou uma pistola que arrebenta 5 ou 6 espollêtas antes de sahir o tiro, muitas vezes destinado a um tucano ou outro passaro, tão pequena é a carga. Sabemos, por experiência propria, que n'uma caçada esses animaes só são perigosos quando se deixam acôar no chão, por cães, mas que quando trepados, o que sempre acontece, é precisar-se a pontaria e se os matará como a um pássaro qualquer.<sup>173</sup>

Nesta passagem, Muricy procura evidenciar ao leitor conhecimentos práticos, nomeando os espécimes encontrados e indicando os perigos e inconvenientes que cada um poderia gerar para um morador ou viajante. Partindo do coelho, que poderia entrar nas barracas e roubar mantimentos, passando para os porcos do mato como o Queixada (*Tayassu pecaris*) e o Cateto, escrito como “tattetô” (*Tayassutajacu*), que “quando zangados” poderiam ser perigosos, chegando até os “animais ferocíssimos” como os tigres. Ao mesmo tempo, também insere artifícios literários e experiências sensoriais subjetivas como a descrição de sons, odores e sentimentos. Narrando uma relação complexa entre o medo humano e sua forma de expressão física, e a forma biológica de demonstrar defesa ou ataque de outras espécies animais.

Retomando o exemplo do capítulo anterior, onde Nestor Borba narra o medo de seus colegas ao navegar o Rio Paraná, mencionamos que o medo pode ser provocado por uma situação de alarme ou de ansiedade. No caso de Borba, o

---

<sup>173</sup> MURICY, op. cit. p. 56.

sentimento advinha da compreensão da dimensão física do rio, além das turbulências que sentia ao navegá-lo, o que gerava uma apreensão naquele ambiente. No caso de Muricy, o medo surge de uma situação de alarme, onde no encontro de viajantes e outros tipos animais, ocorre uma reação instintiva de ambos, de enfrentar ou fugir.

Tratando primeiramente dos porcos do mato, Muricy relata que ao se sentirem ameaçados, os porcos emitem sons ensurdecadores, mudam seu aspecto físico eriçando os pêlos e, como forma de ataque, lançam ao ar odores fortes. Segundo Bozza, os animais apresentam esse tipo de comportamento em situações de estresse ou de ameaça, sendo que a agressividade aparece quando um membro é perseguido ou ferido.<sup>174</sup> Algo próximo ocorre também com os tigres, que da mesma forma eriçam os pêlos e emitem sons na tentativa de intimidar e afugentar o inimigo.

No caso dos humanos, o próprio Muricy exemplifica a similaridade, ao narrar que ao escutar som do rugir dos tigres “fazem arrepiar os cabelos e correr um frio agudo pela espinha dorsal”. Os arrepios são, segundo Moreira e Medeiros,<sup>175</sup> uma resposta inata do organismo humano a estímulos externos como uma temperatura baixa ou uma situação de ameaça. Os sons, como os emitidos pelos animais sob ameaça, também se configuram como um estímulo, sendo capazes de gerar respostas no organismo como aceleração cardiorrespiratória, arrepios e liberação de adrenalina.

Como pontua Tuan, os sons são elementos capazes de dramatizar a experiência espacial. Apesar os olhos obterem informações muito mais precisas e detalhadas sobre o ambiente do que os ouvidos somos, geralmente, mais sensibilizados pelo que escutamos do que pelo que vemos. Isso se daria, entre outros aspectos, porque “não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar os olhos”.<sup>176</sup> Ou, como descreve Martins, “não há pálpebras nos ouvidos, e os sons, através de sua invisibilidade, também movem mundos”.<sup>177</sup>

<sup>174</sup> BOZZA, V. C. Porco do Mato. In: Encontro Amazônia. Disponível em: <https://www.encontroamazonia.com.br/site/2015/05/12/porco-do-mato/>. Data de acesso: 07/07/2018.

<sup>175</sup> MOREIRA & MEDEIROS. *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007, p. 24.

<sup>176</sup> TUAN, op. cit., p. 8.

<sup>177</sup> MARTINS, G. C. D. *Cartofonias: Expedições ao território volátil dos sons*. 182 f. Dissertação de Mestrado (Arte e Cultura Visual), Universidade Federal de Goiás, 2016, p. 16.

Porém ouvir e escutar não são a mesma coisa. De acordo com Barthes, ouvir é um fenômeno fisiológico, enquanto escutar é um fenômeno psicológico: “Pode-se descrever as condições físicas da audição (seus mecanismos), recorrendo-se à fisiologia da audição; a escuta, porém, só se pode definir por seu objeto, ou, se preferirmos, sua intenção”.<sup>178</sup> Ou seja, as pessoas estão constantemente ouvindo o ambiente ao redor, mas só passam a escutar quando há uma intervenção do pensamento e da consciência sobre a audição:

Podemos, portanto, ouvir sem escutar, como aquele som constante da geladeira ou da ventoinha do computador que nosso cérebro prefere ignorar, interpretando-o como silêncio (caso contrário, nossa existência em certos espaços seria insuportável). Só nos damos conta de que o ruído estava lá o tempo todo quando os aparelhos desligam; só o escutamos, portanto, quando ele se silencia, apesar de já o estarmos ouvindo há muito tempo. Isso demonstra que somos capazes, para nosso próprio bem, de ouvir sem escutar.<sup>179</sup>

No caso de Muricy, não se tratava apenas de ouvir o som dos animais, mas também de saber pelos estudos, pela vivência e pela cultura popular, que aqueles sons em meios as matas representavam perigo. E que, portanto, naquele ambiente, ele deveria estar atento e consciente ao que escutava. Em um momento posterior, ainda enquanto se encaminhava a Foz do Iguaçu, o viajante reforça os sentimentos negativos que alguns sons propiciavam: “Amedronta-nos o monótono ruído das cascatas, encommoda-nos o farfalhar das folhas, embaladas pelo vento; tudo enfim, nos causa uma desagradável impressão, porque tudo insensivelmente se alia ao nosso isolamento”.<sup>180</sup>

Ou seja, mesmo sendo a experiência auditiva algo que encontra e invade os ouvidos humanos de forma ativa e constante, é a partir da consciência sobre o som que ele ganha significados. No relato de Muricy, devido às dificuldades no transporte e a distância que ainda se encontravam das cidades, mesmo sons comuns como os das folhas, ajudavam a dramatizar a sensação de isolamento, atribuído no escrito a ausência de “civilização”.

Algo próximo ocorre com os cheiros. Os humanos possuem cerca de 30 milhões de receptores olfativos em cada narina, que por sobrevivência funcionam ininterruptamente, levando oxigênio aos pulmões e checando a qualidade do ar e dos alimentos ao redor. Dessa forma os odores são, assim como os sons, elementos

<sup>178</sup> BARTHES, R. *O Óbvio e Obtuso*. Ensaios críticos III. São Paulo: Nova Fronteira, 1990, p. 217.

<sup>179</sup> MARTINS, op. cit., p. 26.

<sup>180</sup> Muricy, op. cit., p. 57.

que invadem os órgãos receptivos, colocando as pessoas em constante contato e troca com o ambiente. Mas tal como o ato de escutar, o ato de sentir determinados cheiros, e definir entre eles o que é fétido ou perfume, depende das relações socioculturais em voga. Na obra “Saberes e Odores”,<sup>181</sup> o historiador Alain Corbin debruça-se sobre o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Inspirado pela obra de Lucien Febvre “Le Problème de Vincroyanceau XVI siècle”, Corbin demonstra que houve uma revolução perceptiva com relação aos cheiros.

A partir do século XVIII, segundo Corbin, os odores azedos dos lixos acumulados nas ruas, da urina, dos corpos humanos ou das roupas pouco asseadas, que eram antes despercebidos, tornam-se insuportáveis e desprezíveis para os burgueses dos novos Estados. A elite, principalmente européia, buscava na higiene e nas fragrâncias, livrar-se dos miasmas e diferenciar-se cada vez mais do mundo “sujo e fétido” dos pobres e dos animais:

De fato, a burguesia elaborou um extenso aparato ideológico fundado exclusivamente no aspecto olfativo. Por meio dele, um homem só poderia obter reconhecimento se, além da fortuna, atentasse para seu asseio pessoal e soubesse manejar com destreza a sutil linguagem dos perfumes florais. Para os demais, os pobres, restava o estereótipo do fedor e uma inevitável identificação com o animalesco. O nojo servia assim para purificar a má consciência. Por outro lado, Corbin lembra que as camadas populares não deixaram de inverter essa representação reforçando sua aliança com o podre.<sup>182</sup>

Apesar da resistência das camadas populares, a partir do século XIX, com a introdução paulatina do ensino escolar e militar, e com o advento dos movimentos higienistas, uma desodorização dos ambientes foi implementada. Cheiros fortes ou azedos eram atrelados a doenças e sujeira, enquanto cheiros suaves e florais estavam atrelados a limpeza, nobreza e saúde.<sup>183</sup>

O movimento de desodorização e higienismo chegou ao Brasil também em meados do século XIX, aliando-se a busca dos estados para se elevar ao nível de “modernidade e avanço” dos países europeus. O que gerou um anseio pelo controle de plantas e animais considerados como “sujos”, “fétidos”, “pragas”, ou possíveis portadores de doenças. Exemplo disso é o Código de Posturas de Curitiba de 1829, que conclamava a obrigação que todo morador tinha em manter suas casas e

<sup>181</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores*. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Cia das Letras. São Paulo, 1987.

<sup>182</sup> GOMES, P. J. F. CORBIN, Alain — Saberes e Odores. *Revista de História*, n. 119, USP, 1998, p.262.

<sup>183</sup> Ibidem.

terrenos limpos, sendo proibido manter qualquer tipo de animal morto e suas imundices que “infestavam a salubridade da atmosfera”<sup>184</sup> nas residências. Além disso, em lugares como Ponta Grossa, Campo Largo e Guarapuava, desde meados do século XVIII eram proibidos galopar, amarrar, domar e até mesmo transitar com cavalos, éguas, burros e mulas pelas ruas das cidades.<sup>185</sup>

Em suma, podemos evidenciar que o olfato por si, assim como a audição, dá às pessoas informações constantes sobre o ambiente externo, mas é no entrelaçar do que se ouve/cheira com as questões socioculturais que os sentidos ganham significantes. Podendo ser utilizados, como no caso dos odores, por grupos dominantes para o controle de outras pessoas e do mundo biofísico.

No relato de Muricy a dominação sobre outros animais aparece na forma da caça. O viajante cita a facilidade que um humano poderia matar e, portanto dominar, mesmo um animal feroz como o tigre (nome popular dado aos membros da família dos felídeos), através do uso de ferramentas como armas e facas. Nesse aspecto, apesar da similaridade das reações biológicas do encontro do viajante e animais silvestres – como o eriçar dos pêlos e o sentimento de ameaça – ao tratar da caça, o escritor pronuncia uma crença comum ao período quanto à superioridade humana frente à biodiversidade.

A caça enquanto atividade envolve o corpo como um todo. Em uma situação de alta concentração e risco, todos os sentidos são ativados visando a proteção e o ataque. Mas não se trata somente de uma questão de sobrevivência. O apreço pelo ato de caçar outro animal estava relacionado com a cultura alimentar em voga e com uma filosofia natural que, de acordo com Keith Thomas, afastava “os escrúpulos quanto ao tratamento de outras espécies pela convicção de que havia uma diferença fundamental, em gênero, entre a humanidade e outras formas de vida”.<sup>186</sup> Em outras palavras, os humanos teriam, devido à moral, a religião, a educação erudita e a civilidade, o direito irrestrito sobre todas as demais espécies.

Ademais da crença no direito irrestrito, a partir do século XVII começam a surgir discursos que proclamavam que nem toda espécie deveria ser caçada. No início do período moderno os animais não-humanos eram divididos por naturalista

---

<sup>184</sup> PEREIRA, M. R. M. *Fazendeiros, industriais e não-morigerados: Ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889)*. 323 f. Dissertação de Mestrado (História Social). Universidade Federal do Paraná, 1990, p. 235.

<sup>185</sup> Ibidem.

<sup>186</sup> THOMAS, op. cit., p. 37.

como Buffon, Gesner e Aldrovandi entre comestíveis e não-comestíveis; ferozes e mansos; úteis e inúteis.<sup>187</sup> A partir da divisão e catalogação surge, primeiramente nos países europeus, uma “cultura da caça”, em que se proliferava um preconceito quanto a matar animais considerados indispensáveis para o trabalho, como cavalos e muares, assim como animais que se alimentavam de carniça.

No Brasil, no período em que ocorre a viagem de Muricy, não existiam leis que regulamentassem as caçadas. Segundo Fernandes-Ferreira,<sup>188</sup> foi do Visconde de Porto Seguro, em 1860, uma das primeiras obras a detalhar o que era considerado apropriado ou não em uma caça. No livro “A caça no Brasil ou o Manual do Caçador de toda América Central”,<sup>189</sup> o Visconde pontua que deve ser repudiado o ato de matar animais carniceiros, animais domésticos ou de baixo potencial defensivo como a preguiça. Além de considerar necessária punição para aqueles que caçassem desordenadamente de forma qualitativa – matando animais ‘impróprios’ – ou quantitativa. No segundo capítulo do livro, entretanto, o Visconde defende que deveriam ser dados prêmios para aqueles que matassem animais “daninhos” como tigres, raposas, morcegos e cobras:

É a caça dos tigres e onças a que, a par das cobras, mais se devia estimular entre nós, por meio de todo gênero de recompensas, inclusive pecuniárias. [...] Animar esta caça entre o povo, seria abrir estímulos ao desenvolvimento da coragem e valor dos brasileiros.<sup>190</sup>

O *Leopardus pardalis*, conhecido como Jaguatirica; o *Leopardus tigrinus*, Gato-do-mato; e o *Puma concolor*, suçuarana; são exemplos de espécies de felinos silvestres que habitam as matas paranaenses.<sup>191</sup> Segundo dados do Instituto Ambiental do Paraná, os *felidae*s possuem a capacidade de adaptação aos mais variados tipos de climas e vegetações, estando presente desde florestas tropicais úmidas até savanas secas ou alagadas. Retomando brevemente ao manual de caça de 1860, Fernandes-Ferreira aponta que o Visconde de Porto Seguro preocupava-se com a matança descontrolada e a extinção parcial de animais que serviam de alimento para as onças e tigres, visto que, com a falta de alimentos os felinos atacavam bezerros e, em alguns casos, pessoas.<sup>192</sup> Em suma, o que estava em

---

<sup>187</sup> Ibidem.

<sup>188</sup> FERNANDES-FERREIRA, H. *A caça no Brasil: panorama histórico e atual*. 466 f. Tese de doutorado (Ciências biológicas). Universidade Federal da Paraíba, 2014.

<sup>189</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>190</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>191</sup> Os três felinos citados, encontram-se ameaçados de extinção.

<sup>192</sup> FERNANDES-FERREIRA, op. cit., p. 47.

voga era uma preocupação seletiva, em que dependendo da utilidade, da estética, ou da ameaça do animal caçado, poderia ser considerado corajoso ou covarde aquele que o matava.

A preocupação sobre a conservação de algumas espécies da fauna e da flora existia, segundo Pádua, desde o final do século XVIII. De acordo com o autor grupos de estudantes brasileiros ligados à Universidade de Coimbra já iniciavam reflexões sistemáticas sobre o uso das florestas no Brasil. Nas reflexões, embasando-se nas teorias européias sobre a importância dos bosques para a saúde biológica e climática do território, e sua capacidade de produção econômica, começaram a condenar duramente a devastação provocada pela economia colonial.<sup>193</sup> As críticas visavam defender a natureza não apenas pelo seu valor estético ou espiritual, mas sim por seu valor político e econômico: “A destruição e desperdício das produções naturais eram condenados como um crime histórico, na medida em que privava o país de recursos essenciais para o seu progresso futuro”.<sup>194</sup> Entre os que escreveram sobre o tema, o autor salienta as discussões de José Vieira Couto, que “começou a formular críticas ao caráter rudimentar e predatório da economia colonial” embasadas em um Iluminismo Luso-Brasileiro. No relato de Muricy preocupações do gênero aparecem quando o viajante narra alguns tipos de árvores que eram derrubados de forma incauta antes da fundação do Colônia Militar de Foz do Iguaçu:

Existe em abundancia a Peroba ou páo-rosa, o Cedro, a Tatajuba, as canellas branca, parda, amarella, preta e guaicá, cabriuva, canjarana, guajuvira, carvalho, guarapiapunha, sapohy ou canella do brejo, de preciosos desenhos, o louro ou Pindaúba, monjolo Angico, Cannafistula, que attingem, bem como a peroba, a metro e meio e dous metros de diametro sobre 30, 35 de altura, e uma infinidade de outras madeiras que não podemos aqui enumerar. Antes da fundação da Colonia, eram esses productos da nossa flora, muito explorados, lá n’esse canto tão longe das autoridades brasileiras; mas o Dr. José Joaquim Firmino, logo que chegou, prohibiu expressamente a exportação das madeiras.<sup>195</sup>

As preocupações com as espécies vegetais, como mencionado, advinham do entendimento da natureza como recurso econômico. Nesse aspecto, proteger as matas da extração desmedida representava salvaguardar para o Paraná as suas “riquezas naturais”. Como aponta Brasil Pinheiro Machado, no século XIX a

<sup>193</sup> PADUA, J. A. Pensamento ilustrado e crítica da destruição florestal no Brasil Colonial. *Nômadias*, núm. 22, abril, 2005, P. 158.

<sup>194</sup> Ibidem.

<sup>195</sup> MURICY, op. cit., p. 51.

ocupação do sudoeste paranaense se deu de forma extensiva, e com características predatórias da biota. Vastas áreas de terras foram cedidas para empresas, principalmente Argentinas e Inglesas, extraírem madeira e mate sem qualquer tipo de controle efetivo do estado, em troca de um pretenso auxílio no processo colonizador.<sup>196</sup> Com a criação das Colônias Militares, o controle passa a ser local, e como narrado por Muricy, a depender do comandante, proibições eram impostas.

Apesar da falta de um regulamento claro “n’esse canto tão longe das autoridades brasileiras”, José Augusto Leandro aponta que na região litorânea, devido ao intenso desflorestamento e a proximidade dos centros urbanos, já havia uma preocupação com o comércio de madeira. Deputados e capitães conclamavam que para além de diminuir as riquezas do estado, “o negócio das madeiras acarreta o grande mal de distrair-se da lavoura muitos braços que nela podiam empregar”.<sup>197</sup>

Pautado nessas inquietações, formas de controle começaram a surgir. Como aponta Leandro, em 1857 o Ministério da Marinha estabeleceu regras para concessão de cortes de madeiras em matas das províncias e em matas de particulares. Na regra ficou estabelecido que o requerente deveria comprovar que precisava das madeiras para construção, além de declarar a qualidade e a quantidade a ser extraída; se possuía domínio ou posse das matas em que pretendia realizar os cortes; e que dispunha de recursos para estabelecer a extração por conta própria.<sup>198</sup>

Em tal contexto, pode-se compreender a preocupação relatada de Muricy com os “productos de nossa flora” na região sudoeste, como uma maneira de alertar as autoridades para um maior controle, assim como já se fazia na região litorânea. Porém, apesar da preocupação, nota-se no relato de Muricy uma dualidade de impressões e sentimentos com relação às árvores de grande porte como a Peroba (*Aspidosperma polyneuron*), a Taquarussu (*Guaduatrinii*), a Canela Branca (*Nectandra lanceolata*), entre outras. Se no trecho acima o viajante as enumerava como produtos e riquezas do Paraná, saltam ao leitor pontos em que as árvores são citadas como obstáculos e complicadores da viagem, como na seguinte descrição:

<sup>196</sup> Fonte: Museu Paranaense. Disponível em : <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/Banestado61anos/AcolonizacaodoSudoesteedoOeste.pdf>. Data de acesso: 07/07/2018.

<sup>197</sup> LEANDRO, J. A. Devastação e tráfico de madeira no litoral do Paraná Provincial. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 93-105, inverno 1999, p.98.

<sup>198</sup> Ibidem, p. 99.

Do Xagú em diante entra-se francamente no sertão bruto, cuja extensão calculamos de 70 a 80 leguas apesar de ser considerado como só tendo 40, mas horisontaes, isto é, não se levando em conta as declividades do terreno, que é muito accidentado, e por outros motivos que adiante diremos.[...] A não ser uma ou outra vez, que se tem a infelicidade de, de cima de uma serra, estender a vista pela parte que já passou e pela que vae se passar, o resto se viaja sob uma aboboda de folhagem, atravez da qual nem sempre se vê o sol, pois são verdadeiros tuneis abertos como já dissemos, em enormes touceiras de taquarussú e taquara. Dissemos acima que tem-se a infelicidade etc., porque é preciso muita força de vontade e quasi nenhum amor á vida, para não se desanimar, no meio d'esse sertão, onde não se encontra um habitante, um ente que em caso de necessidade venha em nosso socorro. Em um caso de molestia grave, quem socorre o viajante? Como poderá atravessar em pouco tempo tão grande distancia?! Por vezes se desanima n'esse interminavel sertão de 40 legoas, em que não se leva em conta tantos e tão fortes ondulações e os desvios, alguns de kilometros, que quasi constituem o caminho actual, augmentando-lhe consideravelmente a primitiva extensão. Realmente, orlado de vegetação robusta, com árvores de proporções colossaes, como perobas, monjolos, cannafistulas, etc., é o caminho frequentemente, completamente obstruido por um d'esses monstros, que abalado por algum violento tufão, estremece, estorce-se e direito, hirtto, sem a minima flexão n'esse corpo enorme, baqueia, fazendo na matta uma aberta de muitos metros de largura e de extensão, ao mesmo tempo que levanta-se um alto paredão, formado pelas raizes, terra e pedras, por elles arrancados na occasião da queda, produzindo no solo uma grande escavação. Tudo estremece com a grande commoção e á alguns kilometros distantes ainda se houve o estrondo do bruto que cahiu, repetido pelos echos, de montanha em montanha, de valle em valle, como o surdo ribombar de longinquo trovão, juntando-se a isto o estalar dos galhos que se lascam, e quebram e o baque de grande e pequenas arvores, que não podendo supportar-lhe o peso vão com elle ao chão. Para se desviar esse obstaculo, faz-se uma picada á direita ou á esquerda, que tem de contornar novos obstaculos, ficando com uma extensão de muitos metros, quando sahe de novo no caminho. É d'este modo, com uma quantidade enorme déstes desvios, que o caminho, de 40 legoas que tinha, tornou-se muito maior.<sup>199</sup>

O “Xagu” mencionado por Muricy como marca da entrada no “sertão bruto” é um rio, que passa pela região do atual município de Rio Bonito do Iguaçu. Distante cerca de 300 Km de Foz do Iguaçu (o viajante calculava algo entorno de 386 Km), a região encontra-se em uma transição entre a Floresta Estacional Semidecidual (FES) e a Floresta de Ombrófila Mista (FOM) no sudoeste paranaense. Ambas as composições florísticas são marcados pela presença de árvores lenhosas de porte médio à grande. Na FOM, espécies como o Pinheiro-do-Paraná (*Araucaria angustifolia*) podem chegar a 35 metros de altura, enquanto na FES, árvores como a mencionada Peroba (*Aspidospermas pruceanul*) podem chegar a 20 metros.<sup>200</sup>

No relato de Muricy o incomodo com as “árvores de proporções colossaes”, advém não apenas de sua altura, mas também do fato da maior parte das espécies

<sup>199</sup> MURICY, op. cit., p. 58.

<sup>200</sup> Fonte: Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: [http://www.mma.gov.br/estruturas/sfb/\\_arquivos/livro\\_portugus\\_95.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/sfb/_arquivos/livro_portugus_95.pdf). Data de acesso: 07/07/2018.

possuir copas largas, que impediam o viajante de ver o céu e o horizonte. Como aponta Tuan, a visão conjuntamente com o tato e a cinestesia, são os sentidos primordiais para que um ser humano tome consciência do espaço.<sup>201</sup> Com a limitação visual causada pelas “abobodas de folhagens”, ocorria também uma limitação espacial. Dentro do processo de espacialização do corpo é a referência, “vertical-horizontal, em cima-embaixo, frente-atrás e direita-esquerda são posições e coordenadas do corpo que são extrapoladas no espaço”.<sup>202</sup> Assim, o “teto”, considerado aqui como um limitante acima das coisas, se torna mais baixo nestas matas do que em campos abertos, e o sol, como um marcador de tempo e direção, ficava obstruído.

Muricy ainda descreve que não era apenas na vertical que as árvores atrapalhavam a viagem. Mesmo quando estavam caídas devido a contratempos climáticos, os troncos e raízes dos chamados pelo autor de “monstros” formavam obstáculos que obrigavam a comitiva a desviar da rota, o que fez com que as distâncias percorridas aumentassem. Além disso, o barulho da queda e a destruição causada ao solo e as espécies vegetais menores, foram utilizadas como justificativa para o leitor das frequentes descrições de insatisfação e infelicidade nesse trecho da viagem.

No relato as limitações causadas pelo ambiente aparecem como problemas que geram um sentimento de isolamento. Por diversas vezes Muricy narrou o quão difícil era estar no “sertão”, referindo-se aos lugares longe das cidades e dos seus “habitantes civilizados”. Podemos considerar que assinalar tais dificuldades tenha sido, primeiramente, uma forma de defender a ocupação desses espaços, o que ia ao encontro dos planos políticos em questão. Ademais, como mencionado no caso de Nestor Borba, a inserção de grandes dificuldades na narrativa era uma forma comum ao gênero literário, e visava atribuir discursivamente coragem aos que se lançavam na aventura.

O discurso sobre os sofrimentos e desafios só diminui quando a comitiva se aproxima da Colônia Militar de Foz do Iguaçu. Nas palavras do viajante: “Estávamos próximo do termino da quasi interminável viagem, íamos ver casas, ver gente com quem pudéssemos conversar sobre assumptos que com os camaradas não o

---

<sup>201</sup> TUAN, op. cit., p. 13.

<sup>202</sup> Ibidem.

poderíamos fazer, íamos enfim ver cousas novas”.<sup>203</sup> A partir desse ponto, as descrições de Muricy passam a ser mais poéticas, atingindo seu ápice, na narrativa, quando o viajante encontra os saltos do Iguaçu. Se nas picadas percorridas anteriormente as matas precisavam ser vencidas através de “muita força de vontade e quase nenhum amor á vida”, nas cataratas o mundo biofísico passou a representar “lindíssimas paisagens, verdadeiras jóias de valor com que a pródiga natureza mimoseou nosso estado”.<sup>204</sup>

As Cataratas do Iguaçu são formadas pelas quedas do rio Iguaçu, que surgem devido a um desnível do terreno que faz com que as águas se precipitem em quedas de até 80 metros de altura, alcançando uma largura de 2780 metros. Sua formação geológica data de aproximadamente 150 milhões de anos, porém a formação do acidente geográfico das cataratas se iniciou há aproximadamente 200 mil anos.<sup>205</sup> A altura das quedas variam de 40 a 80 metros. Dependendo da vazão do rio, os números de saltos também variam, sendo superior a 100 nos períodos de média vazão. A vazão média das águas do rio ficam em torno de 1.500 m<sup>3</sup> por segundo.

A ida de Muricy para as cataratas, narrada como “a parte mais interessante de toda a viagem”, foi iniciada no dia 21 de novembro às oito e meia da manhã. Para chegar ao local das quedas o viajante e mais quatro camaradas (Edmundo de Barros, João Rato, o João de Moraes e Joaquim Gonçalves), seguem pelo Rio Iguaçu e Rio Paraná em uma pequena embarcação. Navegaram por cerca de um dia e meio, fazendo a parada noturna no “Arroio Firmino”. No dia seguinte continuaram a viagem por cerca de quatro horas até serem “obrigados a desembargar a alguns quilômetros abaixo dos saltos, por ser impossível a subida pelo leito do rio”.<sup>206</sup> Seguindo então caminhando até a região próxima das quedas. No mapa abaixo foi projetado o trajeto percorrido via rios por Muricy:

#### MAPA 7: RIO IGUAÇU ENTRE AS CATARATAS E SUA FOZ.

<sup>203</sup> MURICY, op. cit., p. 61.

<sup>204</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>205</sup> Fonte: Parque Nacional do Iguaçu. Disponível em: <http://www.cataratasdoiguacu.com.br/parque-nacional-do-iguacu/cataratas-do-iguacu>. Data de acesso: 07/07/2018.

<sup>206</sup> MURICY, op. cit., p. 29.



Fonte: KARPINSKI, op., cit., p. 145.

O objetivo de Muricy na visita às cataratas, juntamente com o alferes Edmundo de Barros, era tentar salvaguardar para o Brasil as melhores paisagens das “riquezas naturais” e maiores espaços na fronteira. Para tanto, a documentação de dados como tamanho, posição e distância de cada queda, representavam uma tentativa de afirmá-las como um local brasileiro. Isso porque, os viajantes sabiam que “dependendo de onde se estabelecesse a linha divisória, essa construção limítrofe seria a responsável pela identidade dos saltos”.<sup>207</sup> Ou seja, era a partir da documentação de informações sobre as quedas que seriam feitas as discussões sobre quais eram brasileiras e quais eram Argentinas. Karpinski aponta que para reforçar a noção de pertencimento e identidade das Cataratas do Iguaçu, Muricy e Barros denominaram os saltos com nomes de personagens nacionais e datas consideradas importantes principalmente para a causa republicana. Os nomes ficaram válidos apenas até a definição dos limites com a Argentina em 1901, mas a ação foi significativa por representar a disputa territorial em voga. No quadro abaixo, o autor elenca as nomeações:

FIGURA 4: NOMES DADOS POR JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY E EDMUNDO DE BARROS ÀS QUEDAS NAS CATARATAS DO IGUAÇU.

<sup>207</sup> KARPINSKI, op. cit., p. 149.

| SALTO                 | LOCALIZAÇÃO                                                                                                                                                      | CARACTERÍSTICA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-----------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Brasil                | Recebeu esse nome justamente por ser o mais próximo da costa brasileira.                                                                                         | Tem 400 m de largura por 25 m de altura. Assemelham-se a um enorme lençol coberto por camadas espaçadas de renda.                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Tiradentes            | Continuam após o Brasil espalhados por um paredão que faz uma grande entrada para cima e para o meio do rio, tomando uma direção paralela à barranca brasileira. | Conjunto incontável de saltos com 200 a 300 m de largura sendo sua altura aproximada de 60 m.                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Quinze de Novembro    | Está na posição oblíqua à do lado do ângulo, donde se projetam os saltos Tiradentes, ocupando mais da metade da curva.                                           | Salto onde se desenha a maior massa d'água, o mais volumoso de todos os saltos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Andradas              | Ponto mais alto do paredão.                                                                                                                                      | Possui 60 m de altura, volumoso cujas águas se cruzam com as do Quinze de Novembro.                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Silva Jardim          | Fronteiriço aos Tiradentes.                                                                                                                                      | Com um grande jorro de água de 20 m de largura com 69 m de altura.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Deodoro               | É o salto que cai sobre o degrau existente na margem direita das Cataratas                                                                                       | Apresenta queda de 20 m de altura sobre o degrau. Do degrau para o rio, as águas deste salto se dividem em dois outros, de 5 metros mais ou menos de largura sobre 30m de altura.                                                                                                                                                                                                           |
| Benjamin Constant     | Não explicitada                                                                                                                                                  | O mais bonito, o mais mimoso dos saltos. As águas deste salto, antes de precipitarem-se, percorrem um canal de 20 m de largura, cujas bordas são cobertas por um musgo rasteiro verde negro; dir-se-ia ser um tapete de veludo verde, estendido e preso ao solo por uma larga fita de prata. Tal é o efeito produzido pela luz do sol atravessando o nevoeiro. Altura de mais de 50 metros. |
| Salto União Americana | Localizado no centro, sendo por isso considerado o limite, o ponto de separação entre os saltos que foram chamados argentinos e os brasileiros                   | Chamado União Americana para simbolizar a confraternização dos povos do novo continente, este salto possui uma largura de aproximadamente 100 metros e com 20 metros de altura sobre o degrau, nesse ponto bastante largo.                                                                                                                                                                  |

Fonte: KARPINSKI, op. cit., p. 164- 165.

Analizando o quadro acima, é interessante notar que mesmo no ato de nomear os espaços Muricy transitava em sua escrita entre uma análise científica, geopolítica e nacionalista e descrições românticas. Buscando pontuar as localizações, as metragens, e também as cores, as percepções e os sentimentos. Na passagem abaixo, quando trata em específico dos Saltos de Santa Maria, algo próximo ocorre:

No dia seguinte ao amanhecer, partimos, o alferes Edmundo, o cidadão João Rato, o obscuro escriptor destas linhas e dois camaradas João de Moraes e Joaquim Gonçalves, ficando os outros no acampamento, tomando conta das barracas e fazendo o almoço. [...] Depois de termos andado 700<sup>ms</sup> mais ou menos, sempre explorando a margem, deparamos em uma curva do rio com uma parte do paredão que por elle entrava, em ponta. Mas coberto de caraguatás e cercado por cerrado matto, que nada permittia ver, offereceu esse ponto grandes dificuldades aos camaradas que só a poder de grande trabalho e infinitas cautelas, para se não precipitarem pelas grandes bréchas mascaradas pelos caraguatás, conseguiram limpá-lo, as vezes amarrados pela cintura e suspensos sobre o abysmo. [...]

Uma carga electrica que tivesse nos passado pelo corpo, não produziria a mesma impressão que nos produzio o que vimos, quando os homens fizeram cahir uma grossa arvore, que na quéda acarretou grande rêde de cipós e o resto do matto que nos impedia de ver.

Nunca tinhamos visto cousa igual, nem nunca ouvimos fallar de obra tão admiravel da natureza, que houvesse panorama tão surprehendente como o que se estendia diante de nós.

Tudo ahi é movimento. [...] A precipitação vertiginosa das aguas revôltas, brancas de espuma, em ondulações desencontradas, que escorregam, escoam-se com uma força irresistível, pela grande declividade do leito, impulsionadas pelas sucessivas massas d'agua que se projectam das quédas, completa essa movimentação extraordinaria, no meio de um barulho ensurdecador.[...]

É impossivel descrever-se o que um organismo nervoso, impressionavel, experimenta no meio d'essa natureza excepcional. Esse complexo movimento externo, reflecte-se por todos os nossos sentidos postos em continuo fôgo, por tal modo no systema nervoso, que impressiona-o profundamente.

Tudo vibra! Na cabeça sente-se um peso enórme; não se raciocina direito, como se as idéas se tivessem transformado em uma massa infôrme d'onde é difficil arrancar-as. Nos ouvidos fórma-se um zunido ensurdecador, que junto á enorme variedade de movimentos que a vista apanha, entontece-nos, fazendo andar a cabeça á roda.

Parece-nos que somos as vezes violentamente sacudidos, que nos elevamos sensivelmente do solo, ou que este fôge repentinamente de baixo dos nossos pés e que somos precipitados no abysmo.[...] <sup>208</sup>

O trecho acima demonstra uma forma literária muito próxima àquela utilizada por Nestor Borba. Mesmo sendo espaços diferentes que os dois viajantes vislumbram – Borba vai às Sete Quedas na região de Guairá, e Muricy às cataratas em Foz do Iguaçu – ambos descrevem uma vontade de “descortinar” as grandes quedas por si, buscando ver, sentir, medir, nomear e narrar as suas experiências ao

<sup>208</sup> MURICY, op. cit., p. 76.

leitor de forma atrativa e minuciosa. Retomando brevemente o que apontamos no primeiro capítulo, sabemos que a vontade de “experenciar por si” relatada pelos viajantes estava correlacionada com uma valorização cultural da vivência física humana como algo que gera um apreender diferenciado. E representava também, algo comum a este gênero literário, onde era necessário comunicar um saber na mesma medida em que contava uma aventura, cumprindo assim uma função didático-científica e de entretenimento.

Na narrativa de Muricy a questão didático-científica aparece com maior ênfase nas medições e nomeações dos saltos, e o entretenimento advém das “formas sensíveis pelas quais ele se percebe diante de uma natureza que revela toda a sua magnitude ao formar as quedas d’água nesta parte do rio Iguaçu”.<sup>209</sup> Dessa forma, o viajante preocupou-se em descrever não apenas uma “paisagem”, como uma pintura ou uma fotografia, na qual seus olhos colheriam os dados e suas mãos mecanicamente registrariam números e aspectos geográficos, mas uma experiência, em que surgiram sentimentos complexos percebidos pelo corpo como um todo, do “peso na cabeça” à sensação de queda nos pés. Como afirma Karpinski, ler o relato de Muricy, “é estar diante da premissa de que apenas vendo, ouvindo e presenciando o “espetáculo” de um imenso rio se jogar de um enorme despenhadeiro, é que se pode entender o que o autor procura descrever”.<sup>210</sup>

De acordo com Ingold, “observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião”,<sup>211</sup> nesse sentido, no encontro do viajante com as feições geomorfológicas foi narrado um evento em que para além do observado estava incluso o corpo, o sujeito como “organismo nervoso”. Muricy, neste aspecto, parece incapaz de narrar aquele espaço sem citar a sensação de que a terra tremia, dos ouvidos preenchidos pelos sons, das espumas brancas e dos seus sentidos que agitavam-se conjuntamente com às águas, em um constante entrelaçar.

Em suma, apesar da ênfase dada aos aspectos positivos das quedas, das suas belezas, e do envolvimento sensorial nessa parte específica da viagem, desde quando inicia seu trajeto Muricy relata seu engendramento físico com as matas. Em sua narrativa, chama a atenção do leitor os sentimentos “inexplicáveis” de angústia e

---

<sup>209</sup> KARPINSKI, op. cit., p. 146.

<sup>210</sup> Ibidem.

<sup>211</sup> INGOLD, op. cit., p. 2.

isolamento atribuídos às determinadas formações florestais; a sensação indescritível de ver as grandes quedas; o medo para com determinadas espécies animais; ou ainda, “coisas incontrolláveis, imprevisíveis, mas não menos humanas. Coisas que, em graus diversos, atravessam as histórias individuais e coletivas”.<sup>212</sup>

No relato de Muricy sentidos e sentimentos se enlaçam, criando uma narrativa poética, romântica e nacionalista, onde havia o interesse em defender a civilidade e o progresso para a recém proclamada república, ao mesmo passo em que contava uma aventura. No capítulo seguinte, analisaremos o relato de Jayme Ballão, que difere vinte e oito anos do relato de Muricy. Ao contrário dos outros dois viajantes já analisados, Ballão não foi um militar e sim um repórter, e viajou com destino a Foz do Iguaçu em 1920. A principal diferença dessa viagem, e que a torna ainda mais relevante para o conjunto que integra, é que foi realizada, em sua maior parte, em automóveis. A distinção de profissão e temporalidade também resultou em diferentes percepções e experiência nas matas paranaenses, suscitando como veremos em novas formas de escrita e de preocupações no viajante.

---

<sup>212</sup> MAFFESOLI, op. cit., p. 11.

### 3. JAYME BALLÃO (1869 – 1930)

Jayme Ballão nasceu em Curitiba em 10 de fevereiro de 1869. Estudou as primeiras séries no Instituto Paranaense e, em 1886, cursou o magistério. Como professor, a primeira escola em que lecionou foi na freguesia de São João do Triunfo.<sup>213</sup>

Intimamente ligado aos mundos das letras, em 1891 criou o jornal *Diário do Comércio* junto com Leôncio Correia e Rocha Pombo, mudando-se no ano seguinte para o Rio de Janeiro. Com o início da 1ª Guerra Mundial, volta a morar no Paraná e aqui construiu sua carreira de escritor e jornalista. Em 1896 lança um de seus primeiros livros: “*Ceci*”; no ano seguinte assina a autoria da novela “*Mártir*”; e em 1901 escreve uma peça teatral chamada “*Passionata*”. Em 1912, Jayme Ballão fica em evidência entre os intelectuais paranaenses devido a sua participação em dois eventos: a criação da primeira ópera paranaense e a fundação do Centro de Letras do Paraná.

*Sidéria*, considerada a primeira ópera escrita por paranaenses, é de autoria de Ballão que escreveu o texto, e Augusto Stresser que foi quem a musicalizou. Com fortes influências do paranismo, de acordo com Farias, a ópera segue o gênero trágico, feito em três atos, e apresenta como tema de fundo a Revolução Federalista.<sup>214</sup> Todo o cenário foi feito com o intuito de representar paisagens paranaenses e tinha o patrocínio do governo do estado. Foram realizadas oito apresentações seguidas de *Sidéria*, mas antes mesmo de sua estréia em três de maio, o jornal *Diário da Tarde* já a anunciava como promissora:

A ópera *Sidéria* – Será cantada em *première*, amanhã, no Teatro Guayra, a primeira ópera paranaense, composição dos nossos distintos patrícios Augusto Stresser e Jaime Ballão. Manifestação elevadíssima de arte, genuinamente paranaense, o trabalho de nossos ilustres patrícios será acolhido, estamos certos, com *sympathia* pelo nosso público, cuja cultura é bem conhecida. O governo do estado deu prova de seu apreço à bela tentativa, prestando-lhe forte e decisivo apoio. É digno de francos aplausos o acto do governo, que assim, demonstra acompanhar a evolução social, honrando a arte e os artistas, como a expressão máxima da cultura e do bom gosto de um povo.<sup>215</sup>

<sup>213</sup>Fonte: Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academiapr.org.br/academicos/cadeira-8/>. Data de acesso: 13/12/2017.

<sup>214</sup> FARIAS. R. M. *Orquestra Sinfônica do Paraná da ópera Sidéria à sagração da primavera Curitiba (1912 – 2012)*. 2013, 172 f. Dissertação (mestrado em música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

<sup>215</sup> *Jornal Diário da Tarde*, ano XIV, n 4057, 2 de maio de 1912.

De fato Sidéria recebeu diversas críticas positivas por agrupar na orquestra músicos tanto do Paraná, quanto do Rio de Janeiro e de São Paulo. Além disso, o Diário da Tarde evidenciava, como uma curiosidade sobre a ópera, que entre os coristas curitibanos, estariam “conhecidos negociantes, operários e artistas desta capital”.<sup>216</sup> Sobre a repercussão do texto, o mesmo jornal aponta que “Jayme Ballão gizou-o com carinho e observação, dando-lhe um cunho nosso, e versando nele seu belo espírito de intelectual”<sup>217</sup> e que o público, ao fim do primeiro ato, chamou-o palco sob uma chuva de aplausos.

Ainda em 1912, no dia 19 de dezembro, Jayme Ballão ganha notoriedade ao figurar entre os sócios fundadores do Centro de Letras do Paraná. Ao agrupar nomes como Euclides Bandeira, Ermiliano Pernetá, José Francisco Rocha Pombo, Sebastião Paraná, Nestor Vitor e Romário Martins, o Centro concentrava “parnasianos e simbolistas, historiadores e contistas, profissionais e altruístas, filósofos e cronistas, amplos humanistas, todos paranistas”.<sup>218</sup>

O Centro de Letras emerge da efervescência intelectual que vinha desde o século XIX crescendo no Paraná, concentrada em Curitiba e suas regiões próximas. A intelectualidade, inspirada por instituições como a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, buscava além de montar suas próprias instituições, pensar uma identidade paranaense voltada para o progresso.

Era um momento em que, apesar de não haver, como pontua Schactae,<sup>219</sup> um conceito determinado sobre o que seria nacionalismo ou patriotismo, buscava-se pensar a modernidade para os estados do Brasil. Nesse contexto – vale lembrar que foi em 1912 que Curitiba recebeu os primeiros bondes elétricos e que foi criada a Universidade Federal do Paraná – afirmar por meio da literatura, das artes e da história quais eram os territórios paranaenses e suas potencialidades, era também participar da disputa que ocorria entre este estado e Santa Catarina, na Guerra do Contestado.

O recém criado Centro de Letras configurava-se então, como um ambiente que pensava o desenvolvimento e a modernidade através da instrução local, fomentando a editoração de revistas, livros e conferências. Segundo Zomer,

<sup>216</sup> Jornal Diário da Tarde, ano XIV, 18 de abril de 1912.

<sup>217</sup> Idem.

<sup>218</sup> MENDES, A. C.; STRAUBE, E. C.; KARAM P. R. *Um século de cultura: História do Centro de Letras do Paraná (1912 – 2012)*. Unibrasil, 2012, p. 46.

<sup>219</sup> SCHAETAE, A. M. *Farda e batom, arma e saia: a construção da polícia militar feminina no Paraná (1977-200)*. 2011. Tese (doutorado em história), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

Conquistar um crescimento, ou até mesmo colaborar para com a construção de um ambiente literário característico paranaense, era a intenção do Centro de Letras. As reuniões e encontros não tinham por objetivo discutir leituras e poemas, a não ser que fossem de novos escritores paranaenses; o alvo era encontrar meios pelos quais a sua literatura ganharia reconhecimento, fosse de forma artística, literária, científica ou cívica. Quanto a esta última característica, o calor da República e da laicização estimularam o nacionalismo, o civismo, e no caso mais específico do Centro de Letras, o Paranismo. Esta era a roupagem, o interesse da escrita, os assuntos dos contos e das crônicas.<sup>220</sup>

É inspirado nas diretivas do Centro de Letras do qual fazia parte que Jayme Ballão lançou, em 1919, a obra “Riquezas Naturais, Matérias-Primas e Quedas D’Água, memórias”, e em 1921 o livro “A Foz do Iguaçu e as Cataratas do Iguaçu e do Paraná”. Ambas tratam das paisagens paranaenses, da natureza e trazem temas como a modernização. Além disso, as duas utilizam os discursos científicos e literários para dar forma às narrativas.

A obra de Ballão selecionada para este estudo é “A Foz do Iguassú e as Cataratas do Iguassú e do Paraná”. A viagem que originou a obra foi feita no período que Jayme Ballão era deputado estadual e foi realizada na companhia do representante do Presidente do Estado do Paraná, Moreira Garcez; do coronel José Bevilacqua, representante do Ministério da Guerra; de Humberto Pederneiras, representante do Ministério da Aviação; de Moraes Aguiar, representante do Ministério da Agricultura; e de Carlos Ross, Secretário Geral no Estado do Paraná. Acompanhavam também os deputados: Romualdo Baraúna, Generoso Borges e José Pedro Trindade. Além destes, constam na lista de acompanhantes o cônsul argentino Fernando Alegre Alarcon; Virmond de Lima; Julio Szymanski, José Ferenez, Cezar Massa e o ex-presidente do Estado do Paraná, Affonso Camargo.

A viagem teve início no dia 28 de abril, em Curitiba, às quatro horas da manhã, e foi realizada em “quatro autos: 1 Fiat, 1 Benz, 1 Isota e 2 Fords”.<sup>221</sup> O objetivo da viagem era verificar as condições das estradas e inaugurar uma nova via que ligaria Guarapuava a Foz do Iguaçu. Segundo Ballão, “a maior aspiração do povo de Foz do Iguaçu era a abertura de uma via de comunicação direta com a Capital do Estado, ligando Ponta Grossa a sede do município fronteiriço”.<sup>222</sup> E, para tanto,

<sup>220</sup> ZOMER, L. Centro de Letras do Paraná e a atuação intelectual de Leonor Castellano. *Revista Tempo, espaço e linguagem*, v. 4, nº 2, 2013, p.53.

<sup>221</sup> BALLÃO, J. *À Foz do Iguassú e as Cataratas do Iguassú e do Paraná*. Typographia A República, Curitiba, 1921, p. 11.

<sup>222</sup> *Ibidem*, p. 6.

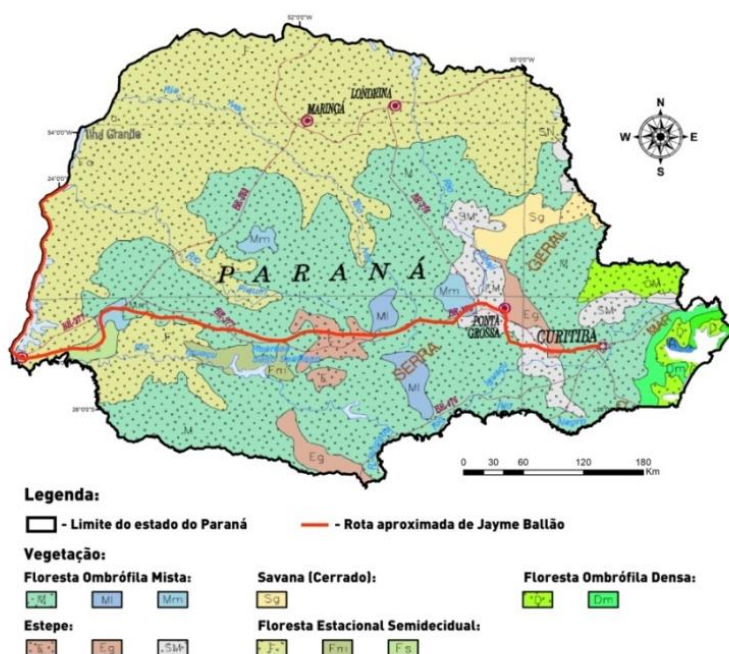
O governo teve a feliz ideia de aproveitar os trabalhos da antiga Comissão de Estradas Estratégicas, reconstruindo um longo trecho de 232 Km, pela mesma construídos; aproveitou também 60 Km de uma excelente estrada, da empresa Barthe e construiu 150 Km de estrada nova, sendo que destes 42 Km foram executados pelo Engenheiro Natel Camargo e 108 pelo Sr. Jorge Schimmelpfeng.<sup>223</sup>

A viagem de Ballão ocorreu no início do outono, que no Paraná é marcada por uma redução no volume das chuvas. De acordo com Ritt, “certamente o grupo escolheu o mês de abril, por ser quase inverno e um período de poucas chuvas na região, facilitando a viagem”.<sup>225</sup>

Além disso, o outono paranaense é marcado por rápidas variações nas condições do tempo, quando há dias em que as características assemelham-se aos do verão, assim como outros que aparentam ser tipicamente de inverno. Segundo dados do IAPAR, a média histórica de chuvas desta estação são de 70 a 170 mm, com a temperatura variando entre 17°C a 24°C. Apesar da escolha por viajar em um mês considerado mais seco, mudanças climáticas bruscas aparecem no relato.

Quanto à vegetação presente no trajeto, no mapa 7 é possível identificar algumas das regiões fitoecológicas pelas quais Ballão perpassou durante a viagem, referentes à vegetação tipo Estepe, Floresta Estacional Semidecidual e a Floresta Ombrófila Mista:

MAPA 9: VEGETAÇÃO DO PARANÁ COM A ROTA APROXIMADA DE JAYME BALLÃO.



Fonte do mapa base: IBGE. Disponível em: <https://mapas.ibge.gov.br/tematicos/vegetacao>. Data de acesso 18/01/2018. Adaptações realizadas pela autora.

<sup>225</sup> RITT, E. *A colônia Militar de Foz do Iguaçu – PR: Um projeto de consolidação de uma fronteira: 1880 – 1920*. 2011, 142 f. Dissertação (mestrado em história). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011, p. 130.

Ballão menciona encontrar algumas espécies características da Floresta Estacional Semidecidual às margens do Rio Paraná, na região oeste do estado:

A faixa marginal ao rio Paraná até a distância de 100 kilometros de suas barrancas e em toda sua extensão, é abundantíssima em madeiras de lei, destacando-se entre elas os gigantescos ipês, que os argentinos chamam lapacho, a peroba, a cabriúva, o cedro, o louro, a canafistula etc. Vimos peroba de um vermelho sanguíneo e urundai, de um amarelo vivo, bellisimos, alem de muitas outras madeiras duras.<sup>226</sup>

Apesar de não encontrarmos dados precisos sobre o desmatamento na região, Cardoso e Westephalen apontam que entre 1900 e 1920 o governo do estado do Paraná fez diversas concessões de terras para o estabelecimento de colônias com imigrantes nacionais e estrangeiros, além de concessões para empresas que extraíam madeiras e erva-mate, que eram os principais produtos exportados no período. Entre as concessões os autores destacam o contrato de 1901 com Manuel José da Costa Lisboa, para a compra de 50 mil hectares de terra, destinados à localização de imigrantes e para fins industriais, em Guarapuava; a venda de terras devolutas a Jorge Schimelpfeng, para a colonização e fundação de uma povoação ligada por estrada ao rio Paraná; e a concessão de 1907, de 250 mil hectares, à Companhia Madeiras del Alto Paraná.<sup>227</sup>

Além disso, a partir de 1918 houve uma elevação substancial no preço do pinheiro, o que encorajou a montagem de inúmeras novas serrarias, que segundo Carvalho, entre o Paraná e Santa Catarina somavam mais de 200. Ainda segundo o mesmo autor, a maior empresa nesse momento era a Lumber, dirigida pelo estadunidense Sherman A. Bishop. Só no ano de 1920 a madeireira exportou 84.885 toneladas de pinho.<sup>228</sup> E no processo de extração outras espécies endêmicas acabavam sendo destruídas:

A empresa instituiu um processo industrial altamente mecanizado com grande organização técnica. O ponto de partida era o corte das toras no meio da floresta, tarefa realizada por grupos de trabalhadores que se embrenhavam nas matas, selecionavam e serravam as árvores. Em seguida, as toras que jaziam no chão eram presas por longos cabos de aço com centenas de metros de extensão e içadas por guinchos movidos a vapor comprimido. As toras gigantescas eram arrastadas até a margem dos ramais ferroviários construídos pela própria empresa, que poderiam atingir até trinta quilômetros de extensão. Ao serem arrastadas, destruíam toda a vegetação que estivesse em seu caminho, árvores menores, espécies economicamente menos interessantes e também grandes quantidades de

<sup>226</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>227</sup> CARDOSO. WESTPHALEN. op. cit. p. 30.

<sup>228</sup> CARVALHO, M. M. X. *Uma grade empresa em meio à floresta: A história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Coloization (1870-1970)*. 2010, 313 f. Tese (doutor em história). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

árvores de erva mate, cuja extração era um elemento fundamental de sobrevivência para a população pobre que habitava a região. Após chegar a beira dos trilhos, o mesmo guincho erguia as toras e as colocava sobre vagões que eram conduzidos até o engenho da serraria, no centro da vila de Três Barras. Dentro do engenho, as toras eram serradas, selecionadas e armazenadas mecanicamente. Em seguida, eram carregadas em vagões e levadas até os portos de São Francisco do Sul e Paranaguá e dali enviadas ao exterior.<sup>229</sup>

Jayme Ballão não visitou a Lumber durante sua viagem, porém conheceu outras empresas brasileiras e argentinas de exploração de madeira e erva mate que seguiam esse modelo de exploração das matas. Uma delas é a Mate Laranjeira, coordenada por Felinto Braga e fundada através do decreto nº 436C, de 04 de julho de 1891. A empresa possuía uma concessão para a extração de erva-mate em um território de aproximadamente 400 léguas quadradas (1900 Km<sup>2</sup>) entre as regiões de Guarapuava e Laranjeiras. Segundo Ballão, no momento de sua visita, tinham armazenado nos depósitos da fábrica 9.000 sacos de erva. Além disso, o autor atribuiu a Mate Laranjeira, o crescimento da cidade de Guairá:

A Matte Laranjeira fez do obscuro e desconhecido porto Monjoli a moderna e confortável cidade de Guayra. Ali nada falta para o bem estar dos empregados da empresa. Possui açougue, padaria e um armazém de vendas e varejo. A serraria trabalha com 4 serras de fita, 1 armação de carro para desdobrar toras, 2 serras de mesa para desdobrar, 1 afiadeira de serras. Anexa á serraria funcionam 2 machinas de costurar sacos, costurando cada uma na media 1.000 sacos por dia. O numero de operários no Paraná é de 730.<sup>230</sup>

A outra madeireira que Ballão visitou foi a do argentino Júlio Thomás Allica, proprietário da companhia Allica, que ficava instalada na região entre Alto Paraná e Porto Mendes. A companhia contava com 200 hectares de terra para a exploração de erva-mate, além disso:

D. Julio faz grandes plantações de milho, mandioca, canna de assucar, para abastecer seu pessoal. Trabalha com 940 operários, 80 carros, 870 mulas e 140 bois; possui 600 vacas de criar; 3 autos. A sua produção de herva matte atinge a 2.000.000 de kilos annualmente.<sup>231</sup>

Ou seja, apesar de não termos números exatos que demonstrem o quanto as matas estavam sendo modificadas e desmatadas, é fato que elas eram alvos de grande interesse econômico e que, em 1920, elas estavam sendo impactadas por esses modos de exploração.

<sup>229</sup> TOMPOROSKI, A. A. Entre o patrão e o coronel: a atuação da Lumber Company e as disputas políticas no pós-Contestado, 1917-1920. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH: *Anais*, 2011, p. 3.

<sup>230</sup> BALLÃO, op. cit., p. 21.

<sup>231</sup> Ibidem, p. 29.

O relato de Ballão foi editorado e publicado em 1921, um ano após seu término, e o processo foi feito pela Typographia A República, sob o título, como já referenciado, “*A Foz do Iguassú e as Cataractas do Iguassú e do Paraná*”. No livro, logo após a narrativa da viagem, foi anexado um segundo texto, que nada mais é que um resumo do primeiro, e que foi discursado por Ballão enquanto deputado, no “Festival em honra ao historiador Rocha Pombo, no Theatro Guayra”.

De forma geral, o relato segue os moldes dos escritos paranistas, com a constante exaltação da natureza, entendendo-a como um bem do estado, que devia ser explorada tanto para agricultura, pecuária e extração de madeira, quanto para o turismo. Depois dessa obra, Jayme Ballão ainda lançou os livros “*As Cartas Falsas*” em 1922; “*Conferência Cívica*” em 1925; “*Elogio de Monteiro Tourinho*” em 1928; e a novela “*O Ceguinho*”, em 1929.

### 3.1 A MÚSICA SOTURNA DO VENTO NAS FRINCHAS DAS ÁRVORES SECULARES

Como diversos autores vêm demonstrando desde a década de 1970, toda história tem uma dimensão ambiental.<sup>232</sup> Ou seja, todo processo histórico ocorre em um espaço que é composto por relevos, climas, matas, rios, animais humanos e não-humanos, etc. e, deste modo, a história pode ser compreendida de forma mais ampla e complexa quando consideradas nas análises as variáveis que compõe o ambiente. Alicia Lindón, por sua vez, acrescenta que assim como toda experiência humana ocorre em um espaço complexo e em um tempo determinado, também acontece em corpos circunscritos.<sup>233</sup> Assim, podemos considerar que as experiências de pessoas no passado, além de serem espacial, temporal e socioculturalmente localizadas, também são corporalizadas, possuindo indissociavelmente dimensões psíquicas, biológicas, emocionais e sensíveis. Tal como defende David Seamon, “todo sujeito é um sujeito-corpo e um sujeito-sentimento, e toda experiência espacial é emocional e corpórea”.<sup>234</sup>

Quando voltamos à análise para a viagem realizada por Ballão, notamos que destoa em sua estrutura das anteriores. Diferentemente de Borba e Muricy, Jayme

<sup>232</sup> PÁDUA, J. In: CARVALHO, op. cit., p.

<sup>233</sup> LINDÓN, A. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia um renovado betweenness. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 11, n. 33, pp. 698-723, Dezembro de 2012.

<sup>234</sup> SEAMON, D. *A Geography of the Lifeworld*, New York: St. Martin's Press, 1979, p.15.

Ballão não foi um militar e sim um intelectual que dedicou parte de sua trajetória profissional à literatura e às artes. Além disso, a sua viagem foi uma das mais rápidas em seu trajeto inicial, realizada em apenas seis dias, diferindo dos 45 e 34 dias das duas anteriores. A celeridade no trajeto estava relacionada com as novas tecnologias que os 28 anos de distância entre os relatos geraram nos meios de transporte, que ao invés de pequenos barcos ou muares, pode ser realizada em automóveis. Como abordaremos, tais diferenças criaram novas formas de entrelaçamento e percepção do viajante com a biodiversidade, porém, visto que as dimensões emocionais, corpóreas e ambientais atravessam as histórias humanas como um todo, persiste no relato de Ballão sentimentos diversos que afloravam diante de um ambiente ora silencioso, ora ensurdecador.

Logo no início do relato podemos observar algumas das diferenças. Se na viagem de Muricy até Foz do Iguaçu o caminho era transposto por dentro de matas fechadas e com grandes dificuldades, na de Jayme Ballão a vista do viajante foi impactada pela presença marcante de fazendas, e as intempéries do clima superadas facilmente:

Em Guarapuava começou a viagem inaugural. Partimos já tarde desta cidade (15 horas do dia 29 de abril) e tínhamos que alcançar Laranjeiras (colônia Mallet) a 120 quilômetros de distancia.

A estrada até o rio Cavernoso atravessa um longo trecho dos afamados campos de Guarapuava. Atravessamos várias fazendas. São lindas as extensas planícies guarapavuanas. Amplíssimos horizontes, que se perdem de vista, em pequenas ondulações verdejantes. São fazendas de criar, que se sucedem uma as outras e parecem não acabar nunca.

Ao transpor Cascavel, uma hora além de Guarapuava, fomos surpreendidos com um forte aguaceiro, que tornou penosa a subida das rampas da estrada. Munidos de correntes os autos galgaram-nas, porém, com alguma facilidade, prosseguindo a viagem sem mais novidade.

A estrada é excelente, daí em diante começam os faxinais. Chegamos em Laranjeiras as 23 horas.<sup>235</sup>

A região entre Londrina e Cascavel relatada por Ballão é caracterizada pela presença da Floresta Ombrófila Mista que, como mencionado em capítulos anteriores, são caracterizadas por árvores de formações latifoliadas e coníferas, ou seja, espécimes altos e com copas largas. De acordo com Priori, a mudança significativa nas matas pode ser atribuída, entre outros aspectos, à terceira etapa<sup>236</sup>

<sup>235</sup> BALLÃO, op. cit., p. 15.

<sup>236</sup> O autor divide o processo de ocupação do sudoeste paranaense em quatro etapas. A primeira decorrendo da ocupação dos Xetá, Kaingang e Guaraní. A segunda, ocorrendo através da atuação e presença dos padres jesuítas espanhóis que desenvolveram várias reduções (missões) pelo território. A terceira seria a introdução do sistema de obrages e a quarta fase ou a etapa recente teria ocorrido,

do processo de ocupação do sudoeste paranaense, que ocorreu entre 1881 e 1930. No final do século XIX e início do XX, o governo do estado fez concessões de grandes extensões de terras para empresas estrangeiras e proprietários de latifúndios argentinos, visando à ocupação e rentabilização dos “sertões” através da exploração da erva-mate e da madeira.<sup>237</sup> O sistema ficou conhecido como *obrages* e, como pontua Ruy Wachowicz, era mantido através “de capital argentino, mão de obra paraguaia e matéria prima brasileira”.<sup>238</sup>

As *obrages* movimentaram cerca de 10.000 mil trabalhadores para a região, a maioria de origem platina, e seriam responsáveis por “elevar o desmatamento das reservas naturais e incentivar o regime de trabalho semi escravista”.<sup>239</sup> Além de tal sistema, o aumento das “fazendas de criar, que se sucedem uma as outras e parecem não acabar nunca”, podem ser atribuídas à chegada de imigrantes estrangeiros, sobretudo alemães e italianos, e de agricultores migrantes de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul no início do século XX ao Paraná. Ambos os grupos procuravam se instalar nas terras e estabelecer pequenas propriedades familiares rurais. Tanto os processos migratórios quanto o sistema de *obrages* geraram um significativo aumento demográfico na região, que passou de 126.777 habitantes para 685.711, no intervalo entre 1900 e 1930.<sup>240</sup>

Para além da diferença no ambiente gerada pelos processos citados, que acarretavam em uma paisagem distinta dos “túneis abertos em enormes touceiras de taquarussú e taquara”<sup>241</sup> relatados por Muricy, a experiência de Ballão com as matas foi mediada pelo meio de transporte utilizado. Enquanto Muricy sentia na pele os espinhos das plantas e o orvalho do clima, no relato de Ballão tais tipos de imprevistos não o acometem, isso porque no carro os corpos estavam protegidos e a experiência era mediada por janelas, vidros e aços. Mesmo o terreno lamacento, que no escrito apresenta-se como um dos maiores obstáculos, foi facilmente transposto através do uso de correntes.

---

principalmente, pela atuação das empresas colonizadoras que efetivaram a colonização moderna. Fonte: PRIORI, A. *A história do Oeste Paranaense: séculos XIX e XX*. Maringá: Eduem, 2012.

<sup>237</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>238</sup> WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1988, p.27.

<sup>239</sup> Ibidem, p.81.

<sup>240</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>241</sup> MURICY, op. cit., p.58.

Como aponta Melo, a introdução dos carros no Brasil, com maior ênfase após 1914 quando adveio o fordismo,<sup>242</sup> contribuiu para uma reestruturação da forma de viver da população nacional. Os automóveis facilitavam o cotidiano dos indivíduos e era um símbolo da construção de um novo imaginário de civilização. “Idéias caras à modernidade relacionam-se a esses novos objetos”,<sup>243</sup> que passaram a representar tecnologia, progresso, ciência, fugacidade e mobilidade, consistindo em uma tentativa de suprir o desejo de “ser moderno” que pairava sobre os centros urbanos brasileiros.

FIGURA 5: MODELOS DE AUTOMÓVEIS UTILIZADOS POR JAYME BALLÃO E COMITIVA.

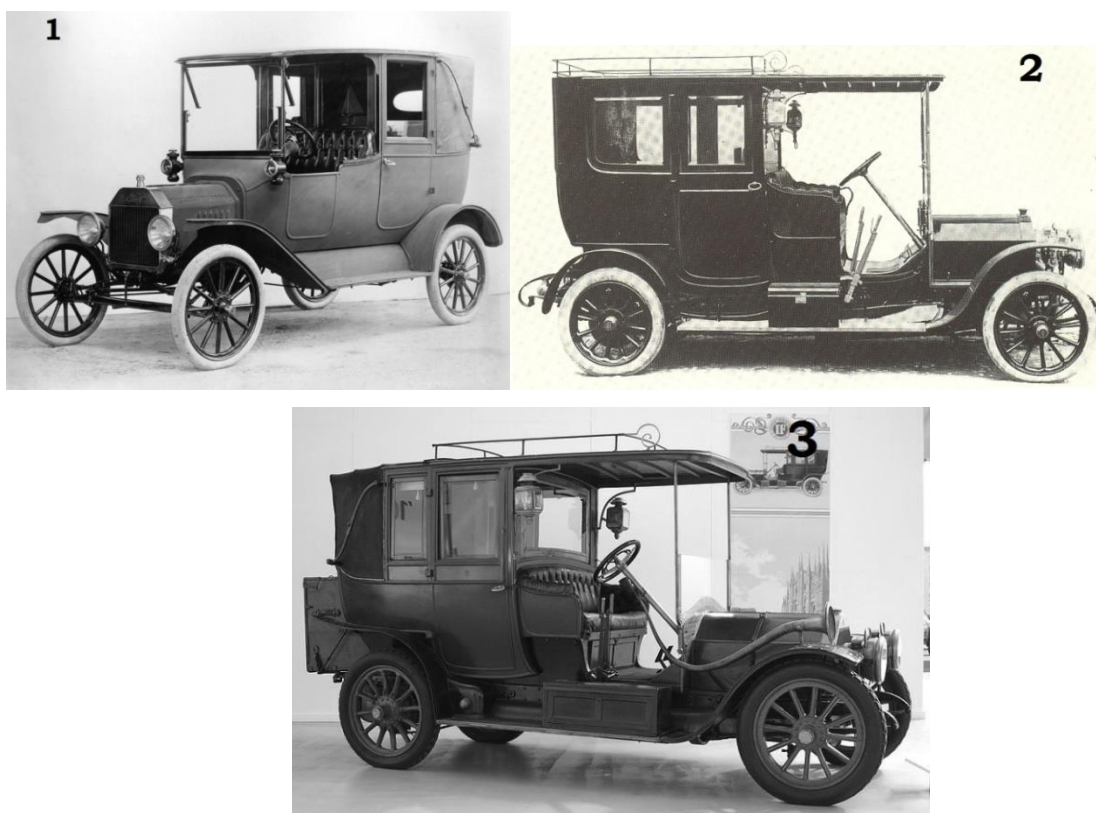


Figura 1: Ford T – produzido entre 1908 e 1927. Disponível em: <http://halfwaybrook.com/?p=3612>. Data de acesso: 06/08/2018.

Figura 2: Fiat tipo 2 – produzido entre 1909 e 1920. Disponível em: <https://bit.ly/2OU4hUw>. Data de acesso: 06/08/2018.

Figura 3: Isotta-Fraschini – produzido entre 1910 e 1930. Disponível em: <https://bit.ly/2Mdeug7>. Data de acesso: 06/08/2018.

<sup>242</sup>Sistema de fabricação em massa desenvolvido por Henry Ford para a indústria automobilística. O processo era pautado em linhas de montagens e visava aumentar a produção por meio da eficiência, assim como reduzir os custos do produto final, sendo possível vendê-los por preços menores. Cf. RIBEIRO, A. F. Taylorismo, fordismo e toyotismo. *Revista PUCSP*, v. 19, n. 35, 2015. GRAMSCI. A. Caderno 22 (1934): Americanismo e Fordismo. In: GRAMSCI. A. *Cadernos do Cárcere*.v.4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

<sup>243</sup>MELO, V. A. O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908).*Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, SC, v. 30, n. 1, set. 2008, p.189.

A frota de veículos no Brasil até 1920 era entorno de 30 mil, sendo os proprietários desses autos, em geral, membros da elite cidadina. De acordo com Guillermo Giucci, a chegada e a popularização dos automóveis transformaram os símbolos de poder e status, assim como alteraram significativamente as concepções de distância, tempo e a relação dos nobres nacionais com a natureza. Segundo o autor, diferentemente do telefone residencial ou dos bondes, os carros eram objetos particulares de grande visibilidade, que funcionavam como símbolo de distinção e um instrumento de liberdade.<sup>244</sup> Com relação à natureza, o autor aponta que com a inserção dos autos, rapidamente o “natural” se tornou uma atração turística, espaço em que a ênfase estaria mais atrelada a captura de uma pitoresca paisagem pelo olhar ou pela fotografia, do que a uma vivência com o espaço em si. “Estava sendo estruturada a visão do turista moderno, voltadas para cenários distantes da monótona experiência cotidiana. Lugares anteriormente classificados como primitivos se transformam em símbolos de autenticidade”.<sup>245</sup>

Assim, torna-se compreensível que a forma de Ballão experienciar e perceber as matas durante o trajeto até Foz do Iguaçu, tenha se dado primordialmente através do olhar e da audição. Com o tempo e o espaço de “contato” com a biodiversidade limitada pela velocidade e estrutura do automóvel, o que despertou a atenção do viajante foram os sons e os panoramas que se descortinavam no caminho:

Amanheceu chovendo e o tempo continuava ameaçador. Houve um certo desânimo, pois íamos penetrar na parte mais difícil da viagem. A estrada, ainda não perfeitamente consolidada, estava lisa, e era um arrojo enfrentá-las com os autos pesados como o Fiat e o Isota. A frente da comitiva estava porém homens resolutos, que não desanimavam facilmente. Continuamos e com felicidade a viagem, porque logo o tempo, logo adiante, mostrava-se melhor. O percurso até o Alto Paraná é muito longo, de forma que, muitas vezes reina o mau tempo aqui, mas 50 ou 100 kilometros além faz bom tempo.

Dai em diante começa o trecho mais difícil da estrada, pois tem que se galgar as serras [...] Há rampas fortes, que os autos venceram com relativa facilidade. A estrada é cortada, em longos trechos na rocha viva. Do alto da serra se descortina o panorama sem igual do imenso sertão, silencioso de vozes humanas e onde só impera o urro das feras e a musica soturna do vento nas frinchas das árvores seculares.<sup>246</sup>

<sup>244</sup> GIUCCI, G. *A vida cultural do automóvel: percursos da modernidade cinética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

<sup>245</sup> Ibidem, p. 29-30.

<sup>246</sup> BALLÃO, op. cit., p.16.

Apesar da jornada de Ballão ser a mais rápida das três analisadas, e a que descreve menos incidentes no trajeto, o autor relatou alguns momentos de aventura, turbulência e coragem, a fim de entreter o público leitor e atribuir mérito aos “homens resolutos” que o acompanhavam. Como já mencionado, a redação romanceada, positivista, com “situações difíceis” seguidas de pessoas destemidas que a enfrentam, é ponto comum ao gênero literatura de viagem. Porém, a escrita de Ballão se diferencia das anteriores em dois pontos: o primeiro refere-se a uma parcial despreocupação com o “cientificismo”. Ao contrário de Borba e Muricy, Ballão não buscava reconhecer, nominar e classificar o mundo biofísico. Devido a sua posição social de jornalista e membro de uma elite intelectual curitibana, seus escritos voltam-se com maior frequência as questões econômicas e socioculturais do estado. O que relaciona-se com a segunda diferença, que é a presença no relato de um principiante paranismo que faz com que quando o viajante volte seu olhar para o ambiente, procure nele símbolos de identidade, progresso ou beleza.

As diferenças discursivas do relato de Ballão estavam relacionadas com o contexto político e econômico do Paraná que, a partir de 1900, passou a preocupar-se de forma mais enfática com as questões de apropriação e delimitação do território. Como aponta Szesz, a demarcação geográfica era parte imprescindível para a formação da região, e coube aos intelectuais<sup>247</sup> proceder com uma modalidade discursiva que legitimasse ideologicamente a execução de projetos para a construção material do estado. A estratégia de utilizar “detentores dos saberes local” como porta vozes de um projeto político não era incomum, segundo a autora durante o período da primeira república, o recrutamento de “pensadores” era realizado em função da rede de relações sociais que mobilizavam as ações dos que se incumbiam da tarefa de escrever.<sup>248</sup> Dessa forma, “cada grupo que ocupava o poder procurava constituir, para si, um quadro de intelectuais que se encarregava de elaborar e difundir a ideologia, legitimando e solidificando a posição hegemônica daquele grupo e dando coesão a sociedade”.<sup>249</sup>

No Paraná, desde a primeira década do século XX, escritores, advogados, médicos, entre outros letrados ligados as classes dominantes, eram recrutados para

---

<sup>247</sup> Os “intelectuais” são compreendidos pela autora como “sujeitos produtores de uma fala sobre a região, envolvidos direta ou indiretamente no jogo político local”. Fonte: SZESZ, C. M. *A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas* (1889-1920). 1997, 197 f. Dissertação (mestrado em história), UFPR, Curitiba, 1997, p. 121.

<sup>248</sup> Ibidem, p. 123.

<sup>249</sup> Ibidem, p.121.

assumir “cargos de cúpula do executivo, ou então para ocupar as principais trincheiras do poder central”.<sup>250</sup> O que conferia, aos membros do seleto grupo, contato direto com os núcleos de poder, onde participavam de maneira efetiva em processos decisórios. A trajetória pessoal de Jayme Ballão o colocava como membro do movimento. Enquanto jornalista, escritor reconhecido e, membro do Centro de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do estado, era esperado que o viajante argumentasse a favor dos interesses políticos em voga. Assim, quando Ballão menciona “o imenso sertão, silencioso de vozes humanas e onde só impera o urro das feras e a música soturna do vento nas frinchas das árvores”, para além de uma percepção sensível sobre um espaço distinto dos centros urbanos, o autor reforça a política de ocupação do sudoeste. Se ainda era possível ver e ouvir o “vazio da civilização”, significava que haviam locais para serem explorados e dominados para o “progresso”.

Após quatro dias a comitiva em que Jayme Ballão estava chegou a Foz do Iguaçu. Não foram narradas outras percepções ou experiências do viajante com as matas no trajeto, o que advém do objetivo da viagem e da escrita, que se voltava com maior frequência às questões políticas. Com o objetivo de conhecer os saltos de Guairá e as Quedas do Iguaçu, a comitiva decidiu ir, primeiramente, aos saltos em Guairá. O trajeto foi realizado no vapor “Iberá” e, com maior tempo disponível e tendo o corpo como principal mediador, o relato sobre o ambiente se altera. Confluem na narrativa o emocional e o político. O assombro, as visões e as sensações convergem em um plano econômico e ideológico que visava representar as quedas como um símbolo de força, energia e potencialidades hidráulicas e turísticas.

Pela manhã cedo estava já pronto o rebocador, que nos devia transportar para a margem oposta do Paraná. A travessia é feita acima das cataratas para fugir das impetuosas corredeiras que antecedem os saltos. O panorama é arrebatador. O rio alarga-se enormemente, formando um verdadeiro mar interior. Ao atravessar o centro do canal entre a Ilha Grande e a costa, observa-se um largo trecho remançoso e profundo rio, que se perde de vista, bordado de ilhotas, que lhe dão um aspecto de bahia. Não tem mais a ideia de rio, porque a impressão é de mar.  
E dizer que toda essa colossal massa d'água, esse grande lago, esse braço de mar de 4 quilômetros de largura, vae estrangular-se logo abaixo num canal de 70 metros!  
Houve uma exclamação geral de admiração.  
O Guayrá é a força e a energia, é a fúria do elemento líquido indomável.

---

<sup>250</sup> SZESZ, op. cit., p. 122.

O rio que acima dos saltos é amplo e sereno, precipita-se, raivosamente, de degrau em degrau, de abysmo em abysmo, até cair no caixão do seu leito inferior, onde se comprime e se contrai como uma fera subjugada!

As águas não correm, galopam vertiginosamente, levantando ondas que ocultas forças subfluviais agitam e sacodem. É um eterno chiar rouco de águas, um galopar furioso de águas em borbotões, caindo aqui e contorcendo-se além entre os rochedos negros de basalto. É como um mar revoltado em que as grandes massas d'água se chocam, formando ondas, rebentando em bolhas, desfazendo-se em espumas.

A nossa impressão é de assombro. Assalta-nos a mente a invocação de Dante as portas do inferno:

Ó musas! Ó do gênio potestade!

Valei-me! Aqui, ó mente, que guardaste

Quanto vi, mostra a egrégia qualidade

Guayrá é a força, é a energia, desafiando a coragem e a inteligência do homem para dominá-la e submetê-la ao império da indústria. Mas se é força por excelência, se potência hidráulica máxima, é também o encanto pela beleza de seus saltos, é também atração pela música de suas águas.<sup>251</sup>

De acordo com Oatley e Jenkins, as emoções são “a linguagem da vida social humana” e são responsáveis por fornecer padrões sociais que relacionam as pessoas umas com as outras, sendo sempre intencionais, “em que a intencionalidade neste sentido filosófico significa com o propósito de”.<sup>252</sup> Silva, por sua vez acrescenta que as emoções são “o próprio centro da vida mental humana, ligando o que é importante para nós com mundo das pessoas, das coisas e dos acontecimentos, proporcionando infraestrutura para a vida social”.<sup>253</sup> Neste aspecto, as emoções se caracterizam como bases de orientação da vida, em uma junção entre corpo e consciência forjadas nas relações socioculturais. Em suma, quando um sujeito se emociona frente a um evento, os sentimentos suscitados “tornam-se então parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiental, social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto”.<sup>254</sup>

Apesar dos vários anos que separam o relato de Borba com o de Ballão, ambos os viajantes têm em comum o fato de descreverem a si emocionados diante das quedas de Guairá. Palavras como “assombro”, “admiração” e “fúria” são utilizadas nas duas descrições. Na passagem de Ballão, para descrever o tamanho das quedas d'água o viajante recorre à imagem do mar, narra os saltos como “feras subjugadas”, e a si como admirado e assombrado frente à tamanha força.

<sup>251</sup> BALLÃO, op. cit., p.24

<sup>252</sup> OATLEY, K. JENKINS, J. Compreender as emoções. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. 516 p. *apud*: SILVA, M. A. S. Por uma geografia das emoções. *Revista GEOgraphia*, Ano. 18, n.38, 2016, p. 101.

<sup>253</sup> *Ibidem*.

<sup>254</sup> REZENDE, C. B. COELHO, M. C. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p.30.

Como mencionado no capítulo sobre Nestor Borba, as emoções nos relatos podem ser compreendidas como fruto de uma singular percepção do tamanho e da velocidade das águas, das cores e dos sons oriundos dos saltos. Uma percepção mediada pela experiência física, pelos sentidos humanos, e pelas possibilidades e limitações que um corpo de tal espécie oferece. Porém, compreendemos também que as emoções narradas, ainda que singulares e frutos de uma experiência específica, são diretamente “tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem”.<sup>255</sup> Sendo assim, podemos considerar que apesar das aproximações dos relatos, o “emocionar” de Ballão relacionava-se com sua própria trajetória e questões específicas da “modernidade”, oriunda das primeiras décadas do século XX.

Jayme Ballão ao contemplar aquelas que eram as maiores quedas d’água nacionais em volume, narra sentir-se como Dante em sua chegada ao inferno. A obra em questão que o autor recorre para se expressar é o poema épico “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, escrita no século XII. De forma sucinta, no conto, Dante é um sujeito que se encontra no meio da vida, e está perdido em uma floresta escura e densa, o que simbolicamente significava que seu destino havia deixado de seguir o caminho planejado. Ao tentar escapar da mata, Dante se depara com uma montanha que poderia ser a sua salvação, mas é impedido de subir por três feras: um leopardo, um leão e uma loba. “Prestes a desistir e voltar para a selva, Dante é surpreendido pelo espírito de Virgílio— poeta da antigüidade que ele admira — disposto a guiá-lo por um caminho alternativo. Virgílio foi chamado por Beatriz, paixão da infância de Dante, que o viu em apuros e decidiu ajudá-lo”.<sup>256</sup> Após encontrar Virgílio, Dante segue com ele em uma viagem pelo centro da terra, a fim de conseguir sair da mata. No trajeto, perpassam os portais do inferno, atravessam o mundo subterrâneo até chegar aos pés do monte do purgatório e, por fim, as portas do céu. “De canto a canto, os dois poetas percorrem os recônditos do inferno, reconhecendo amigos, inimigos, figuras mitológicas, autores clássicos e presenciando a punição aplicada de acordo com cada categoria de pecador”.<sup>257</sup>

---

<sup>255</sup> REZENDE, op. cit. p. 11.

<sup>256</sup> Fonte: Grupo editorial Record. Disponível em: <<https://bit.ly/2PtcCP8>>. Data de acesso: 22/08/2018.

<sup>257</sup> LUCIA, C. Resenha: A Divina Comédia. Disponível em: <<https://bit.ly/2ML99wH>>. Data de acesso: 22/08/2018.

A passagem citada por Ballão consiste no canto II da obra, que trata do momento em que Dante está na porta de entrada do inferno, suplicando por forças e tomando coragem para de enfrentar a difícil jornada. Ali, vê o que havia de mais atemorizante e, ainda assim, adentra a aventura. Nesse sentido, a citação do trecho da obra por Ballão, configura-se com uma reafirmação de uma sensação que o próprio viajante já havia mencionado, de assombro e valentia frente a um ambiente que desafiava a “coragem e inteligência dos homens”. Ademais, pode-se compreender a citação quando retomamos a trajetória pessoal do viajante, na qual constam três livros literários publicados e uma ópera, o que justificaria seu gosto pelo clássico livro de Alighieri.

Para além da experiência sensível e das influências literárias, a narrativa de Ballão é permeada por um novo olhar turístico que adveio com a modernização das cidades. De acordo com Murari, a observação da natureza mostrava-se inseparável do sonho de transformá-la, na busca de promover uma fusão entre as obras divinas e as obras da engenharia humana.<sup>258</sup> Autores como Visconde de Taunay, Euclides da Cunha e André Rebouças, no início do século XX, já expressavam o sentido sublime da combinação entre a “arte natural e a arte humana”, apontando o turismo como “um elemento imprescindível para a atração do homem à terra, e a afirmação do sentimento de nacional”.<sup>259</sup>

Em 1876 o engenheiro André Rebouças, o mesmo que escreveu o prefácio da publicação de Muricy, proclamava que para que um país atraísse colonizadores, e por consequência modernidade, deveria possuir duas qualidades: ser bom e belo. O primeiro ponto dependeria exclusivamente das questões socioeconômicas e políticas; já para o segundo era preciso: “pôr em relevo, cercar das maiores comodidades possíveis, todos os prodígios naturais que ele encerra, quer eles se chamem Nicarágua, quer Salto do Guairá!”.<sup>260</sup> Rebouças defendia que, tal como na Europa e nos Estados Unidos, era o momento da natureza brasileira cumprir a função de gerar lucros, atraindo colonizadores e pesquisadores naturalistas. Em suas palavras:

Quando dos vales do Tybagi e Paranapanema, do Ivaí e do Iguaçu possuírem vapores e locomotivas, então poderemos convidar os turistas para virem admirar uma região que possuem rios que não temem confrontação com o Mississipi, cascatas que rivalizam com Nicaragua, e, o

<sup>258</sup> MURARI, op. cit., p.526.

<sup>259</sup> Ibidem.

<sup>260</sup> REBOUÇAS, A. *apud*, MURARI, op. cit., p. 529.

que não há nas belezas naturais do Estados Unidos, a flora mais linda, mais variada e mais opulenta do mundo.<sup>261</sup>

Na obra, Rebouças expressou uma preocupação que acompanhou os políticos e os intelectuais paranaenses durante as primeiras décadas do século XX, que era a de tornar os trajetos pelo estado mais cômodos, atrair turistas e afirmar os espaços naturais como “jóias exclusivas”. Se no final de 1910 a dominação e colonização dos “sertões” já estavam em andamento, a preocupação nos anos seguintes voltava-se para a aplicação de técnicas como pontes, ferrovias, estradas e hidroelétricas visando a rentabilização dos espaços ainda não urbanizados. Ballão em seu relato transparece ideia parecida quando afirma que os saltos de Guairá são “também atração”, ou seja, espaço de admiração e contemplação. A proximidade com as propostas de Rebouças é mais clara na passagem abaixo, quando o viajante lamenta pela precária estrutura para chegar às “extraordinárias maravilhas do estado”:

[...] é lastimável que os brasileiros não conheçam a mais extraordinária maravilha de sua terra, mas em parte há razão para isso. As belezas, as maravilhas, há tantos anos descritas por vários excursionistas e cientistas arrojados eram até há pouco de difícil acesso. Para poderem chegar aos Saltos, tinham os excursionistas de fazer uma longa volta por paiz estrangeiro ou sujeitar-se aos incômodos de uma penosa viagem pelos sertões. Não havia nesta viagem e nos pontos de destino, o conforto necessário para o turistas. Por isso nossos patrícios, que não vacilam em abrir os cordéis das bolsas para empreender uma longa viagem aos Estados Unidos e gozar do espetáculo da Nicarágua, ou visitar os pontos mais pitorescos da Europa, não se atreviam a enfrentar os riscos e os enfados de uma viagem incerta e incomoda através do sertão para apreciar as apregoadas belezas de nossa natureza. Hoje a situação é outra, mas ainda assim não há uma organização que facilite nossos patrícios a visita dos saltos. Essa organização poderiam consistir na fundação de uma empresa de excursões com pontos de partida em Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo.<sup>262</sup>

Na passagem acima, Ballão corrobora com os pontos assinalados anos antes por Rebouças, narrando que o principal entrave dos “patrícios” em conhecer os saltos consistia em uma falta de estrutura para a viagem. O escritor ressalta que mudanças ocorreram, mas não o suficiente para que os compatriotas que não vacilavam em “abrir os cordéis das bolsas” para viajar aos Estados Unidos ou a Europa, se deslocassem até o local. A escritora brasileira Júlia Valentim de Almeida, em seu relato de viagem pelo Espírito Santo em 1912, nota que esse fenômeno era algo que envolvia os moradores nacionais em geral: “Nós, os brasileiros, gostamos

<sup>261</sup> REBOUÇAS, A. *apud*, MURARI, op. cit., p.530.

<sup>262</sup> BALLÃO, op. cit., p. 35.

pouco de viajar pelo nosso país; desde que não se possa ir ao estrangeiro preferimos a tudo ficar em casa”.<sup>263</sup>

De acordo com Murari, ainda nas primeiras décadas do século XX, “viajar dentro do país significava cruzar o deserto, e inventariar as ausências que suscitavam o desejo de transformação”,<sup>264</sup> o que gerava um olhar turístico colonizador e modernizador. Nestor Vitor, intelectual que frequentava o mesmo centro de letras que Ballão, em 1913 escreveu a obra chamada “A terra do futuro”.<sup>265</sup> No texto, Vitor exalta o Paraná como uma potência para o país devido à abundância de recursos naturais, o progresso de suas cidades e sua capacidade turística. Apesar de Jayme Ballão não citar Vitor ou Rebouças em sua narrativa, saltam entre os textos aproximações, sendo nos três relatos a fruição, a experiência e a apreciação estética da natureza, indissociáveis da exploração do potencial econômico.

Com o mesmo entusiasmo que Ballão narrava em 1920 que os Saltos de Guairá eram “força, energia e potência hidráulica máxima”, Vitor em 1913 sonhava com a utilização das Quedas do Iguaçu como fonte de energia que, segundo o mesmo “só por si, seriam capazes de acionar todos os motores industriais do Brasil”.<sup>266</sup> A defesa do uso os saltos do sudoeste não apenas como atrativo turístico, mas também como fonte de energia elétrica não era em si inovadora. De acordo com Karpinski, em 1907 a empresa Hauer Júnior & Cia, que possuía a concessão do governo estadual para o provimento de energia do Paraná, enunciava a possibilidade de explorar pequenas quedas e cachoeiras da região. A captação das águas das Quedas do Iguaçu, e a consequente submersão dos Saltos de Guairá, só foi efetivada na década de 1960, mas com a sinalização do empreendimento desde os primeiros anos do século XX, as narrativas sobre a região passaram a reforçar que a “força” contida nas águas poderiam se transformar em energia para o crescimento do estado.<sup>267</sup>

Em suma, a narrativa da experiência emocional e física de Ballão com os saltos de Guairá foi mediada por valores culturais, sociais e políticos que emergiam

---

<sup>263</sup> ALMEIDA, J. L. Scenas e paisagens do Espírito Santo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, p. 175 -217, 1912, p. 214.

<sup>264</sup> MURARI, op. cit., p. 545.

<sup>265</sup> Vitor, N. *A terra do futuro*: impressões do Paraná (1913). Editora Farol do Saber. Curitiba, 1996.

<sup>266</sup> Ibidem, p. 397.

<sup>267</sup> KARPINSKI, C. A energia elétrica no Paraná e os primeiros estudos de viabilidade energética no rio Iguaçu (1891-1913). *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 20, n. 29, p. 49-67, ago. 2013, p. 54.

da busca pela modernização. Tal intermediação gerou um discurso onde emoções e percepções, suscitadas pela capacidade humana de sentir-se comovido frente a quedas com altura média de 114 metros, tornam-se inseparáveis do contexto socioeconômico em que o viajante estava inserido. Onde ao andar, tocar, visualizar e narrar aqueles espaços, mapeava também possibilidades de exploração.

Ao continuar a viagem, após voltarem de Guairá, a comitiva de Ballão segue para conhecer as Quedas do Iguaçu. Neste ponto a forma da narrativa é alterada. Se na maior parte da obra o foco principal consistia em mapear possibilidades de utilização da natureza para o “progresso” do estado, nesta visita o viajante volta à escrita para as suas percepções sensoriais sobre as matas e as águas:

Ainda com os olhos ofuscados e com os ouvidos artudidos com o rouco e estonteante romurejar das águas do Guayrá, chegamos às barrancas do Rio Iguaçu, onde novas surpresas nos estavam reservadas.[...]

A natureza do Paraná, porém, como acabamos de verificar de um modo definitivo, é realmente magnífica e grande, é realmente uma jóia da criação. A estrada árvores seculares. Em alguns pontos a estrada parece um túnel, que nos conduz às cataratas é uma rua, através da floresta virgem, por onde os autos passam voando á sombra das grandes coberta como se acha pelos frondosos galhos dos gigantes ipês e outros reis das florestas.

Calçados de alpargatas, com trajes apropriados e munidos do nosso bastão, a maneira dos alpinistas, iniciamos a visita. Os primeiros saltos de fácil acesso são os denominados “Floriano”, “Benjamim Constant” e “Deodoro”.

São 3 belos e volumosos saltos, que se precipitam de grande altura no caixão profundo do rio. Em frente, do lado argentino, há outro salto, que se desdobra como uma alva toalha. A nossa curiosidade parecia estar já satisfeita, dava-mos por bem pagos do sacrifício da longa e fatigante viagem, mas... era apenas o inicio das surpresas.

Logo, após atingirmos aos “Saltos Três Irmãos”, a cena amplia-se. Ouvem-se exclamações de admiração:

- Maravilhoso! Maravilhoso!

Os saltos são já muito possantes, o volume de águas e alturas das quedas são maiores. Ficamos parados, estáticos a contemplar o espetáculo sem igual daquela colossal massa líquida a despenhar-se vertiginosamente, das eminências do rochedo nas profundezas do abismo.

Assim absorvidos, presos aos surdos remurejar das águas, a incomparável orquestra da natureza, que o arco-íris coroa com seu disco multicolor, fomos despertados com a advertência dos companheiros: - Adiante! Adiante![...]

Ao chegarmos no ponto terminal, ao rochedo fronteiro ao Grande Salto, houve um movimento geral de assombro. Não há expressões, na linguagem humana, capazes de traduzir os nossos sentimentos de admiração, como não há pintor capaz de reproduzir a beleza do quadro.

O grande rio, apertado na célebre “Garganta do Inferno”, entre os dois países vizinhos, precipita-se repentinamente de uma altura de 80 metros, caindo, fragorosamente, no profundo caixão do leito inferior.

As fúrias das águas causa vertigem – estonteia, cega, ensurdece.

Debruçados sobre o rochedo, a gente sente a atração do abismo, e em vez do temor, experimenta uma estranha sensação de quem se deixasse arrastar, por um perigo irresistível!

A formidável massa líquida não se precipita em roldão, mas sim em ondas e em flocos, em nuvens superpostas de água. A altura é considerável e, com

o ímpeto do salto, a água se transforma e não é mais simplesmente água: é renda, é floco, é véu, é nuvem, é poeira, é luz! [...]

A vista do conjunto é da mais surpreendente beleza; os olhos ficam maravilhados com uma impressão não simplesmente de água, mas de luz. Os ouvidos ficam nesse encantamento de quem ouviu sons que não se esquecem jamais, sons de uma música estranha, misteriosa, da Natureza!

De regresso das grandes cataratas sentíamos uma sensação de conforto e, na nossa pequenez, sentíamos grandes pela grandeza do Nosso Paraná!<sup>268</sup>

A natureza paranaense, “magnífica, grande, jóia da criação”, volta ao centro do discurso. Permeada de adjetivos, a descrição das Quedas do Iguaçu, coloca o narrador no interior de um ambiente onde a beleza imperaria a partir dos movimentos, das luzes e do caos. Como aponta Lindón, “por ter corporeidade é que o sujeito se apropria do espaço e do tempo que lhe acontece, transforma-o, dá-lhe valores e significados particulares, e o carrega da memória do que viveu.”<sup>269</sup> Jayme Ballão, antes mesmo de ver a primeira queda, descreve ainda estar tocado pelo “rouco e estonteante romurejar das águas do Guayrá” o que, entre outros aspectos, o atribuiu experiência e expectativa para as paisagens que viriam a seguir. Ademais, como citamos no capítulo anterior, outros viajantes já haviam “desvendado” as quedas nos séculos anteriores, o que também corrobora na criação da “memória escrita” de Ballão, que além de individual é também coletiva.

Retomando brevemente a viagem de feita por Muricy, podemos observar que o militar narra de forma muito próxima à Ballão suas sensações. Ambos remontam a percepção de movimento, de impacto, de pequenez e de medo, sendo compartilhado nos textos termos como “surpresa”, “grandeza”, “abismo” e “força”. Mas o que se destaca na comparação, mais do que os vocábulos partilhados, é a ausência deles. Em específico, o momento em que os dois, de forma muito similar, relatam sensações tão fortes que aparentemente nenhuma descrição conseguiria de fato dimensionar a experiência. Enquanto o jornalista descreveu que “não há expressões, na linguagem humana, capazes de traduzir os nossos sentimentos de admiração”, o militar afirmava ser “impossível descrever-se o que um organismo nervoso, impressionável, experimenta no meio d’essa natureza excepcional”.<sup>270</sup> Apresentando-se então, como duas formas distintas de tentar transmitir ao leitor o incomunicável.

<sup>268</sup> BALLÃO, op. cit., p. 32 - 34.

<sup>269</sup> LINDÓN, op. cit., p. 715.

<sup>270</sup> MURICY, op. cit., p.76.

Questionando sobre porque, apesar das quase três décadas que separam os relatos, as emoções narradas serem tão parecidas, acabamos por retomar alguns dos pontos dos capítulos anteriores. Um deles parte do que expressa Tuan<sup>271</sup> quando afirma que, apesar de duas pessoas não enxergarem a mesma realidade, e nem dois grupos sociais fazerem a mesma avaliação sobre um determinado espaço, todos compartilham um mundo em comum e possuem capacidades corporais similares. Dessa forma, biologicamente, os dois viajantes possuíam as mesmas propensões e limitações físicas para ver aos “gigantes ipês e outros reis das florestas”, assim como, ouvirem e sentirem-se impressionados frente às águas que se precipitavam em quedas de até 80 metros de altura.

As explicações para a questão, entretanto, não se limitam apenas ao físico e ao biológico visto que, apesar das emoções estarem situadas no corpo, “não quer dizer que sejam naturais, porque o modo como entendemos e vivenciamos o corpo é sempre mediado pelas formas de pensar cultural e historicamente construídas”.<sup>272</sup> Ainda que as narrativas tenham ocorrido em momentos temporal e economicamente distintos, é necessário ressaltar que foram formuladas por homens que eram partícipes, por meio de seus trabalhos, de um núcleo governamental e, ao validar as Quedas como espaço relevante para o progresso e a modernização do Paraná, corroboravam com os projetos de “civilização” em voga. No caso de Ballão tal propósito se torna mais nítido quando avançamos um ano depois da viagem e o encontramos, como deputado, lendo sua própria narrativa, no “Festival em honra ao historiador Rocha Pombo, no Theatro Guayra. O que demonstra que sua literatura tinha outros objetivos além de entreter o leitor e narrar espaços até então pouco conhecidos, tratando-se de uma defesa de princípios como “ocupação dos sertões”, “modernização” e “turismo”, que o mesmo utilizaria anos depois como discurso político.

As aproximações nos relatos de Ballão e Muricy na descrição das quedas, também podem ser correlacionadas à noção de sublimidade, uma das importantes características literárias do movimento romântico, que “promoveu uma abertura histórica para a valorização do mundo natural no universo da modernidade”.<sup>273</sup> De acordo com Carvalho, o crítico e dramaturgo inglês John Dennis (1657-1734) foi um

---

<sup>271</sup> TUAN, op. cit., p.10.

<sup>272</sup> SILVA, op. cit., p. 103.

<sup>273</sup> PÁDUA, J. A. Herança romântica e ecologismo contemporâneo: Existe um vínculo histórico?. *Varia Historia*, nº 33, Janeiro, 2005, p. 58.

dos primeiros a realizar uma distinção entre o que seria o belo e o que seria o sublime, significando o segundo como a característica dada a um espaço que teria “a capacidade de estimular profundas emoções em seus observadores, estimular um prazer estético que era em si contraditório, ao mesmo tempo atrativo e repulsivo, encantador e ameaçador”.<sup>274</sup>

A inspiração para a distinção teve raízes na obra tradicionalmente atribuída ao filósofo grego Cassius Longinus (Longino), “*Do sublime*”, que ganhou maior notoriedade nos séculos XVII e XVIII, após a publicação em 1674 da tradução francesa de Boileau.<sup>275</sup> Na obra, Longino defende que “o sublime é o eco da grandeza de alma”. Como aponta Bellas, tal afirmação é central no tratado por, primeiramente, legitimar “a ideia que a verdadeira sublimidade não deve ser confundida com um estilo e uma dicção inchada e desnecessariamente pomposa.” Depois, porque é “a premissa fundamental do argumento de que, sob o efeito do êxtase proporcionado pelo sublime, a alma do indivíduo se eleva de tal modo que parece que ela mesma gerou aquele discurso”. E, por fim, porque a ideia de “eco”, “atesta a “intersubjetividade” envolvida no autêntico momento sublime, que possibilita ao poeta/orador e ao público partilharem da grandeza”.<sup>276</sup> Em suma, o que Longino conceitualizou e que foi explorado depois por diversos autores no romantismo, era uma estética de escrita que, através de metáforas, permitia narrar grupos de sentimentos e sensações ambíguas, que transcendiam os limites da condição humana e a ideia do êxtase.<sup>277</sup>

Conjuntamente com as teorias estéticas longinianas, conforme discorre Carvalho, no final do século XVII outra ideia de sublime estava sendo desenvolvida. Nela, poetas e literatos ingleses elaboravam o conceito do “sublime natural”, no qual o termo se relacionava com uma força divina irresistível. Tal teoria fez com que “grandes cenários” da natureza fossem considerados como “fontes de sublimidade” e escritores e viajantes lançassem suas imaginações em “excursões pelo universo, através das grandes viagens, reais ou fictícias, que os colocavam diante das mais altas montanhas, dos mais impetuosos oceanos e de rios majestosos”.<sup>278</sup>

<sup>274</sup> CARVALHO, A. I. *Montanhas e memórias: uma identificação cultural no Marumbi*. 2005, 283f, Tese (doutorado em história). UNICAMP, Campinas, 2005, p.169

<sup>275</sup> BELLAS, J. P. O romantismo e o sublime. *Anais do VII SAPPIL – Estudos de Literatura*, UFF, no 1, 2016, p. 278.

<sup>276</sup> Ibidem.

<sup>277</sup> CARVALHO, op. cit., p.170-171.

<sup>278</sup> CARVALHO, op. cit., p. 172.

No século XVIII, começaram a circular tratados que buscavam explicar a origem dos sentimentos estéticos humanos, e autores como Burke, Rousseau, Wordsworth e Kant discutiram sobre a sublimidade e o mundo natural. Para Edmund Burke, o belo estava associado ao prazer, enquanto o sublime remetia a algum nível de dor. Assim, o belo seria “aquilo que pode ser calmamente admirado e apreciado na natureza através de sua aparência superficial”, e o sublime “aquilo que é tão maior do que o homem que a sua atração, em verdade, inclui certo grau de medo e trepidação por parte do observador”.<sup>279</sup> Para Kant, existiam dois “tipos de sublime”, o primeiro era o matemático, que ocorria quando um sujeito defrontava-se com uma feição natural enorme, onde “uma progressão numérica parece estender-se infinitamente, a ponto da nossa imaginação já não poder compreendê-la”,<sup>280</sup> o que gerava sentimentos ambíguos, em que apesar da aparente insignificância física diante do que é vasto, haveria uma consciência de grandeza espiritual, na qual, para Kant, estaria a verdadeira sublimidade do homem. O segundo tipo de sublime era o dinâmico, que surgiria diante de demonstrações da potência do mundo natural, e que geraria tanto o sentimento de impotência, quanto a certeza do sujeito em sua “grandeza ideal”, ou seja, sua dignidade enquanto um ser pensante, racional e moral, diferente da “irracional e simples” natureza.

Ambas as concepções de sublime influenciaram o pensamento romântico e, como aponta Murari combinavam-se nas escritas regionalistas, dotando a natureza de uma “religiosidade primitiva que evocava a ancestralidade, a ligação com o passado, a coletividade e a divindade”.<sup>281</sup> Na passagem de Ballão, assim como nas dos dois viajantes anteriores, descrições do sentimento de sublime aparecem frequentemente nas descrições das quedas d’águas. Seja pelo grau de medo que sugere Burke, diante de um espaço potencialmente perigoso, ou pela “questão matemática” indicada por Kant, os viajantes relatam sentirem-se tanto pequenos quanto majestosos, estonteados, cegos, surdos e maravilhados. Na narrativa, crenças culturais, políticas e distopias, costuram o enredo onde natureza e artifícios se fundem e formam uma só fonte de estímulos sensoriais e encantamentos estéticos, na qual se sucedem cores, texturas, sons e emoções.<sup>282</sup>

---

<sup>279</sup> Ibidem, p. 174.

<sup>280</sup> Ibidem.

<sup>281</sup> MURARI, op. cit., p. 309.

<sup>282</sup> MURARI, op. cit., p. 542.

Adentrando nas especificidades da narrativa de Ballão, uma das que se destacam no texto é “estética do aventureiro” citada pelo viajante: “calçados de alpargatas, com trajes apropriados e munidos do nosso bastão, a maneira dos alpinistas, iniciamos a visita”. Como aponta Castilho “os modos de combinar corpo e moda são documentos visuais, textos que falam de uma determinada maneira de ser e parecer, e dos valores de uma época”.<sup>283</sup> Quando narra vestir-se a maneira dos alpinistas, Ballão projeta em si e em seu grupo à imagem dos naturalistas e aventureiros europeus, que com maior ênfase a partir do século XVIII, buscavam criar novos códigos de civilidade através da educação do corpo. Além disso, “o comportamento corporal, evidenciado por meio da postura, dos gestos, da força empregada em determinadas atividades, passou a ser mais um dos objetos da ciência”.<sup>284</sup>

No Brasil, no início do século XX, havia uma consciência crescente de que o povo “não era debilitado por uma natureza biológica, mas sua condição social precária resultava do abandono por parte das autoridades governamentais e às condições de vida e trabalho impostas pelo capital”.<sup>285</sup> A partir dessa constatação, acreditava-se que as práticas esportivas poderiam ser uma importante ferramenta da engenharia social para sustentar uma hegemonia burguesa, ao mesmo tempo em que transmitiam para população, sentimentos patrióticos mediante a construção de uma identidade nacional. A crença defendida era, em suma, que através da ginástica fortalecia-se o sujeito não apenas fisicamente, gerando melhor desempenho no trabalho e menos miasmas, mas também moralmente.

As vestimentas destinadas às atividades ao ar livre passaram a representar então, uma acumulação de conhecimentos científicos, de técnicas e de tecnologias. De acordo com Soares, no projeto de valorização do corpo e da prática de exercícios físicos e esportivos como medida higiênica e profilática, as roupas destinadas as atividades, na década de 1920, não poderiam ser desvinculadas as questões de higiene. Sua confecção, portanto, deveria considerar “o uso de tecidos leves que permitam ao corpo respirar”,<sup>286</sup> atuando como uma extensão da pele,

<sup>283</sup> CASTILHO, K. Prefácio. In: RAMALHO, S. *Moda também é texto*. São Paulo: Edições Rosari, 2007, p. 14.

<sup>284</sup> CARVALHO, op. cit., p. 46.

<sup>285</sup> Ibidem, p.50.

<sup>286</sup> SOARES, C. L. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 81-96, Dec. 2011, p.87

acompanhando os movimentos das pessoas, “em uma composição tangível e plástica”.<sup>287</sup> Além do tecido fino, era comum para os homens o uso de mangas longas para prevenir intempéries do clima, calças compridas e sapatos confortáveis, evocando proteção e facilidade de uso.<sup>288</sup>

Na imagem abaixo, retirada da obra de Ballão, é possível observar que o viajante e seus colegas basearam suas vestimentas nos moldes citados. Podemos compreender a utilização dessa estética primeiramente como a experimentação de uma aparência que era, naquele contexto, um demonstrativo da civilidade e da polidez esperado de intelectuais e políticos citadinos em espaços abertos. E, também, por se tratar de uma obra que seria publicada, como uma forma do escritor tornar a si e a sua experiência um exemplo de como um “cidadão de classe” deveria se portar e se vestir na natureza. Então, ao apontar as referências de suas indumentárias Ballão apresenta uma filosofia política, econômica e social, onde o alinhamento entre estética, saúde e moral era imprescindível para o “avanço da pátria”.

FIGURA 6: BALLÃO E PARTE DA COMITIVA POSANDO PARA FOTO NAS QUEDAS DE FOZ DO IGUAÇU.



Fonte: BALLÃO, op. cit. p. 28.

Retomando a narrativa de Ballão sobre sua visita as Quedas do Iguaçu, destaca-se no texto o agrupamento que o autor faz entre suas percepções

<sup>287</sup> Ibidem.

<sup>288</sup> SOARES, op. cit., p. 88.

fisiológicas, emocionais e culturais, ao narrar que “as fúrias das águas causa vertigem – estonteia, cega, ensurdece”, assim como, “trazem uma sensação de conforto e, na nossa pequenez, sentíamos grandes pela grandeza do Nosso Paraná”. Segundo Paul Ricouer, os sentimentos são manifestações da relação do eu com o mundo, onde uma afeição e uma intenção coincidem na mesma experiência, atestando “nossa afinidade, a nossa coadequação e a nossa harmonia eletiva com realidades cuja efígie afetiva carregamos conosco”.<sup>289</sup> Neste aspecto, a confluência no relato de Ballão entre ver e ouvir as águas, com o sentir da vertigem, da pequenez e do orgulho, conjuntamente com o pensar o uso daquele espaço para fins políticos e econômicos, se tornam partes inseparáveis do que Yu-Fu Tuan denomina de um *continuum* experiencial.<sup>290</sup> O que o autor conceitua, basicamente, é que toda experiência é constituída, de forma indissociável, de pensamento e sentimento e que, ao contrário do que propaga o saber comum, estes não são opostos e sim partes inerentes da vida humana. Algo próximo do que defende Tilley quando pontua:

Pessoas não recebem informação e conhecimento sobre o mundo passivamente, pois sempre agem em conformidade com projetos práticos, valores, necessidades, desejos e interesses. Quais informações e conhecimentos são de fato recebidos só podem ser apreciados no contexto dessas necessidades, desejo, etc. É no contexto de um corpo necessitado estendendo-se ao mundo que estão fundados sentidos e significâncias. A maneira através da qual experienciamos lugar e paisagem é, portanto, eternamente incompleta, incerta e, conseqüentemente, ambígua.<sup>291</sup>

Ao analisar o escrito de Ballão, não objetivávamos desmembrar sua história e classificar, aos moldes cartesianos, o que nas observações teriam sido fruto exclusivo de influências literárias ou do contexto sociopolítico, do que seriam os sentidos e as emoções “puras”. Como apontaram os autores anteriores, acreditamos ser inviável dissociar “razão e emoção”, ou ainda “pensamento e sentimento”, visto que quando uma pessoa vivencia e narra um fato, espaço ou objeto, o faz enquanto ser completo (social, psicológico, biológico etc.). Dessa forma, acreditamos que ao olhar a narrativa do viajante com suas objetividades e subjetividades, imbuímos o tema em análise de algo que em si sempre esteve presente, a complexidade humana. Ao proceder de tal maneira, tornou-se possível constatar diferentes formas

<sup>289</sup> RICOUER, P. *Na escola da fenomenologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p.293.

<sup>290</sup> TUAN, op. cit., p. 11.

<sup>291</sup> TILLEY, op. cit., p.56.

de fruição, percepção e vivência de sujeitos no passado com fatores bióticos e abióticos das matas paranaenses.

No relato de Ballão visões de modernidade e de progresso, emoções, formas literárias e novas tecnologias, encontram-se em espaços onde a urbanização ainda almejava chegar. Em um início de outono, o já prestigiado escritor de Sidéria, a primeira ópera paranaense, enquanto parte da plêiade seleta de intelectuais curitibanos, buscou através de sua obra passar confiança aos seus contemporâneos, narrando às diversas possibilidades que a “extraordinária natureza local” suscitava para a economia. Pontuou de forma sutil algumas críticas à falta de estrutura no “sertão”, que impossibilitavam a “exploração e avanço adequado”, mas o que sobra em sua narrativa são as adjetivações positivas sobre o futuro do novato estado, devido primordialmente as “riquezas naturais”. Ademais, relata sentimentos complexos, oriundos tanto de uma tradição discursiva que atribuía a alguns ambientes a estética do sublime, como também de sua experiência particular, onde ao ver as cores, perceber alturas, sons e texturas sentia-se corporalmente tocado e emocionado, subvertendo o texto a uma esfera pessoal, como quem relega ao leitor o compromisso de conhecer tais lugares para entender o que foi sentido.

Lançar o olhar sobre os sentimentos e percepções complexas presentes na fonte é encarar o que Solnit define como as “noites da História”, é desafiar a recorrente “tirania do quantificável”<sup>292</sup> que na vida econômica, social e acadêmica, tem dado precedência ao que pode ser medido e relegando o que não é mensurável, e que surge em geral “da incapacidade da linguagem e do discurso de descrever fenômenos mais complexos, sutis e fluidos”.<sup>293</sup> Em suma, lembrar e demonstrar por meio das nossas pesquisas que fatos no passado foram vivenciados por pessoas, possuidoras de corporeidade e sentimentos tanto quanto de cultura, de dubiedades, múltiplos interesses e vivências pessoais é papel de uma história que se quer cada vez mais aberta e plural.

---

<sup>292</sup>SOLNIT, R. Os homens explicam tudo para mim. São Paulo: Cultrix, 2017, p. 72.

<sup>293</sup>Ibidem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Delimitar os contornos do pensável, assinalar os mecanismos da emoção nova, a gênese dos desejos, a maneira como, em um tempo dado, se experimentam os sofrimentos e os prazeres, descrever o comportamento, reencontrar a coerência dos sistemas de representação e apreciação, eis o indispensável. Não há outro meio de conhecer os homens do passado a não ser tomando emprestado seus olhares, vivendo suas emoções.<sup>294</sup>

A presente dissertação buscou compreender de que forma três homens que participavam da elite paranaense, experienciaram e narraram seus engendramentos com partes das matas locais no final do século XIX e início do século XX. Analisar as descrições de sensações físicas e emocionais dos viajantes com outras espécies biológicas e as características geofísicas do espaço, mostrou-se um desafio historiográfico, visto que é estreita a linha que separa o olhar sensível para com o passado, do olhar romântico ou positivista. Por isso, optamos em cada início de capítulo por apresentar primeiramente a trajetória biográfica, cultural e econômica dos autores, assim como, circunscrever seus escritos ao contexto nacional e estadual em que ocorreram. Tal estrutura auxiliou no mapeamento dos variados interesses que permeavam os textos.

No primeiro capítulo apresentamos o ex-combatente da Guerra do Paraguai, Capitão Nestor Borba, que conjuntamente com seus irmãos Telêmaco e Jocelim, viajou para as Quedas do Guairá em embarcações em 1875. A excursão foi realizada com o auxílio financeiro e estratégico do Governo Provincial do Paraná, e objetivava analisar a possibilidade de implantação de uma estrada de ferro que ligasse Curitiba a Província do Mato Grosso, através da construção de uma ponte sobre as quedas. O relato de tal experiência foi produzido e publicado 1897, 22 anos depois da viagem em si, e nelas estavam inclusos projetos políticos, a busca pelo progresso e o desenvolver das ciências. A escrita versava com a estética literária romântica, sendo mediada por sua experiência física singular e os interesses econômicos em voga que visavam à dominação dos “sertões” e a “domesticação do mundo não-civilizado”. No texto, o autor expressou sentimentos e sentidos variados, que iam desde o temor pelas águas turbulentas do Rio Paraná, até a exaltação das

<sup>294</sup> CORBIN, A. *O território do vazio, a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.7

belezas das matas, e da “fúria das águas do Guairá”, que poderiam ser utilizadas para a almejada expansão da província pela região oeste.

No segundo capítulo analisamos o relato de viagem de outro militar, o Tenente José Cândido da Silva Muricy, que foi membro da Comissão de Estradas Estratégicas do Paraná e, em 1892 viajou em muares para a região de Foz do Iguaçu, a fim de avaliar as condições das estradas que ligavam Guarapuava até a colônia. O seu relato, publicado em 1896, é vasto em detalhes sobre a fauna e flora, e também sobre sentidos e emoções percebidas no trajeto entre as altas árvores de densas folhagens, assim como diante das Quedas de Foz do Iguaçu. No último capítulo, adentramos ao relato de Jayme Ballão, escrito em 1920 e publicado em 1921, onde o intelectual narrou sua visita as Quedas de Guairá e aos Saltos do Iguaçu. No conjunto que integra, o texto de Ballão se mostrou relevante por frisar as mudanças ambientais, tecnológicas e sócio-culturais que houveram em ambas as regiões décadas depois de Borba e Muricy as visitarem. O autor compartilhou em sua narrativa percepções múltiplas sobre as massas d’água que caíam dos altos declives rochosos, e também sobre o turismo, a política local e o progresso do estado.

Apesar das especificidades biográficas, políticas e sociais que envolviam os relatos, foi possível constatar pontos em comuns. Os textos foram escritos por homens, brancos, letrados, membros de uma elite intelectual e econômica curitibana, que viajaram para a região sudoeste do Paraná por demandas dos seus ofícios, e que defendiam a necessidade da dominação dos “sertões” e da biota local para o avanço do estado. Para além dos aspectos gerais, outras aproximações dizem respeito às percepções sensíveis sobre o ambiente. Os três viajantes narraram a si emocionados, impressionados e envolvidos pelo que vivenciaram diante dos saltos, pelos sentimentos suscitados frentes as quedas, pela angustia causada pelas grandes árvores, a solidão da ausência de cidades, o temor dos rios turbulentos e das “feras selvagens”. Uma sinestesia sensorial, derivada diretamente de experiências físicas, que envolveram os sujeitos não apenas com o intelecto, mas com o corpo como um todo, em uma dinâmica que em essência nunca se cessa ou se separa, que é o relacionar dos humanos com o espaço que habitam.

Uma necessária ressalva é levantada por Judith Butler, quando afirma que “o corpo não é neutro”.<sup>295</sup> Homens e mulheres apesar da similaridade biológica “adotam valores diferentes e percebem aspectos diferentes do meio ambiente”.<sup>296</sup> O mesmo pode ser transcendido às questões de classe e de raça. Na sociedade patriarcal capitalista que envolve as fontes, podemos concluir que as sensações e experiências analisadas dizem respeito a um grupo específico. Como homens brancos e letrados, os autores olhavam o mundo ao redor como uma extensão de seus direitos de poder. A religião, a principiante ciência, a educação, e a cultura do século XIX e XX reafirmavam a capacidade racional inata ao gênero para tal função, estando à natureza, substantivo feminino, subjugada aos seus domínios. Dessa forma as emoções suscitadas, a coragem, os medos, a admiração, etc., devem ser compreendidos como fruto do entrecruzar de ambientes com um corpo que é cultural, social e político, sendo circunscrito ao seu próprio tempo e espaço.

Dada a ressalva, o presente trabalho buscou demonstrar que colocar em foco temas como as sensibilidades, as emoções, os sentidos, as experiências e os corpos, pode contribuir para análises historiográficas mais amplas sobre a relação de pessoas com os ambientes no passado. Comumente os historiadores nomeiam suas fontes de objeto de análise, e frequente nessa analogia esquece-se que o “objeto” é fluido. Não é possível afirmar com exatidão o que um viajante “pensou de forma racional” ou “sentiu de forma instintiva” frente a uma queda d’água, porque o “objeto de análise” é perene, sendo social e biológico, cultural e psicológico. Analisá-lo de forma ampla, e não como sapo dissecado em aulas de ciência, é acreditar que podemos criar novos modelos de análise para além do cartesianismo, é visar uma historiografia mais integrada, plural e humanizada.

---

<sup>295</sup> BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

<sup>296</sup> TUAN, op. cit., p. 285.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, C. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*. 5. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguet, 1969.
- ALMEIDA, J. L. Scenas e paizagens do Espírito Santo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, p. 175 -217, 1912.
- ANDRADE, C. C. A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. *Revista de Filosofia*, v. 6, n.2, UFRB, Amargosa, Bahia, 2012.
- ARRUDA, G. A. grande transformação e a biota cultural das populações em movimento. *Revista Diálogos*, UEM, v. 14, n.2, p. 287 – 303. 2010.
- \_\_\_\_\_. Rios e governos no Estado do Paraná: pontes, "força hidráulica" e a era das barragens (1853-1940). *Varia história*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, 2008.
- BALLÃO, J. *À Foz do Iguaçu e as Cataratas do Iguassú e do Paraná*. Typographia A República, Curitiba, 1921.
- BARBOZA, C. H. M. Ciência e natureza nas expedições astronômicas para o Brasil (1850-1920). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, Belém, v. 5, n. 2, p. 273-294, 2010.
- BARTHES, R. *O Óbvio e Obtuso*. Ensaios críticos III. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.
- BERBERI, E. DENIPOTI, C. Monumenta – Relatos de Viagem a Guairá e Foz do Iguaçu (1870 – 1920). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- BELO, C. N. *ITAIPU: Marcos da construção da usina nas páginas do Jornal Clarín (1973 – 1979)*. 2011. 145 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2011.
- BELLAS, J. P. O romantismo e o sublime. *Anais do VII SAPPIL – Estudos de Literatura*, UFF, no 1, 2016.
- BOAVENTURA, E. *A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência*. EDUFBA, Salvador, 2009.
- BORBA, T. (1908). *Actualidade indígena no Paraná*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1954.
- BRANNSTROM, C. Repensando a Mata Atlântica Brasileira: cobertura vegetal e valor da terra no oeste paulista, 1900 a 1930. *Revista Varia História*, v. 18, n. 26. 2002.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

CABRAL, D. C. '*O bosque de madeiras*' e outras histórias: a Mata Atlântica no Brasil Colonial (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro – RJ. 2012. 245p. Tese (Geografia), UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Editora Itatiaia Ltda, Belo Horizonte, 2000.

\_\_\_\_\_. *O romantismo no Brasil*. Humanitas, São Paulo, 2002.

CAPRA, F. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 8ª ed. Cultrix, São Paulo, 2003.

CARDOSO, J. A. WESTPHALEN, C. M. *Atlas histórico do Paraná*. Curitiba: Chain Editora, 1986.

CARVALHO, A. I., LAVERDI, R., PÁDUA, J. A. A dimensão ambiental do conhecimento histórico: Entrevista com José Augusto Pádua. *Revista de História Regional*. UEPG, v. 19, Ponta Grossa, 2014.

CARVALHO, A. I. *Montanhas e memórias: uma identificação cultural no Marumbi*. 2005, 283f, Tese (doutorado em história). UNICAMP, Campinas, 2005.

CARVALHO, M. M. X. *Uma grade empresa em meio à floresta: A história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)*. 2010, 313 f. Tese (doutor em história). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CASEY, E. *Getting back into place*. Universidade de Indiana, Bloomington, 1993

CASTRO, L. A construção da Mata Atlântica. In: *Anais: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia*. 2008.

CORBIN, A. *O território do vazio, a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

\_\_\_\_\_. *Saberes e Odores*. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Cia das Letras. São Paulo, 1987.

CORRÊA, A. S. Imprensa política e pensamento republicano no Paraná, no final do século XIX. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 17, n. 32, p. 139-158, fev. 2009.

CRISTÓVÃO, Fernando. "Introdução." Para uma teoria da Literatura de Viagens. In: *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*. Coimbra: Almedina/CLEPUL – L3.2002.

CRUZETTA, F. C. *Rememorações da cidade de Curitiba: visões de progresso nas décadas iniciais do século XX*. Curitiba, UFPR, 2010.

CUNHA, L. A. *A universidade temporã*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1986.

DEAN, W. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

DENIPOTI, C. *A sedução da leitura: livros, leitores e a história cultural (Paraná 1880 – 1930)*. 1998, 201 f. Tese (doutorado em história). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

DUARTE, R. H. História e biologia: diálogos possíveis, distâncias necessárias. *História, Ciência e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 927-940, 2009.

FARIAS, R. M. *Orquestra Sinfônica do Paraná da ópera Sidéria à sagração da primavera Curitiba (1912 – 2012)*. 2013, 172 f. Dissertação (mestrado em música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FERNANDES-FERREIRA, H. *A caça no Brasil: panorama histórico e atual*. 466 f. Tese de doutorado (Ciências biológicas). Universidade Federal da Paraíba, 2014.

FETZ, M. Entre razão e fruição: formação e presença da Segunda Revolução Científica no Brasil (XVIII e XIX). 601 f. 2012. Tese (doutorado em sociologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

FIGUERÔA, S. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional*. Editora Hucitec. São Paulo, 1997.

FRANCO, S. M. S., JUNQUEIRA, M. A. (Org.), *Cadernos de Seminários de Pesquisa Volume II*, São Paulo : Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2011.

GIUCCI, G. *A vida cultural do automóvel: percursos da modernidade cinética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GOMES, P. J. F. CORBIN, Alain — Saberes e Odores. *Revista de História*, n. 119, USP, 1998.

GRAF, M. E. C. *Imprensa periódica e escravidão no Paraná*. Curitiba: GRAFIPAR, 1981.

GUBERT FILHO, F. A. O Desflorestamento do Estado do Paraná em um século. *Anais da Conferência do Mercosul sobre Meio Ambiente e Aspectos Transfronteiriços*. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná, 1993.

HARDMAN, F. F. Antigos modernistas. In: NOVAES, A. *Tempo e história*. Companhia das Letras, São Paulo, 2002.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

INGOLD. T. *The life of lines*. Routledge. Kobo: Canadá, 2015.

\_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizonte antropológico*. Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

KARPINSKI, C. A energia elétrica no Paraná e os primeiros estudos de viabilidade energética no rio Iguaçu (1891-1913). *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 20, n. 29, p. 49-67, ago. 2013.

\_\_\_\_\_. *Navegação, cataratas e hidrelétricas: discursos e representações sobre o Rio Iguaçu (Paraná, 1853-1969)*. Florianópolis, SC. 2011. 375p. Tese (História – UFSC).

LEANDRO, J. A. Devastação e tráfico de madeira no litoral do Paraná Provincial. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 93-105, inverno 1999.

LEITE, M. L. M. *Livros de viagem*. São Paulo: Edusp, 1997.

LICCARDO, A., SOBANSKI, A., CHODUR, N. L. O Paraná na história da mineração no Brasil do século XVII. *Boletim Paranaense de Geociências*, n. 54. Editora UFPR, 2004.

LINDÓN, A. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia um renovado betweenness. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 11, n. 33, pp. 698-723, Dezembro de 2012.

LIMA, L. D. B. Belém e o mundo natural: olhares de viajantes sobre plantas e animais na urbe amazônica (1840-1860). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 11, n. 2, p. 505-519, 2016.

MAACK, R. *Geografia física do Estado do Paraná*. 2ª ed. Editora J. Olympio, Rio de Janeiro, 1981.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MARCHIORI, J. N. C. *Anatomia das madeiras do gênero Acacia, nativas e cultivadas no estado do Rio Grande Sul*. 243 f. Tese de doutorado (Engenharia Florestal), Universidade Federal do Paraná, 1990.

MARTINS, G. C. D. *Cartofonias: Expedições ao território volátil dos sons*. 182 f. Dissertação de Mestrado (Arte e Cultura Visual), Universidade Federal de Goiás, 2016.

MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano*. Campinas: Psy, 1995.

MATTOS, H. André Rebouças e o pós-abolição: entre a África e o Brasil. In: ANPUH. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, Rio Grande do Norte, 2013.

MENDES, A. C.; STRAUBE, E. C.; KARAM P. R. *Um século de cultura: História do Centro de Letras do Paraná (1912 – 2012)*. Unibrasil, 2012.

MELO, V. A. O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, SC, v. 30, n. 1, set. 2008.

MILECH NETO, D. *Um ilustrado na fronteira da alteridade: Félix de Azara e a questão do “outro”*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, 2015.

MIRANDA, L. F. A. O Deserto dos Mestiços: O Sertão e seus Habitantes nos relatos de viagem do início do Século XIX. *Revista História*, v. 22, n. 2, p. 621 – 643, 2009.

MISKIW, A. M. A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

\_\_\_\_\_. Curitiba, “República das Letras” (1870/1920). *Revista Eletrônica História em Reflexão*: Vol. 2, n. 3 – UFGD - Dourados Jan/Jun 2008.

\_\_\_\_\_. *Memórias e paisagens do Oeste do Paraná (1892)*. Cantareira (UFF), Rio de Janeiro, p. 1-12, 2003.

MOREIRA & MEDEIROS. *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

MURARI, L. *Tudo o mais é paisagem: Representações da natureza na cultura brasileira*. 2002, 591 f. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, 2002.

MURYCI, J. C. S. *À Foz do Iguassú: Ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuáva à Colônia de Foz do Iguassú, em novembro de 1892*. Imprensa Paranaense, Curitiba, 1896.

OATLEY, K. JENKINS, J. Compreender as emoções. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. 516 p. *apud*: SILVA, M. A. S. Por uma geografia das emoções. *Revista GEOgraphia*, Ano. 18, n.38, 2016.

PEREIRA, M. R. M. *Fazendeiros, industriais e não-morigerados: Ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889)*. 323 f. Dissertação de Mestrado (História Social). Universidade Federal do Paraná, 1990.

PÁDUA, J. A. Herança romântica e ecologismo contemporâneo: Existe um vínculo histórico?. *Varia Historia*, nº 33, Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. Defensores da Mata Atlântica no Brasil colônia. In: *Revista Nossa História*. Abril de 2004.

\_\_\_\_\_. Natureza e sociedade no Brasil monárquico. In: Grinberg, K.; Salles, R. (orgs.). *O Brasil Império*, Vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

\_\_\_\_\_. Pensamento ilustrado e crítica da destruição florestal no Brasil Colonial. *Nômadias*, núm. 22, abril, 2005.

PRIORI, A. *A história do Oeste Paranaense: séculos XIX e XX*. Maringa: Eduem, 2012.

RAMALHO, S. *Moda também é texto*. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

REQUE, J. A. *Civilização e barbárie no território paranaense: (1820- 1875)*. 2000. 52 p. Monografia (História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

REZENDE, C. B. COELHO, M. C. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RICOUER, P. *Na escola da fenomenologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

RITA, A. *Em viagem pela “Literatura de viagem” na comemoração dos 500 anos do achamento do Brasil*. CLEPUL, 2013.

RITT, E. *A colônia Militar de Foz do Iguaçu – PR: Um projeto de consolidação de uma fronteira: 1880 – 1920*. 2011, 142 f. Dissertação (mestrado em história). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ROCHA POMBO, J. F. *O Paraná no centenário (1500-1900)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ROSEVICS, L. *O Instituto Histórico e Geographico Paranaense e a construção de um imaginário regional*. 2009, 149 f. Dissertação (mestrado em história). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

RUNDVALT, D. *Para além do cenário, do palco ou do pitoresco: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX — Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg Wither e Visconde de Taunay*. UEPG, 2016.

SANTOS, A. C. V. R. A natureza dos românticos brasileiros: Uma leitura da sociologia ambiental. *Perspectivas*, São Paulo, v. 38, p. 75-92, jul./dez. 2010.

SCHACTAE, A. M. *Farda e batom, arma e saia: a construção da polícia militar feminina no Paraná (1977-200)*. 2011. Tese (doutorado em história), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

SEAMON, D. *A Geography of the Lifeworld*, New York: St. Martin's Press, 1979.

SECARIOLO, F. M. *O espaço paranaense em relatos de viajantes: fronteira, território e ocupação. 1870-1900*. 2010. 105 f. Dissertação (mestrado em história). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2010.

SILVA, D. C. *Atlas comentado da geologia e dos recursos minerais do estado do Paraná*. MINEROPAR, Curitiba, 2001.

SOARES, C. L. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 81-96, Dec. 2011.

SOARES, M. L. A. Paisagens do Medo. *Revista de Estudos Universitários*. Universidade de Sorocaba, v. 33, n.1, 2007.

STOLFI, G. Percepção visual humana. *Laboratório de Comunicações de Sinais*, USP, 2008.

SÜSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

SVOLENSKI, A. C. (org). *Plano de Manejo para o Parque Nacional de Ilha Grande*. Ministério do Meio Ambiente, Curitiba, 2008.

SWYNGEDOUW, E. A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização-cyborg”. In: ACSELRAD, H. *A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: D, P & A, 2001.

SZESZ, C. M. *A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas (1889-1920)*. 1997, 197 f. Dissertação (mestrado em história), UFPR, Curitiba, 1997.

TAVARES, H. M. *Sobre o céu, a terra, a água e o ar: Representações de viajantes Ilustrados sobre a Amazônia entre 1735 e 1815*. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2014.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 - 1800)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

TILLEY, C. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Revista Vestígios*. UFMG, v. 8, n. 1, Belo Horizonte, junho de 2014.

TOMPOROSKI, A. A. Entre o patrão e o coronel: a atuação da Lumber Company e as disputas políticas no pós-Contestado, 1917-1920. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH: *Anais*, 2011.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. *Paisagens do medo*. Ed. Unesp, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

VANALI, A. C. O pajé do Tibagi: Telêmaco Borba e sua contribuição à etnografia paranaense. *Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses)*, Curitiba, v.1, n.1, p. 275-302, 2015.

VARGAS, T. *O Maragato: A vida lendária de Telêmaco Borba*. Editora Juruá, Curitiba, 2001.

VERGARA, M. R. A Exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império Brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação. *Almanack*. Guarulhos, n.06, p.81-94, 2013.

Vítor, N. *A terra do futuro: impressões do Paraná* (1913). Editora Farol do Saber. Curitiba, 1996.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1988.

WOLFZETTEL, F. Relato de viaje y estructura mítica. In: TOBAR, Leonardo Romero & ELDUAYEN, Patricia Almarcegui (orgs). *Los Libros de viaje: realidade vivda y género literário*. Universidad Internacional de Andalucía, 2005.

ZOMER, L. Centro de Letras do Paraná e a atuação intelectual de Leonor Castellano. *Revista Tempo, espaço e linguagem*, v. 4, nº 2, 2013.